



Departamento de Sociologia

A relação com a internet dos estudantes dos cursos profissionais de
Comunicação e Informática do concelho de Caldas da Rainha

Ana Elisa Carreta de Sousa

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientador:
Doutor José Manuel Rebelo Guinote, Professor Associado com Agregação,
ISCTE-IUL

Junho, 2010



Departamento de Sociologia

A relação com a internet dos estudantes dos cursos profissionais de
Comunicação e Informática do concelho de Caldas da Rainha

Ana Elisa Carreta de Sousa

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientador:
Doutor José Manuel Rebelo Guinote, Professor Associado com Agregação,
ISCTE-IUL

Junho, 2010

Resumo

A dissertação centra-se no estudo da relação dos jovens dos cursos profissionais de Comunicação e Informática do concelho de Caldas da Rainha com a internet. Pretende-se com este verificar, através da aplicação de um questionário em sala de aula, qual a representação, utilização e apropriação que 155 alunos fazem da internet.

No capítulo 1 apresenta-se uma panorâmica dos estudos que têm vindo a ser desenvolvidos com os jovens sobre esta temática, nomeadamente os usos que fazem deste meio, as relações de sociabilidade que aí criam, as implicações desta utilização na relação com os pais, os espaços predominantes de utilização da internet e o papel da escola nestas questões. No capítulo 2 é apresentada a metodologia adoptada neste estudo, assim como os resultados obtidos junto dos jovens inquiridos, de forma agrupada e por género, consubstancializando-se os pontos abordados no primeiro capítulo.

Finalmente, dá-se conta das principais conclusões deste estudo, que revela a existência de cada vez mais jovens utilizadores deste meio, independentemente do percurso escolar. A escola tem um papel fulcral no acesso à rede, embora este ocorra frequentemente em casa. A diferença de usos e representação deste meio entre sexos é similar, mas as raparigas parecem mais despertas para o lado comunicacional e utilitário da internet e os rapazes para a vertente lúdica/tecnológica, ligada aos jogos, vídeos, software e música.

Nesta parte são também apresentadas algumas limitações do estudo e sugerem-se vias para futuras investigações.

Palavras-chave: Jovens; Internet; Utilização; Representação; Apropriação

Abstract

The thesis is centered in the study of the relationship between youngsters from professional courses of Communication and Informatics of Caldas da Rainha with the internet. With this study is intended to verify, throughout the appliance of a classroom questionnaire, which representation, use and appropriation 155 students do of the internet.

In chapter 1 is presented an overview of the studies that have been being developed with teenagers about this subject, namely the uses they do of this mean of communication, the sociability relations they create there, the implications of this usage in the relationship with parents, the main spaces of internet using and the role of the school in this matters. In chapter 2 is presented the methodology adopted in this study, as well as the results obtained from the

respondent teenagers, grouped and gendered substantiating the points approached in the first chapter.

Finally are shown the main conclusions of this study, which reveals the existence of an increasing number of youngsters that use the internet, independently of their school paths. School has a main role in the access to the net, although this happens more frequently at home. The difference of uses and representation of this media among genders is similar, but girls seem to be more awake to the communicational and useful side of internet and boys to the playful/technological side, related to games, videos, software and music.

In this part are also presented some limitations of the study and suggested new pathways for future investigations.

Keywords: Young; Internet; Use; Representation; Appropriation

Índice

Introdução.....	8
CAPÍTULO 1	
1. Portugal na Sociedade da Informação.....	10
1.1. A internet, símbolo e emblema da Sociedade da Informação e da Comunicação	12
2. A internet e os seus usos pelos jovens em Portugal	12
3. Relações de sociabilidade na internet.....	14
3.1. A internet como nova forma de mobilização popular	20
4. Controlo parental.....	20
4.1. O quarto dos jovens.....	22
4.2. A internet divide as famílias?.....	24
5. Os alunos, a internet e a escola	27
CAPÍTULO 2	
1. Metodologia	30
2. Análise dos resultados	
2.1. Representação - O que pensam os jovens da internet	32
2.1.1. O que pensam os jovens da internet, por género.....	38
2.2. Relações de sociabilidade na internet.....	39
2.3. O que pensam os jovens sobre a tecnologia da internet.....	39
2.4. O que pensam os jovens dos conteúdos da internet	40
2.5. O que pensam os jovens da internet (comparação com livros, televisão e escola).....	40
2.6. O que pensam os jovens dos impactos sociais da internet	41
3. Utilizadores da internet	44
3.1. Caracterização do acesso à internet.....	44
4. Utilização pessoal da internet.....	49
5. Procura de informação	
5.1. Navegação na internet	55
6. Sociabilidade na internet	57
7. Internet em casa.....	60
7.1. Localização do computador	61
7.2. Usos do tempo.....	67
8. Internet na escola.....	68
8.1. Finalidade da utilização da internet na escola.....	70
Conclusão	71

Bibliografia.....	78
-------------------	----

Anexos

A - Questionário “A relação dos estudantes dos cursos profissionais de Comunicação e Informática do concelho de Caldas da Rainha com a internet”	81
--	----

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 2.1: O que pensam os jovens da internet	37
Figura 2.2: O que pensam os jovens da internet (sexo feminino)	42
Figura 2.3: O que pensam os jovens da internet (sexo masculino)	43
Figura 2.4: Utilizei a internet pela primeira vez há... ..	44
Figura 2.5: Frequência de utilização da internet para... ..	45
Figura 2.6: Frequência de utilização da internet para... (sexo feminino)	46
Figura 2.7: Frequência de utilização da internet para... (sexo masculino)	46
Figura 2.8: Onde utilizo mais a internet	47
Figura 2.9: Onde utilizo mais a internet (por género)	47
Figura 2.10: Em média, quantas horas utiliza a internet por dia de 2 ^a a 6 ^a feira.....	48
Figura 2.11: Em média, quantas horas utiliza a internet por dia ao fim-de-semana	48
Figura 2.12: Em média, quantas horas utiliza a internet por dia de 2 ^a a 6 ^a feira (por género). ..	49
Figura 2.13: Em média, quantas horas utiliza a internet por dia ao fim-de-semana (por género).....	49
Figura 2.14: Em geral, quando vou para a internet... ..	51
Figura 2.15: Em geral, quando vou para a internet... (sexo feminino).....	53
Figura 2.16: Em geral, quando vou para a internet... (sexo masculino).....	54
Figura 2.17: Habitualmente quando vou para sites da internet... ..	55
Figura 2.18: Fontes de informação sobre sites	56
Figura 2.19: Fontes de informação sobre sites (sexo feminino)	57
Figura 2.20: Fontes de informação sobre sites (sexo masculino)	57
Figura 2.21: Já fiz amigos através da internet?	58
Figura 2.22: Já fiz amigos através da internet? (por género)	58
Figura 2.23: Utilizo a internet em casa de amigos?	58
Figura 2.24: Utilizo a internet em casa de amigos? (por género)	58
Figura 2.25: Tenho uma página na internet?.....	59
Figura 2.26: Tenho um blogue?	59
Figura 2.27: Tenho uma página na internet? (por género).....	59
Figura 2.28: Tenho um blogue? (por género)	59

Figura 2.29: Tenho internet em casa?	60
Figura 2.30: Tenho um portátil com ligação à internet e uso onde necessito?	60
Figura 2.31: Tenho acesso à internet em casa desde há... ..	60
Figura 2.32: Em casa, onde se encontra o computador?	61
Figura 2.33: Em casa, onde se encontra o computador? (sexo feminino).....	61
Figura 2.34: Em casa, onde se encontra o computador? (sexo masculino).....	62
Figura 2.35: Quem utiliza mais a internet em casa?	62
Figura 2.36: Quem utiliza mais a internet em casa? (por género).....	62
Figura 2.37: O seu pai utiliza a internet para fins pessoais ou no emprego?	63
Figura 2.38: A sua mãe utiliza a internet para fins pessoais ou no emprego?	63
Figura 2.39: Escolaridade do pai.....	63
Figura 2.40: Escolaridade da mãe	63
Figura 2.41: Utilizo a internet com... ..	64
Figura 2.42: Utilizo a internet com... (sexo feminino).....	65
Figura 2.43: Utilizo a internet com... (sexo masculino).....	65
Figura 2.44: Os meus pais preocupam-se com o que faço na internet?	65
Figura 2.45: Os meus pais preocupam-se com o que faço na internet? (por género)	66
Figura 2.46: Os meus pais impõem-me um limite de horas para usar a internet?	66
Figura 2.47: Os meus pais impõem-me um limite de horas para usar a internet? (por género).....	66
Figura 2.48: Desde que há internet em casa... ..	67
Figura 2.49: Desde que há internet em casa... (sexo feminino)	68
Figura 2.50: Desde que há internet em casa... (sexo masculino)	68
Figura 2.51: Na escola utilizo a internet... ..	69
Figura 2.52: Na escola utilizo a internet... (sexo feminino).....	69
Figura 2.53: Na escola utilizo a internet... (sexo masculino).....	69
Figura 2.54: Na escola quando utilizo a internet é... ..	70
Figura 2.55: Na escola quando utilizo a internet é... (por género).....	70
Figura 2.56: Porque escolheu o seu curso?	71
ÍNDICE DE TABELAS	
Tabela 2.1: Curso profissional	31
Tabela 2.2: Ano de escolaridade	31
Tabela 2.3: Idade	31
Tabela 2.4: Sexo.....	31

Introdução

“... Em comparação com a geração dos nossos avós, dispomos, actualmente, de uma panóplia extraordinária de ferramentas de comunicação destinadas a facilitar o nosso dia-a-dia, a abolir as fronteiras e a favorecer a transparência e a circulação da informação” (Rieffel, 2003:203).

Mais do que qualquer outra das gerações anteriores, os jovens de hoje estão conectados com um mundo de comunicação e informação nas pontas dos dedos, onde tudo acontece a um ritmo alucinante, onde distâncias e fronteiras são destruídas e onde cada indivíduo tem à sua disposição uma quantidade infinita de informação, com todas as implicações positivas e negativas que daí advém.

Nos estudos sobre os jovens não é comum analisar os media como elemento central da sua formação de identidade e práticas, sendo muitas vezes produto de uma atenção secundária no quadro das vivências. No entanto, é nossa convicção que ao tornarmos o nosso mundo cada vez mais um equilíbrio entre o mediado e o não mediado, as análises das culturas juvenis, as suas práticas e representações, e os seus relacionamentos inter-geracionais no quadro familiar e educacional, terão de passar por uma atenção cada vez maior sobre o uso dos media (Cardoso, Espanha e Lapa, 2009:8).

Na modernidade, a escola é a instituição que maior contribuição tem para a estruturação do tempo e das actividades no espaço dos jovens. Mas com a proliferação de novos media que enfatizam várias possibilidades de escolha e de utilização, a estruturação do tempo e do espaço do quotidiano juvenil tem sofrido alterações. Em casa e na escola a utilização e presença dos media, [em particular da internet], é cada vez mais notada (Cardoso, Espanha e Lapa, 2009:13).

Alguns estudos sobre o tema, que têm nos últimos anos tido lugar no país, de que são exemplo alguns projectos de investigação desenvolvidos no âmbito do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, intitulados “Crianças e Jovens: A sua relação com as Tecnologias e Meios de Comunicação” e “E-Generation: Os Usos dos Media pelas Crianças e Jovens em Portugal”, abordam esta temática. No entanto, parece-nos importante a actualização dos resultados obtidos, no sentido de verificar de que forma tem progredido a relação da internet com os jovens e no caso específico deste estudo, dos jovens dos cursos profissionais da família de “Comunicação, Imagem e Som” e “Informática”, do concelho de Caldas da Rainha.

Actualmente, há uma procura cada vez maior de alunos que optam por realizar o ensino secundário frequentando cursos profissionais, tanto em escolas vocacionadas para tal, como em escolas de ensino público regular, pelo que é cada vez mais premente analisar qual a relação do grupo de jovens referido, que optaram por um percurso escolar vocacionado para as novas tecnologias e a breve trecho se preparam para ingressar no mercado de trabalho, com a internet, tendo em conta três questões centrais: a) Qual a representação que os jovens têm da internet? (avaliar a imagem da internet entre os jovens) – impacto do discurso social, escolar ou familiar na representação que o jovem tem da internet e nos seus modos de utilização; b) Qual a utilização efectiva que os jovens fazem da internet? (condições concretas de utilização) – frequência, duração, lugar, enquadramento e condições de acesso; c) Como se verifica a apropriação da internet pelos jovens? Avaliar o grau de integração nos hábitos de vida dos jovens. Em que medida, por exemplo, o acesso à internet enriquece, modifica, altera comportamentos sociais, modos de aprendizagem, hábitos.

Para o cumprimento destes objectivos procedeu-se à recolha de informação e análise de dados através da aplicação de um inquérito por questionário (Anexo A) a 155 alunos em sala de aula e ao posterior tratamento estatístico dos dados através do software SPSS 17.

O presente estudo encontra-se organizado em dois capítulos, que são precedidos pela introdução do trabalho, onde é apresentado o problema em estudo, a sua pertinência e de forma breve a metodologia adoptada. No primeiro capítulo esclarece-se o quadro teórico que permitiu realizar a investigação, com a abordagem dos seguintes tópicos: “Portugal na Sociedade de Informação”; “A internet, símbolo e emblema da Sociedade da Informação e da Comunicação”; “A internet e os seus usos pelos jovens em Portugal”; “Relações de sociabilidade na internet”; “Controlo parental”; “O quarto dos jovens”; “A internet divide as famílias?”; “Os alunos, a internet e a escola”. No segundo capítulo é descrita pormenorizadamente a metodologia adoptada (objectivos do estudo; caracterização do universo; desenho do questionário; recolha de dados; forma de tratamento da informação) e é apresentado o relatório deste estudo sobre a representação, apropriação e utilização que os jovens fazem da internet, tanto de forma agrupada, como a análise, a estas questões, por género. Alguns pontos da escala, como “concordo” e “concordo totalmente” ou “discordo” e “discordo totalmente” do questionário aparecem de forma agrupada no relatório para uma melhor compreensão dos resultados apurados. No final, resumimos as principais conclusões do nosso estudo, identificando as suas principais limitações e salientando as recomendações que reputamos como mais relevantes para futuros estudos/projectos de investigação.

CAPÍTULO 1

1. Portugal na Sociedade de Informação

A União Europeia deu os primeiros passos para se integrar na Sociedade da Informação, em 1993, com a publicação de um relatório da Comissão Europeia intitulado Livro Branco, sobre “Crescimento, Competitividade e Emprego – Os Desafios e as Pistas para Entrar no Século XXI”. Portugal adoptou também uma série de medidas, de que se destaca a atribuição de um lugar de relevância à emergência da Sociedade da Informação, no Programa do XIII Governo Português.

Esta integração teve início com o Despacho do Conselho de Ministros, de 7 de Março de 1996, no qual se expressa a convicção de que “a modernização empresarial para a competição e a cooperação internacionais, a reforma da Administração, a formação das pessoas para o trabalho, o consumo, a saúde, a cultura, o ambiente, a cidadania ou o lazer, dependem hoje, e crescentemente, da qualidade das redes informativas disponíveis e da capacidade de uso efectivo da informação pelos cidadãos e pelas organizações” (p. 1). Neste diploma, definiu-se também uma equipa de trabalho, designada por Missão para a Sociedade da Informação. Uma das primeiras tarefas desta Missão consistiu em fazer um diagnóstico da situação de Portugal, face ao uso das novas tecnologias da informação, que muitos consideravam encontrar-se num “estádio pré-digital”. Deste diagnóstico, resultou o “Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal” (aprovado em Conselho de Ministros, no dia 17 de Abril de 1997) que continha uma reflexão estratégica sobre as linhas orientadoras para a integração do país na Sociedade da Informação.

Alguns dos pontos mais importantes deste livro destacam a promoção da criação de mecanismos que consolidem e facilitem a difusão do saber relativo à Sociedade de Informação, como a constituição de uma rede electrónica de investigação, o desenvolvimento de bibliotecas digitais, ou a digitalização dos arquivos históricos e do património cultural.

Um outro ponto dizia respeito às implicações sociais desta sociedade, em que se expressa a convicção de que as novas tecnologias contribuem para a melhoria da qualidade de vida e para o bem-estar dos cidadãos.

A defesa da privacidade e a conseqüente protecção dos direitos individuais é outro aspecto que integra ainda este ponto, bem como a preocupação com o fenómeno previsível da info-alfabetização e da infoexclusão.

O apoio a grupos socialmente desfavorecidos merece particular destaque, na medida em que os autores do Livro Verde estão convencidos de que todos os cidadãos têm o direito

de integrar a Sociedade da Informação e não apenas aqueles que dispõem de mais facilidade em aceder às novas tecnologias.

A estratégia definida pelo referido Grupo de Missão dá prioridade absoluta ao combate à info-exclusão, no intuito de promover uma sociedade mais livre, mais democrática e mais participada, criando para o efeito condições que permitam a massificação do uso destas tecnologias. Neste ponto, estão previstas algumas medidas para fomentar a info-alfabetização, como a promoção de programas extra-escolares e de formação profissional, de que foi exemplo, o Programa Internet na Escola, uma iniciativa do Ministério da Ciência e Tecnologia, que tornou possível a ligação à internet de todas as escolas do 5º ao 12º ano, através da instalação de computadores nas suas bibliotecas/mediatecas. Do mesmo modo, o programa Inforjovem criou 170 centros que permitiram, a mais de 300 mil jovens espalhados por todo o país, a formação adequada no âmbito das novas tecnologias.

Os jovens são o estrato social que demonstra uma predisposição natural para as novas tecnologias, pois, segundo Nora (1997: 415), “les enfants sont devenus presque “génétiquement” numériques”. A sua apetência para “manusear” as novas tecnologias em muito se justifica, segundo Santos (1998), pela aprendizagem proporcionada pela introdução, nos anos 80, dos vídeo jogos e das publicações em formato CD-ROM. De salientar as acções que têm como objecto as crianças que frequentam o ensino pré-escolar, visando fomentar nelas o contacto precoce com as novas tecnologias.

No combate ao fenómeno da info-exclusão foram adoptadas medidas em que o Governo, no intuito de estimular a massificação do uso doméstico dos computadores ligados à internet, regulamentou uma iniciativa denominada “Computador para Todos”, que se traduziu na dedução à colecta do IRS de 20% dos montantes despendidos com a aquisição de computadores, modems e placas RDIS para uso pessoal. Mais recentemente, o Governo estabeleceu ainda parcerias com operadoras de telemóveis onde os alunos podiam adquirir computadores portáteis com acesso à internet a preços convidativos, ou mesmo de forma gratuita, para aqueles que usufruem de subsídio, o que permitiu que muitos estudantes pudessem ter um computador pessoal com ligação à internet.

Ao longo dos anos, o Governo foi publicando documentos pontuais que reflectem a sua preocupação com a inserção de Portugal na Sociedade da Informação. A intensa actividade legislativa desenvolvida sobre estas matérias reforça a posição de alguns autores como Fdida (1997), que consideram que as novas tecnologias exigem modificações no actual enquadramento legislativo, no sentido de contornar os problemas que se colocam em matéria de propriedade intelectual e de confidencialidade, uma das já apontadas fragilidades à rede.

Portugal, através da actuação de diversos organismos políticos, tem feito um esforço no sentido de acompanhar a tendência, que preocupa igualmente os outros países membros da União Europeia, de integração plena de todos os cidadãos na emergente Sociedade da Informação.

1.1. A internet, símbolo e emblema da Sociedade da Informação e da Comunicação

“O mundo de hoje está inundado de informação, mas só o reconhecimento dessa informação enquanto manipulação, assimilação produz comunicação.” (Oliveira, 2004:76).

Com o rápido desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação, a consolidação da Sociedade de Informação aparece como um factor estratégico para a construção de novos modelos de organização social. Com a importância dada à internet, enquanto infra-estrutura mundial de informação e comunicação, esta torna-se o símbolo e emblema da dita Sociedade da Informação.

2. A internet e os seus usos pelos jovens em Portugal

Um estudo da Microsoft, no âmbito da comemoração do Dia Europeu da internet Segura 2010, intitulado “A Europa inicia sessão: As tendências actuais e futuras da internet” sobre o comportamento dos internautas europeus e as tendências de proliferação do uso e acesso à internet no futuro revela que em Portugal existem mais de quatro milhões de utilizadores de internet, que passam 34% do seu tempo online, mais do que o tempo passado a ler material impresso, a ver filmes ou a jogar videojogos. Os utilizadores portugueses são dos que consomem mais tempo a visitar portais de internet (34%) e a comunicar através de aplicações de mensagens instantâneas (23%).

Este estudo prevê ainda que o consumo da internet ultrapasse a TV tradicional em Junho de 2010. O consumo da internet será, em média, de 14,2 horas por semana, ou seja, mais de 2,5 dias por mês, em comparação às 11,5 horas por semana ou 2 dias por mês, para a televisão. Estas estimativas reflectem as constantes mudanças na forma como utilizamos o conteúdo de televisão. A TV deixou de ser uma experiência de transmissão unidireccional, passando a ser uma experiência de ligação bidireccional e fornecida através de banda larga para vários ecrãs: TV, PC e telemóvel.

Actualmente, a maioria dos utilizadores utiliza a internet através de um computador (95%), no entanto, estima-se que nos próximos cinco anos, graças à proliferação do acesso à rede através de dispositivos alternativos ao computador, o acesso à internet através de um PC deve decrescer para 50%.

Segundo este estudo para alguns segmentos do mercado, tais como jovens na faixa etária entre os 18 e os 24 anos, o computador é geralmente o único ecrã de televisão, enquanto

para outros, pode ser um segundo ou um terceiro ecrã. Para esta geração, geralmente TV significa vídeo on demand. De facto, um em cada sete jovens entre os 18 e os 24 anos não vê quaisquer programas em directo na televisão, enquanto 42% dos jovens adultos vê regularmente TV online, através de um PC. O computador está a tornar-se rapidamente num ecrã de televisão, tanto para ver conteúdos de banda larga, com um crescimento contínuo de popularidade, como para ver televisão em directo e programas de TV gravados no PC.

Um outro estudo da OBERCOM, publicado em Março de 2009 e intitulado “E-Generation 2008: Os usos de Media pelas crianças e jovens em Portugal” revela que um quarto dos inquiridos não tem computador em casa e perto de metade (46,9%) tem um computador. Ainda assim, uma fracção apreciável de inquiridos, que corresponde a 28,1%, declara ter dois ou mais computadores em casa. A maioria dos jovens tem o computador nos seus quartos, e é em casa que mais utilizam a internet (54,9%), seguido da escola (49,3%).

Estes dados demonstram que a escola é um local com uma importância estratégica quanto ao desenvolvimento e promoção da info-literacia de sectores da população juvenil que não têm acesso à internet em casa, nem têm hipótese de o obter, e de complemento ao acesso em casa.

Tanto ao fim-de-semana como durante a semana é da parte da tarde até às 20h00 que o acesso à rede mais se concretiza, sendo que esse acesso serve essencialmente para visitar sites de jogos, música ou vídeos. Os conteúdos culturais, os blogues, as notícias e os conteúdos relacionados com software e informática são menos populares, recolhendo as preferências de menos de 20%, mas de mais de 10% dos inquiridos.

Em Portugal, a média da idade que os inquiridos recordam que utilizaram a internet pela primeira vez é de cerca de 10 anos de idade, pelo que é de prever que a idade média em que os internautas começaram a utilizar a internet tenderá a diminuir com a generalização e facilidade de acesso à internet.

A consulta do correio electrónico é das utilizações mais frequentes pelos jovens, ao contrário das chamadas de vídeo e telefone realizadas através da internet. Entre este público a comunicação estabelece-se através de programas de mensagens instantâneas, como o Messenger.

A consulta de sites de redes sociais é uma prática comum entre os jovens internautas dos 16 aos 18 anos (81,4%) e entre os adolescentes dos 13 aos 15 anos (65,4%). É na adolescência que se aposta mais no alargamento e aprofundamento das relações sociais e que, concomitantemente, a frequência do acesso a sites de redes sociais aumenta e se torna mais frequente.

A procura de informação através de um motor de busca é também uma prática enraizada para 76% dos jovens internautas portugueses. Cerca de um terço (33,9%) afirma que o faz pelo menos uma vez por dia e 28,4% afirma que o faz pelo menos uma vez por semana. A utilização de novas ferramentas pedagógicas, como enciclopédias multimédia, é uma realidade presente para 61,7% dos respondentes.

A utilização de outros serviços como a compra online de produtos ou serviços ainda é muito rara entre os jovens portugueses e é alvo de vigilância e controlo dos pais. O estudo Bareme internet de 2009 revela que na faixa-etária dos 15 aos 17 anos apenas 20,6% já comprou produtos/serviços online e 36,3% já o fez na faixa-etária dos 18 aos 24 anos.

3. Relações de sociabilidade na internet

A problemática da sociabilidade, da interacção social ou individual ou das comunidades virtuais da internet é das questões que mais interesse tem suscitado entre os sociólogos.

Como toda a inovação tecnológica provoca, também o aparecimento da internet gerou em seu torno um discurso dicotómico. Por um lado, para os “integrados”, como Gianni Vattimo e Nicholas Negroponte, a internet é a “promessa de um mundo novo, umas vezes designado por teledemocracia, outras por ciberdemocracia e outras, ainda, por democracia electrónica” (Rebelo, 2003:26), que traz consigo uma “transparência”, um “saber harmonizado, descentralizado, mundializado e libertado de qualquer constrangimento”, como o proclama Negroponte em *L’Homme Numérique* (1995) e uma “flexibilidade”, de tudo se poder fazer sem sair de casa. Como profetizou Bill Gates (1995) “Um dia virá em que poderá negociar, estudar, explorar o mundo e as suas culturas, assistir a qualquer espectáculo, reforçar amizades, fazer compras nas lojas do seu bairro, mostrar fotografias...sem abandonar o escritório, ou sem se levantar do seu sofá”. (Rebelo, 2003, 26). Mas se por um lado encontramos os adeptos incondicionais da internet, por outro há aqueles, como Philippe Breton ou Paul Virílio que consideram este meio “falsamente livre porque inserido numa sociedade onde a visibilidade extrema redundaria numa extrema vigilância.” (Rebelo, 2003:26). Breton (2000) encara a comunicação através da internet como uma “comunicação sem rosto e sem carne”, interrogando-se sobre a legitimidade de construção daquilo que ele qualifica como uma “sociedade a-social”, e pergunta: “Esse novo colectivismo, sob a forma de uma reconexão global da espécie humana com ela própria, não implicará a perda de tudo o que respeita ao corpo, à interioridade, à memória; à expressão; à capacidade argumentativa; à comunicação directa; em suma; àquilo que é a própria essência da humanidade?”. À medida, que nos aproximamos do “longínquo”, diz Paul Virílio (2000), afastamo-nos do próximo, do

amigo, do familiar. Na opinião deste autor estabelecer-se-ia uma relação apenas virtual, desprovida do sentido de comunidade, de solidariedade, de consequências nefastas, nomeadamente nas relações de trabalho.

Durante anos levantou-se a questão da internet conduzir ao isolamento, à depressão e ao suicídio ou, pelo contrário, ao facto de a internet ser um mundo extraordinário de liberdade, desenvolvimento, no qual todos querem estar, no qual todos formam uma comunidade (Oliveira, Cardoso e Barreiros, 2004: 233-234).

Um estudo da British Telecom realizado numa série de lugares onde se utilizava a internet veio provar que a internet nada muda. As pessoas continuam a fazer na internet o que faziam antes, e aqueles que estavam satisfeitos estão muito melhor, aqueles que estavam mal, assim continuam. Aqueles que tinham amigos continuam a tê-los na internet e quem não os tinha tão-pouco os terá (Oliveira, Cardoso e Barreiros, 2004: 234). Na verdade, a internet é uma ferramenta que desenvolve, mas não muda os comportamentos que se apropriam da internet e que, portanto, se amplificam e se potenciam a partir daquilo que são. Por isso, não é a internet que altera o comportamento, mas o comportamento que altera a internet.

As comunidades virtuais, onde a comunicação online tem especial incidência, principalmente entre os jovens, geram sociabilidades, relações e redes de relações humanas, que não são contudo similares às comunidades físicas. No caso das comunidades virtuais o mais interessante é que estas se baseiam nos interesses individuais e nas afinidades e valores das pessoas.

Como meio, a internet é excelente para preservar e reforçar os laços fortes existentes a partir da relação física. Não é que a internet tenha vindo diminuir a sociabilidade de base comunitária física tradicional, só que cada vez mais as pessoas seleccionam outros com quem construir relações baseadas em interesses comuns, isto é, constroem laços electivos. Por exemplo, no caso dos jovens, estes têm tendência a juntar-se a outros que partilhem os mesmos gostos musicais, frequentem o mesmo estabelecimento escolar, entre outros. E é esta formação de redes pessoais que a internet permite desenvolver mais fortemente.

Quando Wellman procurou medir a influência da internet sobre as outras sociabilidades, encontrou algo que contradiz os mitos sobre a internet. É o que designou de “quanto mais, mais”, ou seja, quanto mais rede social física se tem, mais se utiliza a internet; quanto mais se utiliza a internet, mais se reforça a rede física que se tem. Isto é, há pessoas e grupos de forte sociabilidade, existindo uma correspondência entre a sociabilidade real e virtual. E há pessoas de fraca sociabilidade, em que também é correlativa a fraca sociabilidade real e virtual. O que acontece é que, nos casos de fraca sociabilidade real, há alguns efeitos

compensatórios através da internet, como o seu uso para se sair de um isolamento relativo (Oliveira, Cardoso e Barreiros, 2004: 235).

A criação de comunidades virtuais, constituídas na sua maioria por pessoas que não se conhecem fora da rede, inaugura novas formas de sociabilidade. Os indivíduos, membros das comunidades virtuais que habitam o ciberespaço, constroem as suas identidades num contexto comunicacional que gera uma teia de novas sociabilidades. Thompson (1998:57) afirma que “...sentimos que pertencemos a grupos y comunidades que se han constituído, en parte, a través de los media”, no que o autor designa de “sociabilidade mediática”. As motivações das pessoas que integram as comunidades virtuais passam pela procura de informação muito diversa e pela vontade de comunicar, via internet, com pessoas que já conhecem fora da rede, ou com pessoas que ainda não conhecem e com as quais procuram estabelecer relações da mais diversa índole. A internet é, como a define Holtzman (1997:31), “a window into social space”. Neste contexto importa perceber se os relacionamentos estarão a ser modificados à medida que se tornam mais mediados electronicamente. Esta questão leva-nos a analisar algumas hipóteses relativamente à troca recíproca na Sociedade da Informação. Como já vimos um dos objectivos principais consiste em obter informação sobre os mais diversos assuntos, sendo um elemento importante na análise dos grupos sociais que se formam na rede, perspectivada não no sentido de simples transmissão da informação, mas antes no sentido da partilha, já que o ritual da troca torna possível a interacção entre os sujeitos. Esta troca é a condição de integração dos indivíduos numa nova sociedade que se projecta no final deste século - a Sociedade da Informação - definida por Flusser (1998: 21) como “(...) a forma de estar na qual o interesse existencial se concentra na troca de informações com os outros (...)”. A Sociedade da Informação proporcionar-lhes-á possibilidades infinitas de realização, na medida em que inaugura novas formas de interacção, baseadas na troca de informação, condição única de realização dos indivíduos neste novo universo comunicacional.

Ao falarmos destas relações importa definir o conceito de comunidade, dentro da qual estas relações acontecem. Assim, e segundo Tonnies em Cruz (1995: 511), uma comunidade é “toda a convivência íntima, familiar, exclusivista...”. Obviamente que esta definição evidencia características como a partilha do sentimento de pertença a um grupo; a identidade comum; o estabelecimento de relações genuínas e autênticas, com base na permanência; a motivação para alcançar um projecto comum; e as formas próprias de comunicar. No entanto, e embora à partida pudesse ser complexo aplicar este modelo aos agrupamentos sociais contemporâneos que se desenvolvem no ciberespaço, a verdade é que também nas comunidades virtuais podemos identificar algumas das características das comunidades

tradicionais, ainda que a interacção seja mediada. Como refere Rheingold, a interacção entre os membros desta comunidade é transferida de um espaço físico para um outro espaço concebido pelas novas tecnologias. As relações sociais estabelecidas entre os indivíduos sofrem profundas modificações. Através da ligação à internet tornou-se possível comunicar com indivíduos que não conhecemos e partilhar interesses comuns, estabelecendo novas formas de relações sociais. Como disse Cardoso (1998: 115), comunidade virtual é um grupo social não sujeito a padrões de dimensão específicos, em cuja base de formação se encontra a partilha de interesses comuns, de tipo social, profissional, ocupacional ou religioso no qual não se procura apenas informação, mas também pertença, apoio e afirmação.

Por intermédio das novas tecnologias, os processos comunicativos articulam-se e dão visibilidade ao funcionamento das novas formas de sociabilidade. A exemplo, das comunidades tradicionais, nas comunidades virtuais os indivíduos interagem, com a finalidade de fazerem quase tudo o que fazem directamente. A única diferença, óbvia, é que a interacção nas comunidades virtuais se faz, exclusivamente, por mediação do computador. Comunica-se com aqueles que partilham as mesmas afinidades, os mesmos gostos, os mesmos interesses, com a finalidade de interagir com eles.

No caso das relações estabelecidas com indivíduos fora da rede, essas relações são reforçadas através do contacto online. As novas tecnologias transformam-se em mais um instrumento, ao dispor de todos os membros das comunidades tradicionais, para comunicarem, não colocando, assim, em perigo a própria existência desta comunidade. Como disse Hamman (1999:10), “communities continue to exist but are supported through a number of technologies including the printed word, transportation, and new communications technologies. Computer mediated communication is just one of the many technologies used by people within existing communities to communicate, and thus to maintain those community ties over distance», apesar das barreiras, aparentemente inultrapassáveis, do tempo e do espaço.

Nas comunidades virtuais desenvolve-se, a exemplo das tradicionais, um sentimento de pertença entre os elementos que os compõem. E é a partir deste sentimento que se pode edificar uma sociedade cujo “cimento” (aquilo que liga os múltiplos nós da rede) é a informação.

As novas tecnologias permitem fundar comunidades reais, propiciadas pela existência de interactividade entre os sujeitos, mas virtuais, na medida em que, nesta interacção, os sujeitos não assumem uma presença física tangível.

O grande interesse do ciberespaço reside no vitalismo social que ele permite (Messenger, canais de conversação, newsgroups, e-mails), já que constitui um espaço propiciador da dinâmica social. As redes telemáticas geram, inclusive, novos espaços de encontro na comunidade tradicional, como os cibercafés. Sendo assim, as formas de sociabilidade contemporâneas encontram na tecnologia um catalisador, um instrumento de conexão. Os indivíduos ligam-se uns aos outros no ciberespaço, que surge como a actualização de alguns dos locais de interacção por excelência nas comunidades tradicionais.

A internet pode assim ser entendida como uma estrutura que permite expandir a noção de lugar público, visto que, no lugar electrónico, constituímos-nos como “membros de uma comunidade planetária cuja localização, em termos físicos, é inexistente visto ser feita em bits, no Ciberespaço” (p. 154). Apesar de não partilharem o mesmo espaço físico e da interacção ser, por conseguinte, mediada, estabelecem entre si laços de afinidade que resultam em relações sólidas, como, por exemplo, as de amizade (algumas das quais culminam em matrimónio), contribuindo, de qualquer modo, para a consolidação de uma comunidade de pleno direito. Verifica-se que a forma de interacção mediada pelos dispositivos tecnológicos informáticos coexiste com formas de “interacção face a face”, complementando-a quando os indivíduos se conhecem fora da rede. Existem inúmeros exemplos de comunidades virtuais, cujos membros residem na mesma cidade o que lhes permite o estabelecimento de relações face a face, reunindo-se fora da rede, em locais que já consagraram como ponto de encontro.

Segundo Rheingold (1996), outro aspecto interessante nas comunidades virtuais reside no facto de o processo de formação de laços de afinidade social sofrer uma espécie de inversão. Por exemplo, na forma tradicional de estabelecer laços de afinidade, procuramos seleccionar as pessoas entre os nossos vizinhos, colegas de trabalho, conhecidos, etc., e, só depois, trocamos informações e procuramos descobrir se os seus interesses são idênticos aos nossos. Com a ligação às redes telemáticas, o processo inverte-se: seleccionamos de imediato um grupo de pessoas que, de antemão, já sabemos que partilham os nossos interesses (através, por exemplo, dos newsgroups).

Apesar destas considerações, e apesar de a tendência ser para a generalização, o acesso à internet, globalmente, ainda não está suficientemente generalizado, pelo que não podemos pensar que as novas comunidades virtuais vão substituir as comunidades designadas tradicionais, “o que não invalida que as comunidades que vêm surgindo online não possam desenvolver-se com sucesso, constatando-se, paradoxalmente ou não, que as que maior sucesso alcança são precisamente aquelas que conseguem manter a dualidade de um contacto físico e virtual. Talvez no momento actual, seja essa a solução a seguir. (Ramos, 1998: 142).

A internet veio até dar uma nova vida às relações. Através dos diferentes produtos apresentados na rede, como o texto, o vídeo, etc., o indivíduo pode estabelecer relações sociais com diversas pessoas sem sair de casa. Estas relações são, como já vimos, estabelecidas em função dos interesses comuns partilhados por quem navega na rede. Desta forma, recuperou-se uma sociabilidade perdida, na medida em que a azáfama do dia-a-dia não permite que as pessoas se encontrem nos espaços de sociabilidade tradicionais, como as igrejas, cafés, jardins, etc. Esta sociabilidade é, então, realizada no ciberespaço; a vivência em comunidade realiza-se num outro espaço que não o físico, mas que amplia e alarga as relações sociais: o virtual complementa o real.

A combinação das formas de relacionamento presencial e virtual é uma das grandes mudanças que se fica a dever à internet, mas no sentido da acumulação e não da substituição de uma pelas outras (Cardoso, 2005:179).

Os adolescentes, hoje, não aprendem apenas observando, mas através de um processo de descoberta e de participação (Tapscott, 1998). Tal aprendizagem é intrinsecamente motivada por um desejo de experimentar novos “mundos” e de os poder controlar, ao mesmo tempo que o ambiente virtual lhes exige a capacidade de desenvolver diferentes actividades (multi-tarefas). Os jovens navegam na internet, onde conversam com amigos, pesquisam, fazem downloads ou jogam com outros utilizadores. A internet é utilizada principalmente para a aprendizagem social, comunicação, relações sociais e para promover o sentido de pertença. É um espaço virtual onde os indivíduos interagem socialmente com outras pessoas e onde as amizades são alimentadas.

Um estudo realizado sobre a forma como os adolescentes usam a internet e o papel deste meio como um agente de socialização (Lee e Conroy, 2003: 1710) mostrou que a internet propicia um ambiente onde os adolescentes podem observar e aprender atitudes e comportamentos, não só através da interacção virtual frequente com amigos conhecidos, mas também com as comunidades globais. A internet pode ser vista como um sistema social virtual que permite que os adolescentes expressem as suas opiniões e formem relacionamentos e comunidades em todo o mundo. Essas comunidades são desenhadas por causa do interesse mútuo, e não são limitados pela geografia. Isto implica que a socialização dos adolescentes não esteja restrita às fontes tradicionais de família, amigos, escola e exposição passiva aos media, como a televisão. Pelo contrário, a interacção activa permitida pela internet faz com que o círculo de influência seja agora mais global e amplo.

“A internet surge como um potenciador dos contactos à escala global, intensificando a frequência das comunicações entre indivíduos.” (Cardoso, 2005: 196)

3.1. A internet como nova forma de mobilização popular

Diferentes comunidades virtuais têm utilizado a internet como um meio mobilizador de causas. Talvez o maior exemplo de mobilização em “rede” seja o 15 de Fevereiro de 2003, onde milhões de pessoas em todo o mundo invadiram as ruas numa manifestação contra a intervenção norte-americana no Iraque. Este acto não se deveu a “convocações partidárias tradicionais, mas a mensagens, apelos e petições que fervilham em rede, essa “marca” distintiva e estruturante dos novos movimentos sociais” (Rebelo, 2003b:14). Independentemente da língua, etnias, idades, estilos de vida ou posicionamentos políticos todos se uniram para dizer “Não à Guerra”, uma união fruto de uma comunicação em “rede”, que marcou “o primeiro dia da neo-modernidade” (Rebelo, 2003b:14).

Também Gustavo Cardoso e Pedro Pereira Neto referem o importante papel das novas tecnologias da informação na manifestação de apoio à independência de Timor, que funcionou, ao mesmo tempo, como ferramenta utilizada pelos manifestantes e como objectivo de algumas das suas acções, confirmando a tese de Mario Diani para quem, se a comunicação mediada por computador não cria laços sociais, contribui, decisivamente, para o aprofundamento dos que já existem (Rebelo, 2003b:13).

Diariamente todos nós recebemos via internet, petições, declarações, abaixo-assinados, etc. que nos mantém em contacto com tudo o que “mexe”. Este tipo de mensagens capazes de gerar “ondas” de apoio de tão grande dimensão, como foi o caso da manifestação contra a intervenção norte-americana no Iraque, têm tido tamanho sucesso, que hoje são comuns a propósito de diferentes temas. São inúmeras as petições, que diariamente circulam online sobre campanhas para doar sangue ou apoiar o candidato de um concurso através do voto em massa, etc., e que nos chegam por correio electrónico, divulgadas substancialmente por comunidades virtuais que defendem uma causa ou ideia, que se torna comum a milhares de pessoas, que se mobilizam para a apoiar.

4. Controlo parental

O estudo da Microsoft de 2010 “A Europa inicia sessão: As tendências actuais e futuras da internet” revela que dois terços (61%) dos adolescentes afirmam que os seus pais não fazem nada para limitar ou controlar a sua utilização da internet.

Relativamente ao nível de conhecimentos dos progenitores, 45% dos jovens portugueses indicam que os pais têm conhecimentos muito limitados, ou mesmo nulos dos temas ligados à internet. O controlo da utilização deste meio apenas é feita por metade dos pais portugueses (52%), que admitem controlar os movimentos online dos seus filhos, embora 69% manifeste confiança de que os filhos tomam as precauções necessárias.

Também o estudo “E-Generation 2008: Os usos de Media pelas crianças e jovens em Portugal” revela que a utilização da internet não é uma experiência partilhada, uma vez que mais de metade dos jovens (55,9%) assinalam que costumam estar sozinhos quando estão a navegar na rede. A companhia mais frequente é constituída por amigos ou amigas (em 19,6% dos casos). Os irmãos ou irmãs são uma companhia para 11,9% dos casos. Já a presença do pai ou da mãe é apenas habitual em 5,1% e 5,9% dos casos, respectivamente.

Um dado curioso mostra que a auto-aprendizagem da utilização da internet, sem ajuda de ninguém, foi uma realidade para 43,6% das crianças e dos adolescentes inquiridos. Os principais agentes dessa aprendizagem, para além dos próprios inquiridos, foram os irmãos ou as irmãs, em 11,8% dos casos, e um professor ou professora da escola, em 11,4% dos casos. Para 5,5% dos respondentes foi o pai que ensinou a utilizar a internet e para 4,8% foi a mãe. Observa-se uma maior percentagem de inquiridos do sexo masculino (47,9%) que dizem ter aprendido a usar a internet sozinhos do que de raparigas (39,3%).

Entre as crianças e os adolescentes internautas, 39,1% afirma que só os próprios utilizam a internet em casa, enquanto 37,9% afirma que os irmãos ou irmãs também utilizam este meio. Ademais, 25% assinalam que o pai também utiliza a internet e 24,4% que também a mãe navega online. Acrescente-se ainda que 35% dos inquiridos apontam que são os próprios os utilizadores mais habituais da internet em casa e 17,4% apontam os irmãos ou irmãs como os maiores utilizadores da internet. Apenas 6,8% assinalam que o pai é o maior utilizar e somente 3,6% apontam o dedo à mãe.

Segundo um inquérito online realizado em 2006 (Cardoso, Espanha e Lapa, 2009: 188), 44,8% dos jovens revelou já ter tido discussões com os pais por causa do tempo passado online, sendo mais indicado por raparigas (47,2%) do que por rapazes (42,9%). Dos jovens inquiridos, 18,5% assinalam que já tiveram discussões com os progenitores em torno do período do dia em que estão online, enquanto 16,7% refere que foi o que gasta enquanto está na internet que motivou a discussão. Por fim, 8,5% aponta que o que faz quando está ligado à rede foi o que originou problemas com os pais. É entre os mais novos que há uma menor percentagem de jovens a ter discussões com os pais, o que poderá resultar de um controlo paternal mais apertado, onde os pais podem impedir o acesso ao computador e à internet (Cardoso, Espanha e Lapa, 2009: 189). A frequência dos conflitos poderá, por um lado, ser fruto de uma crescente liberdade e autonomia (ou de uma crescente procura dessa autonomia) quanto ao acesso e ao uso da internet e, por outro lado, cruzar-se com as dinâmicas próprias do (ainda curto) ciclo de vida do adolescente em termos de negociação da autonomia entre pais e filhos.

No que se refere a proibições, a grande maioria dos inquiridos estava proibida de fazer compras na internet ou de dar informações pessoais. O controlo é, no entanto, maior sobre o sexo feminino que são mais advertidas pelos pais para não fazerem compras (43,3%), nem darem informações pessoais (42,9%), do que os rapazes, 40% e 35,8%, respectivamente. São também mais os jovens do sexo masculino que dizem nunca terem sido proibidos pelos pais quanto a nada relativamente à sua navegação na internet (44,9%), do que as jovens do sexo feminino (40,7%). Os conflitos em torno do tempo de utilização da internet são os mais frequentes entre pais e filhos, isto porque os progenitores receiam que o tempo dedicado a este media reduza o rendimento escolar e tenha consequências na vida familiar, saúde, etc., não porque as suas preocupações tenham que ver com os conteúdos da internet ou a exposição dos seus filhos aos mesmos. “A atitude mais comum dos progenitores é pensar que esses conteúdos não afectam directamente os seus filhos. De algum modo, desenvolve-se nos pais uma atitude de dissipar a influência e o controlo sobre os conteúdos em “outrem”, através de duas dimensões: são os filhos dos outros que são afectados, e são outras pessoas ou entidades que devem trabalhar para mediar ou controlar os conteúdos”, como o poder público, as organizações públicas ou da sociedade civil, a escola, etc. (Cardoso, Espanha e Lapa, 2009: 201-202).

4.1. O quarto dos jovens

A casa está a transformar-se num local de cultura multimédia com integração audiovisual e serviços de informação e telecomunicação. Como tem sido identificado no contexto norte-americano e europeu, hoje, os mais novos crescem em lares rodeados de infra-estruturas mediáticas muitíssimo mais diversificadas e dispersas do que as existentes na geração dos seus pais (Livingstone, 2002). O computador, assim como a televisão e outros aparelhos de media, passaram a estar presentes no quarto dos jovens, dando lugar a espaços que se constituem como centros de recursos, sobretudo electrónicos, e em torno de ecrãs, tornando-se uma questão central para a emergência de autonomia dos mais novos e das suas identidades pessoais. Não podemos, todavia, considerar que a sala se tornou irrelevante enquanto espaço familiar comum na utilização dos media. Pelo contrário, verifica-se que continua a ser bastante relevante porém tem sofrido a concorrência de outros espaços domésticos mais privados (Cardoso, Espanha e Lapa, 2008: 4).

Esta nova cultura acarreta mudanças significativas na relação das pessoas com os espaços. A consideração da rua e dos espaços públicos como locais de perigo e de ameaça tem levado a que os tempos livres das crianças se processem cada vez de formas mais privatizadas e institucionalizadas, em espaços fechados e apenas aparentemente sob controlo, já que na

verdade quando um jovem está a navegar na internet, encontra-se na presença de um media cada vez mais comercial, global e interactivo, que proporciona a crianças e jovens contactos com outros territórios, lugares e pessoas, desconhecidos.

O estudo sobre a recepção dos meios de comunicação social assinala variações significativas nos ambientes dos lares, com a chegada dos novos media tanto aos lares como aos quartos dos jovens e crianças. Este estudo conclui que se é visível uma relação directa entre os rendimentos familiares e os meios disponibilizados nos ambientes onde existem mais media, a relação é menos directa entre o grau de instrução dos pais e esses ambientes tecnologicamente de vanguarda: pais com menos instrução podem favorecer ambientes ricos em media, enquanto pais com mais instrução podem privilegiar ambientes com menos media (Rebelo, 2008:156).

Os quartos das crianças cujos pais têm ensino superior para além de terem menos televisores do que os quartos das crianças cujos pais têm apenas escolaridade básica, apresentam também menos consolas de jogos e mais computadores, DVDs, aparelhagem CD, MP3/MP4 e câmaras de vídeo. Estes pais têm como prioridade obter ou melhorar o acesso à internet e ao contrário do que acontece nos outros grupos de escolaridade, o televisor não atinge os 10% das suas intenções de compra. No conjunto dos equipamentos disponíveis e mesmo se os quartos dos seus filhos já se encontram apetrechados, haverá aqui uma distanciação relativamente a quartos mais “tradicionalistas” em media. Não por falta de recursos financeiros, mas por opção parental de não instalar certos equipamentos nesse espaço. Esta postura contrasta com a dos pais com ensino secundário, que são os maiores entusiastas na aquisição de novos equipamentos móveis e que colocam como primeira opção na sua lista de aquisições o emparelhamento televisor e DVD. Também nos quartos das crianças cujos pais têm o ensino básico (a maioria), o computador suplanta o televisor no primeiro lugar da lista de compras eventualmente a concretizar. Seguem-se as consolas de jogos, DVDs e MP3/MP4, enquanto que a internet regista níveis de intenção bem menores.

Como nos lares britânicos, como revelou o estudo de Livingstone (1998), que foi cinco anos mais tarde actualizado, a distinção entre quartos de crianças ricos em media e tradicionais não resulta tanto de diferenças económicas mas de considerações de ordem cultural. Confirma-se, por outro lado, a aspiração, entre os pais com menos escolaridade, de virem a proporcionar aos seus filhos quartos apetrechados com equipamentos digitais. (Rebelo, 2008:156-157).

Uma das explicações para estes dados prende-se com o facto de actualmente, as crianças e jovens crescerem em famílias mais democráticas nas suas relações e estão no

centro das decisões quanto à aquisição de equipamentos, independentemente do nível de escolaridade dos pais (Rebelo, 2008:291). Outras das explicações tem que ver com o sentimento dos pais com menor escolaridade quererem proporcionar aos filhos ferramentas que consideram poder vir a melhorar o seu desempenho escolar, ao mesmo tempo que lhes dão acesso a equipamentos que eles não puderam ter. Tem que ver com o querer dar mais e melhor aos filhos do que a que se teve acesso. Apesar de terem uma menor escolaridade os pais sabem que um maior conhecimento e domínio das novas tecnologias permitem melhores oportunidades de vida, nomeadamente a nível de trabalho. Aliás, o estudo da ERC (2008) revela que os quartos de dormir das crianças aparecem como espaços muito mais bem equipados do que o resto da casa, com novos recursos tecnológicos e de vanguarda. O que traduz um forte investimento, por parte das famílias, na relação das crianças com a tecnologia. (Rebelo, 2008:159). Também Wall constata que em relação aos valores da família há, em Portugal, uma forma de organização doméstica que fomenta uma convivência prolongada entre pais e filhos. A saída de casa dos progenitores ocorre mais tarde, comparativamente ao contexto europeu, assistindo-se a representações que alimentam valores familialistas e muito centrados nos filhos (Wall et al, 2007:81). Deste modo, as recompensas individuais podem ser adiadas e transferidas para a geração seguinte. A penetração dos meios de comunicação no quotidiano pode traduzir-se em novas formas de organizar práticas de tempos livres e de estudo. E a utilização dos vários media poderá de certa forma traduzir o dia-a-dia dos jovens nos seus espaços (casa, escola, outros). A organização, no tempo e no espaço, do uso dos media traduz ainda maiores ou menores graus de liberdade dos jovens, é um foco de negociação e de possível conflito com pais e educadores (Cardoso, Espanha e Lapa, 2008: 2).

4.2. A internet divide as famílias?

Embora muitas famílias tenham já no seu lar ligação à internet, este meio continua a ser um factor que as divide. A maior causa para tal parece residir na falta de preparação dos pais para controlar o acesso dos filhos ao meio online, bem como todos os riscos a ele inerentes. Pouco familiarizados com a Web, é difícil para os pais controlarem aquilo que desconhecem. Muitas crianças e jovens descobrem e usam as inovações digitais antes dos seus pais; são elementos que formam parte quotidiana da sua vida e das suas actividades (Cardoso, Espanha e Lapa, 2008: 3). Segundo Sala e Blanco, as crianças e adolescentes percebem a internet e os computadores como algo lúdico, enquanto os pais podem considerar esses meios de comunicação como realidades complexas, vinculadas ao status social, etc. Na realidade, a representação da internet para os jovens está vinculada a uma vivência de satisfação, que está relacionada com o facto de o jovem não temer a entrada no

desconhecido, muitas vezes representado pelo manejo do computador ou pela navegação na internet. O jovem sente atracção pelo novo não se prendendo ao que já existe. Já os pais, como mostra o estudo de Rivoltella (2006), tendem a ter representações cuja dimensão comum é o uso mais instrumental da internet: meio de informação, comunicação e conhecimento, ferramenta de trabalho. A falta de conhecimentos dos novos media constitui, portanto, um primeiro condicionante da mediação familiar em relação às actividades mediáticas dos jovens, embora possa ser temporário e circunscrito ao momento actual de transição para a sociedade em rede (Castells, 2002).

Uma reportagem, do jornal **O Metro** de 14 de Novembro de 2007, intitulada “A internet divide as famílias? Pais não estão preparados para lidar com a relação das crianças com o online”, refere que “a generalidade dos pais não está preparada, auto-exclui-se de uma parte crescente da vida dos filhos. Se não há acompanhamento, não há supervisão, quanto mais controlo. A ausência de controlo e de preocupação destes adultos reflecte-se na realidade das casas portuguesas. Muitas vezes a internet serve mais para dividir do que para unir a famílias, os filhos estão no quarto agarrados ao rato e os pais na sala agarrados ao telecomando.” Um dos maiores problemas apontados neste artigo como originário de discussões entre pais e filhos tem que ver com o tempo que os últimos passam na internet. Segundo Tito Morais, responsável pelo projecto *MiudosSegurosNa.Net.*, esses conflitos podem ser geridos se os pais negociarem o tempo de utilização da internet com os filhos.

Os pais com menor capital cultural ou com poucas competências em relação aos filhos ao nível do uso das novas tecnologias poderão usar um estilo mais repressivo na sua mediação e no seu controlo. Um estudo realizado por Mesch (2006: 473-495) mostra um aumento do conflito entre pais e adolescentes em famílias onde o adolescente era considerado o perito na utilização da internet. Estes conflitos eram tanto maiores quanto maior a pressão dos pais para tentar reduzir a autonomia do adolescente, ao controlar o acesso à internet, e quando os pais mostravam preocupações ou atitudes negativas sobre o uso da mesma. Estes dados levam-nos a crer que a internet, assim como outros media, não representam apenas um mero acréscimo quantitativo nas relações familiares pois introduzem mudanças qualitativas na forma como os pais, educadores e adolescentes se relacionam entre si. Para além do desconhecido que a internet representa para muitos progenitores, estes têm também algumas preocupações quanto à navegação dos seus filhos na Web. Segundo o estudo da Entidade Reguladora para a Comunicação Social sobre a Recepção dos Meios de Comunicação Social, de 2008, as três maiores preocupações dos pais sobre a utilização dos filhos da internet prendia-se com o facto de estes poderem conhecer estranhos; dar informações sobre dados pessoais e visitar sites

pornográficos. Também o estudo conduzido pelos investigadores Gustavo Cardoso e Rita Espanha revela que 41,4% dos jovens admitem que os pais os proibiram de fazer compras online e 38,9% de dar informações pessoais na net. Para contrariar estes receios é importante que os pais saibam o que os filhos fazem na internet e possam conversar sobre isso, o que implica uma postura mais activa e participativa nas suas vidas.

Porquê a preferência dos jovens pela internet? Na realidade, os jovens dão preferência aos media que lhes proporcionam escolhas pessoais e combinadas, ligadas à informática, à musica, ao audiovisual, aos jogos e à mobilidade (Rebelo, 2008:188), que é, no fundo, o que o computador com ligação à internet pode oferecer. Decorrente de uma cultura ligada às tecnologias electrónicas e, em particular, à internet, com a qual cresceram nos últimos anos, os jovens são os que mais destacam a internet como o meio simultâneo de realização das três funções clássicas de um media (informação, educação, entretenimento), colocando a televisão em, segundo lugar (Rebelo, 2008: 191). É nos jovens mais socializados com as novas tecnologias que mais facilmente se dá o processo de deslocação cultural que pressupõe a socialização num contexto mediático e em espaços comunicacionais como o MySpace ou o MSN, celebrando a diversidade de estilos de vida, a divulgação ou a expressão pessoal.

Ademais, a família contemporânea e também as escolas encontram-se, como sugere Manuel Castells, perante o desafio de integrar as características da sociedade em rede nas relações domésticas e escolares: flexibilidade, autonomia, adaptabilidade. Vários estudos que vêm sendo realizados no país, nos últimos anos, mostram que é em casa e na escola que os jovens mais utilizam as novas tecnologias, nomeadamente a internet, o que reforça a ideia de que os pais e professores têm um papel fulcral no auxílio e na educação dos jovens para uma utilização mais correcta deste meio (Baltasar, s.a:4). Não é indiferente o facto de, actualmente, a maioria dos docentes, alertar para a questão de a internet funcionar como um meio atractivo e cativante para os jovens aprenderem e por isso, usarem-na cada vez com mais frequência como recurso pedagógico. Mas para além, dos usos da Net, pais e professores devem dialogar com os jovens sobre os perigos que aí ocorrem. Não é pelos jovens terem um grande conhecimento da utilização deste meio, muitas vezes até superior aos dos educadores e progenitores, que estes se devem demitir do seu papel, pois tal não significa que não possam ajudar os adolescentes, visto que muitos não têm consciência dos perigos que correm enquanto navegam. Partilhar experiências, aconselhar, alertar e sobretudo dialogar são essenciais para uma boa utilização, apropriação e representação que os jovens podem criar da internet, pois como disse Seymour Papert (1997), as novas tecnologias podem ter um papel positivo ou negativo, dependendo da forma como são utilizadas. Assim, um utilizador

consciente que conheça os riscos terá mais hipóteses de fazer uma utilização positiva da internet.

A sociedade em geral, e as instituições educativas em particular, não podem ignorar estas formas de desenvolvimento de processos cognitivos e sociais devendo incorporar estas novas formas de aprendizagem. Pode-se afirmar que o que o jovem aprende hoje já não é exclusivamente o que lhe é ensinado formalmente nas instituições de ensino pelo professor. A aprendizagem já não se limita à sala de aula, hoje dá-se em inúmeros espaços, entre os quais no meio online. Por isso, conhecer as representações e os usos que os jovens fazem da internet pode contribuir para a constituição de estratégias pedagógicas que incrementem a dinâmica dos processos de aprendizagem. É essencial apostar numa educação, que envolva pais, filhos e professores, para uma utilização consciente, autónoma e crítica deste media. A força transformadora da internet só será real se for igualmente capaz de criar utilizadores com uma perspectiva crítica, aptos para lidarem com a quantidade de informação e a necessidade de a dizimar e destrinçar a qualidade dessa informação. Como mostrou um estudo da British Telecom a internet nada muda. As pessoas continuam a fazer na internet o que faziam antes, e aqueles que estavam satisfeitos estão muito melhor, aqueles que não estavam assim continuam (Oliveira, Cardoso e Barreiros, 2004:234). Não é que nada aconteça na internet, mas esta é antes de mais uma ferramenta que desenvolve e não que muda os comportamentos, a não ser os comportamentos que se apropriam da internet e que, portanto, se amplificam e se potenciam a partir daquilo que são. Na realidade são os comportamentos, a forma como é encarada, apropriada e utilizada que alteram a internet.

5. Os alunos, a internet e a escola

O estudo “E-Generation 2008: Os usos de Media pelas crianças e jovens em Portugal” da OBERCOM revela que perto de metade dos inquiridos (49,3%) afirmam que costumam aceder à internet na escola. A nível nacional, os dados demonstram que a escola é um local com uma importância estratégica quanto ao desenvolvimento e promoção da info-literacia de sectores da população juvenil que não têm acesso à internet em casa, nem têm hipótese de o obter. O mesmo estudo revela que a utilização da internet na escola é realizada por 47,5% dos rapazes e 51% das raparigas.

A utilização da internet no contexto escolar foi também analisada num estudo desenvolvido na Escola Secundária Coelho e Castro, no concelho de Santa Maria da Feira, distrito de Aveiro, que revelou que o aspecto lúdico que é o mais atractivo para os jovens na utilização da internet é já, em muitos casos, suplantado pelo comunicacional ou surge interligado a este. “A vertente lúdica não se restringe aos jogos, que são da preferência dos

rapazes, mas que são cada vez mais jogados em grupo, através da internet ou apenas com computadores ligados em rede. Se as raparigas preferem actividades sociais, conciliatórias, eles continuam a ser educados para preferirem as competitivas, que implicam a obediência a regras explícitas e que são condicionadas por uma moral heróica, tradicionalmente machista, que tem tendência a desaparecer da vida quotidiana. Pelo menos no caso das adolescentes, não se inserem em comunidades virtuais apenas para se divertirem, mas principalmente para comunicarem...” (Justiça, s.a:5). Este estudo conclui que para muitos jovens é mais fácil utilizar o computador, mesmo quando não estão a fazer o que mais lhes agradaria, do que ler um livro, o que revela que a internet deve ser usada como complemento do processo de ensino, numa estratégia de incentivo para o estudo.

A este propósito Paulo Serra, num texto de comunicação apresentado nas Jornadas Pedagógicas da Covilhã, organizadas pelas Escolas Secundária Frei Heitor Pinto e que tiveram lugar no Auditório da Anil, nos dias 2 e 3 de Março de 2007, defendeu que no domínio do divertimento, a escola não tem qualquer possibilidade de competir com a força irresistível dos media. Mas isso não significa que a escola não possa utilizar os media a seu favor – como, aliás, já tem vindo a fazer. No que se refere concretamente à utilização educativa da internet, devido às suas características específicas enquanto meio de comunicação ela permite não uma “revolução”, como muitas vezes se anuncia, mas a ampliação e o aprofundamento de cada uma das possibilidades educativas já permitidas, há muito, por meios como a rádio ou a televisão (Serra, s.a:5).

A internet, neste sentido, pode ser utilizada como fonte de informação, dada a sua natureza digital, interactiva e colaborativa. A internet tem vindo a ser vista, praticamente desde os seus inícios, como uma espécie de “biblioteca universal”, em que podemos encontrar tudo o que queremos, desde a informação mais generalista à informação mais especializada – seja nas diversas enciclopédias digitais, seja nas diversas bibliotecas temáticas, seja nos diversos portais, seja ainda através dos vários motores de busca –, e que podemos descarregar, geralmente, de forma gratuita.

A internet pode ser utilizada, assim, de forma perfeita, como fonte de informação – e ponto de partida – dos temas a tratar, de forma mais aprofundada e/ou alternativa, pela própria escola. Neste âmbito, projectos como a Wikipedia ou o YouTube têm vindo a assumir, nos últimos tempos, uma relevância crescente tanto no que se refere à quantidade e qualidade dos conteúdos disponibilizados como à quantidade dos seus visitantes e utilizadores.

Noutro sentido, a internet pode também ser utilizada como recurso pedagógico-didáctico, em que o professor com um computador e um projector pode apoiar-se nos vários

recursos disponíveis na internet – textos, gráficos, fotografias, vídeos, etc, - de forma a tornar mais atractiva a sua exposição. Ainda neste sentido, é possível utilizar a internet para disponibilizar, aos alunos, nomeadamente os que não puderam estar presentes nas aulas, os conteúdos destas últimas, os materiais utilizados ou a explorar, os exercícios, as bibliografias, etc. – seja colocando esta informação numa página web, seja enviando-a aos alunos por e-mail. É neste contexto, precisamente, que deve ser referido o e-learning que, apesar de toda a importância que hoje já assume e virá a assumir, não esgota, de forma alguma, as utilizações da internet como recurso educativo. Num terceiro momento a internet pode funcionar como instrumento de materialização de projectos, ajudando a dar corpo a projectos digitais como um jornal ou uma rádio escolar, para construir uma página, fazer um blogue, etc. Por fim, a internet é ela mesma um objecto de estudo, à semelhança de outros media, esta deve ser analisada e estudada não só nas disciplinas criadas para a promoção da chamada “literacia mediática” – como é o caso das disciplinas de Tecnologias da Informação e da Comunicação –, mas também em disciplinas de âmbito mais geral como a Sociologia, a Antropologia, a Economia, o Português, etc., que procuram estudar as diversas questões da informação e da comunicação e, em particular, os funcionamentos e os efeitos sociais próprios das TICs.

As características específicas da internet enquanto meio de comunicação permitem que os tipos de utilização que acabámos de apontar ajudem a torná-la um meio mais “amigável” para a escola e a sua cultura escrita de base humanista. Entre as características mais importantes e que contribuem para este ponto salientamos a comunicação interactiva, em que não nos limitamos apenas a receber o que outros produzem mas podemos também, do nosso lado, produzir o que outros recebem; a revalorização da escrita, já que as funcionalidades mais importantes e mais utilizadas Internet, como sejam o correio electrónico, os vários instrumentos de publicação, nos quais se destacam, hoje em dia, os blogues, e a pesquisa através de motores de busca fazem intervir a escrita e a leitura de um modo que nenhum dos outros meios electrónicos o faz – aproximando, assim, mais a internet da escola e da cultura escrita; e a economia de recursos, pois a internet é um meio de comunicação cujo “conteúdo” são os outros meios de comunicação, incluindo os meios electrónicos como a rádio e a televisão. Nesse sentido, a sua utilização representa uma enorme economia de recursos, ao permitir conjugar meios que, por si só, são sempre parcelares; ainda por cima mediante uma tecnologia relativamente fácil de adquirir e utilizar em quase todo o lado – em casa, na escola, numa biblioteca pública, num café, num parque, etc.

CAPÍTULO 2

1. Metodologia

Definição de objectivos

Este estudo pretende analisar a relação dos alunos dos cursos profissionais da família de “Comunicação, Imagem e Som” e “Informática”, do concelho de Caldas da Rainha, com a internet, uma vez que optaram por um percurso escolar vocacionado para as novas tecnologias e a breve trecho se preparam para ingressar no mercado de trabalho, tendo em conta três questões centrais:

- a) Qual a representação que os jovens têm da internet? (avaliar a imagem da internet entre os jovens) – impacto do discurso social, escolar ou familiar na representação que o jovem tem da internet e nos seus modos de utilização.
- b) Qual a utilização efectiva que os jovens fazem da internet? (condições concretas de utilização) – frequência, duração, lugar, enquadramento e condições de acesso.
- c) Como se verifica a apropriação da internet pelos jovens? Avaliar o grau de integração nos hábitos de vida dos jovens. Em que medida, por exemplo, o acesso à internet enriquece, modifica, altera comportamentos sociais, modos de aprendizagem, hábitos.

Caracterização do universo

O universo do estudo é constituído pelos estudantes com 15 ou mais anos de idade, dos cursos profissionais da família profissional de “Comunicação, Imagem e Som” e “Informática”, segundo designação da Agência Nacional para a Qualificação, IP, do concelho de Caldas da Rainha (155 indivíduos).

Desenho do questionário

Com base nos objectivos expressos foi desenhado um inquérito por questionário (Anexo A) que foi submetido a um pré-teste com 24 estudantes de outros cursos profissionais que permitiu a validação do seu desenho.

Recolha de dados

Os dados foram recolhidos, em sala de aula, durante o horário escolar de funcionamento dos cursos profissionais (regime diurno), na Escola Técnica Empresarial do Oeste (Curso Técnico de Comunicação, Marketing, Relações Públicas e Publicidade – 10º e 12º ano; Curso Técnico de Multimédia – 11º ano), na Escola Secundária Raul Proença (Curso Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos – 11º ano; Curso Técnico de Desenho Digital 3D – 12º ano) e na Escola Secundária Rafael Bordalo Pinheiro (Curso Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos – 10º ano; Curso Técnico de Comunicação, Marketing, Relações Públicas e Publicidade – 11º ano; Curso Técnico de

Informática de Gestão – 11º ano), através do preenchimento de inquéritos por questionário, durante o mês de Janeiro de 2010.

Na fase posterior a todo o trabalho no terreno, e tal como é procedimento nas Ciências Sociais, passou-se à fase de tratamento dos dados propriamente dita, mediante a utilização do SPSS. Deste modo, foi possível analisar as respostas de todos os inquiridos, e através da identificação de regularidades ou divergências, tirar algumas ilações de relevância para a produção de conhecimento sobre o tema, como as que são referidas ao longo deste relatório.

TABELA 2.1

Curso Profissional		
	Frequência	Percentagem
Técnico de Multimédia	22	14,2
Técnico de Comunicação, Marketing, Relações Públicas e Publicidade	60	38,7
Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos	40	25,8
Técnico de Desenho Digital 3D	19	12,3
Técnico de Informática de Gestão	14	9
Total	155	100

TABELA 2.2

Ano de Escolaridade		
	Frequência	Percentagem
10º	42	27,1
11º	71	45,8
12º	42	27,1
Total	155	100

TABELA 2.4

Sexo		
	Frequência	Percentagem
Feminino	60	38,7
Masculino	95	61,3
Total	155	100

TABELA 2.3

Idade		
	Frequência	Percentagem
15	13	8,4
16	27	17,4
17	48	31
18	29	18,7
19	23	14,8
20	11	7,1
21	3	1,9
22	1	0,6
Total	155	100

2. Análise dos resultados

2.1. Representação - O que pensam os jovens da internet

Para os jovens o carácter revolucionário da internet é o que caracteriza este meio de comunicação: 52,9% concorda totalmente com esta ideia. O carácter revolucionário deste media representa para os jovens a possibilidade de contacto com diferentes pessoas e o acesso a conteúdos diversificados com facilidade, rapidez e instantaneidade “sem sair do lugar”.

Os inquiridos consideram que a rede é também importante como forma de estabelecer relações de sociabilidade entre os internautas. Quase quarenta e sete por cento concordam em absoluto que a internet permite melhorar a comunicação entre as pessoas e 48,4% admite que este meio reforça laços de amizade e de solidariedade. O estudo da OBERCOM conduzido por Cardoso (2009:19) mostra que menos 20% dos inquiridos afirmaram terem retirado tempo aos amigos, à leitura, ao lazer, aos tempos livres e ao desporto. Ao contrário do medo que os pais poderão sentir que a internet provoque o isolamento social dos adolescentes, este estudo revela que uma das principais utilizações sociais da rede é a interacção e a comunicação, ainda que mediada, com os pares, que os jovens conhecem da escola e de outros contextos. A internet faculta ainda novas possibilidades de partilha e novas formas de interacção que são exploradas pelos jovens em actividades como enviar ficheiros e fotografias, ou em sítios na internet que criam uma rede essencialmente de amigos, mas também de colegas, desconhecidos ou de grupos de interesse. Na rede criou-se um mundo social em rede paralelo ao mundo offline (Cardoso, 2009:36).

Apesar deste reforço de relações via net, 41,3% dos inquiridos discorda que o tempo passado online faça com que se fale menos com os familiares em casa, enquanto 32,9% concorda que tal aconteça. O condicionamento da comunicação familiar deve-se na opinião dos jovens à falta de conhecimento e utilização da internet pelos pais, o que diminui a sua partilha, e pelos computadores se encontrarem maioritariamente nos seus quartos, fazendo com que o seu uso seja feito de forma isolada. A maioria dos jovens salienta o facto de a comunicação online ser mais barata que através de qualquer outro meio e a facilidade de contacto com outras pessoas (à distância de um clique) constituírem factores de motivação para melhorar e estabelecer relações sociais. Actualmente muitos dos conhecimentos dos jovens acontecem a partir de um primeiro contacto online. O estabelecimento escolar, a localidade de residência e interesses em comum, divulgados nos sites de redes sociais, são inúmeras vezes a oportunidade para estabelecer contacto via Web, passando posteriormente de uma relação virtual para real.

Para 36,8% dos jovens a internet afecta a relação directa entre as pessoas. No entanto, 28,4% expressou-se de forma dúbia, não concordando nem discordando, com o facto da Web poder afectar as relações. A componente positiva ou negativa que cada um dos inquiridos pode atribuir à expressão “afecta” leva-nos a crer que muitos hesitem em manifestar-se de forma mais precisa. A facilidade do uso deste meio e as oportunidades que podem advir do conhecimento da utilização da internet são também qualidades que os jovens atribuem à Web.

Meios de comunicação preferenciais entre a população, como a televisão, são afectados pela presença da internet nos lares: 65,8% são da opinião que quando se tem internet em casa passa-se menos tempo a ver televisão e neste sentido para 37,5% dos jovens este meio substitui mesmo a televisão, embora uma percentagem não muito diferente, 32,9%, discorde que o ecrã da TV esteja a ser ultrapassado pelo ecrã do computador.

Um estudo da ERC (Rebelo, 2008:190) revela que dos 15 aos 17 anos, 100% dos jovens vêem televisão e para mais de 50% isso acontece tanto de segunda a sexta-feira, como ao fim-de-semana, entre duas a cinco horas (Rebelo, 2008:195). Este estudo revela também que ver televisão acontece frequentemente ao mesmo tempo que os jovens realizam outras actividades, como estar na internet. Os jovens acedem à internet, mais do triplo dos inquiridos com idade superior a 30 anos, e 87% fazem-no com muita frequência (Rebelo, 2008:193). Perante estes dados torna-se mais fácil perceber a divisão de opiniões dos inquiridos e até mesmo os 27,7% que não concordam nem discordam que a internet esteja a substituir a televisão, levantando a hipótese de que é mais provável estar a haver uma conciliação de ambas as actividades (ver televisão e navegar na internet) do que um corte com qualquer uma delas. Também o estudo da OBERCOM (Cardoso, 2009:10-19) revela que perto de metade dos inquiridos diz ter retirado tempo à televisão para utilizar a internet. Contudo, não nos podemos esquecer, como relembra o autor, que muitos jovens utilizam vários media em regime multitarefa, isto é, vêem televisão ou estudam enquanto navegam na internet. O que se passa muitas vezes é que a televisão deixa de ser o principal foco de atenção para se tornar um “pano de fundo”. Também no caso da leitura a situação é similar, uma vez que 40% dos jovens (29,7% discorda e 10,3% discorda totalmente) não encara a internet como um meio que substitui a leitura, embora 30,3% tenha opinião contrária (21,9% concorda e 8,4% concorda totalmente). Os mesmos 27,7% que não concordavam nem discordavam de que a internet esteja a substituir a televisão, manifestam-se de igual modo no caso da leitura. A divisão de opiniões leva-nos mais a crer na possibilidade de coexistência das duas realidades, do que na exclusão de uma pela presença da outra. Claro, que não devemos esquecer que estes jovens, especificamente, de cursos profissionais ligados às novas tecnologias, utilizam

preferencialmente a internet para realizar os seus trabalhos, preterindo a leitura na sua forma tradicional, daí que haja ainda um elevado número a assumir que a internet está a substituir a leitura. Neste sentido, 44,5% dos jovens mostra-se contra a hipótese de que para fazer uma pesquisa os livros sejam mais eficazes do que a internet. No entanto, 12,3% dos inquiridos reconhecem que os livros contêm dados mais fidedignos que o online.

Pelo próprio carácter revolucionário que caracteriza este meio, 63,9% dos jovens não tem dúvidas em considerar que no futuro as pessoas vão passar a comprar quase tudo online.

Como principal finalidade do uso da rede, mais de 50% dos inquiridos diz que a internet é antes de mais uma forma de entretenimento, apesar de estes precisarem das novas tecnologias para a realização dos seus cursos profissionais. Talvez por isso, para 39,4% dos jovens uma vez que se tenha começado a utilizar a internet não se consegue passar sem ela. De salientar que 29,7% dos inquiridos não concorda nem discorda desta hipótese, igual percentagem dos que discordam da inevitabilidade da internet nas suas vidas (25,2% discorda e 4,5% discorda totalmente). A divisão de opiniões entre os que concordam e discordam parece encontrar explicação na conotação de dependência atribuída pelos inquiridos à afirmação “Não se pode passar sem a internet”. O condicionamento da vida dos jovens que esta premissa parece revelar pode limitar as respostas dos adolescentes que nesta etapa da vida defendem valores como a liberdade e a independência.

Um estudo de 2000 sobre a utilização da internet pelos jovens, em Portugal, revelou uma tendência similar na resposta a esta questão por parte dos inquiridos. Na altura, 45% dos jovens considerou que após experimentar a Web não é possível passar sem ela; número igual aos que revelaram pensar exactamente o contrário. Ou seja, esta divisão de opiniões já patente há 10 anos mantém-se ainda actual, apesar do número de utilizadores da internet ter aumentado exponencialmente nos últimos anos. Segundo dados da Eurostat, em 2002, o número de utilizadores em Portugal era de 19% e em 2008 de 42%. O estudo da OBERCOM, “A internet em Portugal 2009”, refere números relativamente similares a estes, ao apontar a existência no país de 38,9% de utilizadores do meio online. O mesmo estudo mostra ainda que na faixa etária dos 15 aos 18 anos, 90,9% destes jovens são utilizadores da internet. Apesar disto, existe ainda alguma relutância por parte dos inquiridos neste trabalho, à semelhança do que sucedera há 10 anos atrás, em assumir a indispensabilidade da internet no seu quotidiano.

Quanto aos conteúdos disponibilizados online, os jovens parecem ter algumas dúvidas quanto à sua fiabilidade: 38% não concorda que se possa confiar nas informações da internet. Sites oficiais são aqueles em que os inquiridos mais confiam, enquanto os sites de páginas

personais são, por oposição, os menos fiéis. Assim, 42,9% são da opinião que se devem controlar os conteúdos da internet, mas mostram-se relutantes quanto ao seu bloqueio. Os que concordam com isto dizem fazê-lo pelos irmãos mais novos ou pelas crianças e nunca por si.

A familiarização com a internet leva a que 41,3% dos inquiridos considere que não é difícil encontrar o que se procura na internet e pouco mais de metade desta percentagem (22,6%) tenha opinião contrária. Estes dados revelam que para os jovens a internet é cada vez mais um “mundo” fácil de explorar e acessível a todos. Há ainda 21,9% que não concordam nem discordam desta hipótese, reservando uma margem de segurança quanto à facilidade de acesso ao que se procura online, devido ao volume de informação e de sites existentes que, por exemplo, são devolvidos nos motores de pesquisa, com conteúdos dispersos e pouco específicos sobre o que se procura.

A facilidade de uso da internet é admitida por 85,8% dos jovens (60% concorda; 25,8% concorda totalmente) que estão convictos de que se aprende muito facilmente a utilizar a web. Apenas 3,9% discorda da facilidade do uso da net. A facilidade de utilização atribuída à navegação online está intrinsecamente ligada à generalização do acesso à internet. Hoje, a maioria das escolas tem um computador (ou mais) com ligação à internet, assim como a disciplina obrigatória de Tecnologias da Informação e Comunicação, onde os jovens aprendem a utilizar e contactam com a net. Cada vez mais a utilização deste meio é estimulado pelos professores e o seu acesso está disponível em diferentes locais, como bibliotecas públicas, centros de juventude, etc.

Apesar dos receios de alguns estudiosos da língua, que temem que a nova linguagem utilizada pelos internautas, muitas vezes aplicada no seu quotidiano, constitua uma ameaça para a língua portuguesa, são poucos os jovens que encaram essa possibilidade: 31,6% dos inquiridos não vê a internet como uma ameaça para a língua portuguesa e 12,3% discordam totalmente que a Web possa prejudicar o português. No entanto, 21,3% concorda que tal possa vir a acontecer. Para além das novas formas de linguagem (emoções, abreviaturas...) que a internet veio introduzir na comunicação, o volume de sites em inglês é na óptica de alguns dos jovens inquiridos uma ameaça à sua língua.

São poucos os que consideram que para utilizar a internet é preciso dominar bem o Inglês e a Informática. No entanto, o conhecimento do Inglês parece ter um maior peso nesta questão do que a Informática. Uma explicação possível para a maior atenção dada à língua inglesa do que à Informática tem que ver com o elevado número de sites em Inglês com conteúdos de interesse dos jovens (música, vídeos, software, etc.).

Entre as afirmações que reúnem menos consenso encontra-se a de que a internet provoca desemprego: 49,1% não acredita que tal aconteça (36,8% discorda e 12,3% discorda totalmente). Na imagem que os jovens têm deste meio de comunicação a possibilidade da internet substituir a escola, na sua forma tradicional, não convence os inquiridos, pelo que 31% discorda e 22,6% discorda totalmente que a Web venha a conseguir ocupar o lugar da escola. Aqueles que responderam não ter opinião sobre esta questão são em maior número do que aqueles que disseram concordar com a substituição da internet pela escola, talvez lembrando-se do ensino à distância que começa a dar os primeiros passos.

Os inquiridos apenas conhecem a realidade escolar presencial onde o professor é a chave fundamental e insubstituível no processo de aprendizagem e onde o convívio é a nota dominante, pelo que aceitar uma realidade diferente causa para já algum repúdio. Apesar de os jovens verem a internet como um apoio importante na realização de trabalhos, a maioria interpreta este papel como complemento das suas possíveis funções. Nas diferentes opiniões expressas pelos jovens quanto à representação da internet a maioria opõe-se a que esta seja uma perda de tempo, considerando a internet imprescindível nas suas vidas e que o tempo aí gasto é proveitoso. O elevado número dos inquiridos que consideram benéfica a internet recorda a sua utilidade para fazer trabalhos da escola e para lazer, o que diminui a sensação de desperdício de tempo.

Esta análise revela que os inquiridos (estudantes de cursos profissionais ligados às novas tecnologias) não se distinguem da generalidade dos jovens, como vimos pela confrontação dos dados do presente estudo com os estudos da OBERCOM e da ERC. Não há pela parte destes internautas um olhar singular relativamente à internet, pelo que a sua escolha está, como veremos adiante, mais dependente do interesse da área ou das saídas profissionais que podem auferir com estes cursos do que de uma imagem distinta relativamente a este meio. Talvez porque hoje, os jovens tenham, independentemente do seu percurso escolar, contacto com a internet tanto em casa como na escola. Estes jovens fazem parte, como refere Cardoso (2009:30) da segunda geração informacional, que cresceu e tem crescido desde a sua infância com os computadores em rede e com a massificação do acesso à internet. Os jovens desta geração, que ainda se encontram no sistema de ensino, caracterizam-se por partilharem a casa com a escola como pontos complementares de acesso à internet, o que pode explicar o motivo pelo qual o olhar relativamente à internet é tão similar entre os jovens inquiridos neste trabalho (de cursos profissionais) e os restantes. Todos eles cresceram rodeados de novos media, que passam, inclusive, a fazer parte dos seus grupos de referência.

Gráfico 2.1
O que pensam os jovens da internet (%)



2.1.1. O que pensam os jovens da internet, por género

A compreensão da modernização das sociedades ocidentais dificilmente pode ignorar a centralidade assumida pelas mudanças nas relações sociais de género. (Wall, 2007:36-37). Foi a entrada massiva das mulheres em esferas tradicionalmente masculinas que constituiu uma linha mestra das mudanças que, desde os anos 60, atravessaram a sociedade portuguesa, atirando as mulheres para fora da família (Wall, 2007:37). O cuidar dos filhos, a vocação crescentemente relacional e igualitária da conjugalidade ou a participação doméstica idealmente pedida ao homem surgem cada vez mais em confronto com as exigências da ética de trabalho, da responsabilidade patriarcal e da autoridade, outrora e ainda hoje associadas a uma masculinidade cuja lógica de dominação simbólica sublinha a antítese com o feminino (afectivo, passivo, dominado...). Trata-se de mudanças que não só desafiam a organização das práticas no seio familiar, mas interpelam o campo dos valores e o das próprias identidades de género (Wall, 2007:39). É neste sentido, que importa analisar se a imagem/representação, utilização e apropriação da internet é diferente entre os géneros ou se numa sociedade em que este media está cada vez mais generalizado, principalmente entre os jovens em idade escolar, há uma similitude de atitudes e opiniões entre o sexo masculino e o feminino, ou se também neste âmbito (tecnologia) continua a haver diferenças e desigualdades.

A análise da imagem que os jovens têm da internet por género revela-nos que não há grande disparidade de opiniões nas diferentes premissas analisadas entre os inquiridos do sexo feminino e os inquiridos do sexo masculino. Quanto ao carácter revolucionário da internet um maior número de raparigas (41,7%) do que rapazes (36,8%) concorda que a Web seja revolucionária. Esta análise revela também que os rapazes são os maiores defensores das potencialidades e utilidade da internet: mais de 50 por cento discordam totalmente que a internet seja uma perda de tempo. Talvez, por isso, haja mais jovens do sexo masculino do que raparigas que não conseguem imaginar as suas vidas sem a presença deste meio. Lembramos, que uma explicação possível para estes dados tem que ver com o facto de haver uma iniciação precoce dos rapazes em relação à técnica encorajada pelos pais, o que não acontece com as raparigas, a quem é reservado um mundo baseado mais nos relacionamentos. “As raparigas, por exemplo, e todos os estudos vão nesse sentido, demonstram menos curiosidade e entusiasmo do que os rapazes face a certos instrumentos de comunicação: as suas práticas articulam-se de forma geral, em torno do sentimento de vínculo” (Rieffel, 2003:218). Também Rebelo (2008:128) explica que há diferentes perfis de espectadores de televisão, assim como face a outros ecrãs, como o do computador: o masculino, mais “nervoso” e virado para o domínio da tecnologia e o feminino mais distendido na relação dos

conteúdos, mais disposto a conversar sobre o que vê e menos empenhado em explorar os equipamentos e todos os seus recursos.

Mas qual a principal função da internet? Para 52,6% dos jovens do sexo masculino e 46,6% das raparigas a internet é antes de mais uma forma de entretenimento. Como refere Buchner (1995), a infância, e portanto, também a adolescência, inclui cada vez mais a responsabilidade de se construir uma “carreira de lazer”, em que os meios electrónicos têm cada vez um papel mais relevante no que se refere à definição das experiências da criança (Buckingham, 2003).

2.2. Relações de sociabilidade na internet

Ambos os sexos acreditam que a internet permite melhorar a relação entre as pessoas, sendo que 51,6% dos rapazes e 38,3% das raparigas concordam totalmente com esta hipótese. Apenas 10% das jovens do sexo feminino e 2,1% dos jovens do sexo masculino discordam dos benefícios da comunicação via online, o que revela que os rapazes são menos desconfiados das vantagens que advém das novas tecnologias, do que as raparigas, talvez porque desde pequenos que são incitados pelos pais ao contacto com novos media. “Os rapazes utilizam mais o computador do que as raparigas, têm mais curiosidade pelas novas tecnologias, parecem ser mais habilidosos na manipulação dos equipamentos” (Rieffel, 2003:218), o que pode ser explicado, como vimos, pela iniciação precoce no uso da técnica.

O facto da utilização da internet e em geral das novas tecnologias por parte das raparigas assentar nos relacionamentos explica que estas acreditem em maior número do que eles que a internet reforça laços de amizade e solidariedade. No entanto, ou talvez por isso, também haja mais raparigas a defender que a presença deste meio possa afectar a relação directa entre as pessoas. A análise a esta questão revelou, que 28,4% se mostra relutante em expressar-se de forma clara, talvez pela conotação pejorativa que podem atribuir ao termo “afecta”. Tendo em conta o que tem sido dito é natural que um número elevado de jovens do sexo feminino (40%) concorde que as relações reais de sociabilidade possam ser afectadas pelo tempo passado online. Não podemos deixar de notar que nesta questão até entre o mesmo sexo a divisão de opiniões é acentuada, mostrando como esta premissa é discutível, talvez porque ainda subsista a tese de que a internet veio criar o isolamento entre os indivíduos.

2.3. O que pensam os jovens sobre a tecnologia da internet

A análise global às opiniões dos sexos quanto à facilidade de uso da internet revela que há um maior número de raparigas (91,6%) do que rapazes (82,1%) a acreditar que é fácil utilizar a Web. No entanto, são os jovens do sexo masculino (30,5%) os que se expressam de forma mais peremptória nesta questão ao concordarem totalmente com a facilidade de uso da

internet. Esta facilidade está implicitamente ligada com a ideia de que para se utilizar a Web não é preciso dominar bem a Informática e o Inglês, embora a língua inglesa seja mais útil para navegar online na opinião de ambos os sexos e principalmente entre rapazes. Ambos os sexos discordam de que seja difícil encontrar o que se procura na internet.

2.4. O que pensam os jovens dos conteúdos da internet

Os rapazes confiam mais nas informações que encontram na internet (21,1%) do que as raparigas (10%). No entanto, tanto o sexo feminino (33,3%), como o masculino (24,2%) discorda que habitualmente se possa confiar nos conteúdos online. Quinze por cento das jovens do sexo feminino e 7,4% dos jovens do sexo masculino opõem-se totalmente a uma confiança “cega” nas informações da internet. A pouca confiança nos conteúdos online faz com que 75% das raparigas e 45,3% dos rapazes considerem que se deva controlar as informações disponíveis na rede. Estes números mostram que são os jovens do sexo masculino os maiores defensores da liberdade online.

2.5. O que pensam os jovens da internet (comparação com os livros, a televisão e a escola)

Poderá a internet ser uma ameaça para a língua portuguesa? Esta questão divide os sexos, pois se as jovens do sexo feminino (26,7%) concordam que a Web possa constituir uma ameaça para a língua portuguesa, 38,9% dos jovens do sexo masculino discordam desta possibilidade, que só é apoiada por 17,9% dos rapazes.

Neste sentido, 40% das raparigas discorda que a internet substitua a leitura, enquanto 25,3% dos rapazes tem opinião contrária. Percentagem superior à daqueles que discordam (23,2%). Quanto à televisão a tendência de resposta é similar, uma vez que um maior número de raparigas (36,7%) do que de rapazes (17,9%) discorda que a internet esteja a substituir a televisão. Contudo, há mais jovens do sexo masculino a favor desta hipótese do que contra (28,4%). Em comparação com a leitura os jovens consideram que a televisão é o meio que mais perdeu visibilidade com a presença da internet, embora a diferença percentual não seja significativa. Assim, 68,4% dos jovens do sexo masculino e 61,6% das inquiridas acreditam que quando se tem internet em casa passa-se menos tempo a ver televisão. Apesar da percentagem de rapazes (15%) ser maior da das raparigas (12,6%) que discordam que a TV seja preterida à internet, esta diferença percentual explica-se porque também são elas as que mais referem não concordar, nem discordar (21,7%) quanto a esta questão, comparativamente com eles (18,9%). A pesquisa online é cada vez mais popular entre os jovens, pelo que seja fácil perceber porque é que 31,7% das raparigas e 31,6% dos rapazes discorda que seja mais eficaz pesquisar recorrendo aos livros do que à internet. No entanto, são as jovens do sexo

feminino as que mais concordam que os livros têm informação mais fidedigna do que a que está disponível online e que por isso são mais eficazes para realizar pesquisa. Como vimos, as raparigas vêem a internet mais como uma actividade que consegue perfeitamente coexistir com outras actividades, do que assumir um papel de substituição de outros meios/actividades, pelo que o espaço da escola não é excepção. Para 63,3% das inquiridas e 47,4% dos rapazes a internet não vai substituir a escola. No entanto, mais do dobro da percentagem de raparigas do que da percentagem dos rapazes consegue antever esse futuro. De salientar que um número mais elevado de jovens de ambos os sexos afirmou não ter opinião nesta questão do que concordou com a hipótese da internet vir a ocupar o lugar da escola, o que deixa em aberto a possibilidade dos jovens crerem que o ensino à distância, por exemplo, está a ganhar cada vez mais terreno e pode no futuro vir mesmo a substituir a escola na sua forma tradicional.

2.6. O que pensam os jovens dos impactos sociais da internet

Ambos os sexos concordam que a internet oferece novas oportunidades de emprego, sendo os jovens do sexo masculino mais entusiastas desta possibilidade (72,6%) do que as inquiridas (63,3%). A diferença percentual entre sexos deve-se ao maior número de rapazes do que de raparigas que concordam totalmente com as vantagens a nível de emprego que podem advir do conhecimento da internet. São também as jovens do sexo feminino as que mais referem não concordar nem discordar das novas oportunidades de emprego proporcionadas pela internet. Mas se a percentagem de raparigas que acredita que a internet proporciona novas oportunidades de emprego é superior à dos rapazes, na realidade elas também não acreditam que este meio possa provocar o desemprego. Para 50% das jovens do sexo feminino esta hipótese está totalmente afastada. Aqueles que vislumbram esta possibilidade, lembrando que a internet está cada vez mais presente nas diferentes áreas de trabalho e que por isso quem é info-excluído tem menos hipóteses de manter o emprego, são essencialmente os rapazes (12,6%). As jovens do sexo feminino são mais entusiastas do que eles quanto ao comércio electrónico, perspectivando a possibilidade no futuro de as pessoas passarem a comprar quase tudo através da internet. Assim, 68,4% das raparigas acredita que ir às compras vai passar a ser uma actividade realizada principalmente através do ecrã do computador, algo que é aceite também por 61,1% dos rapazes, que no entanto concordam de forma mais peremptória que elas quanto a isto.

Gráfico 2.2

O que pensam os jovens da internet (sexo feminino %)



Gráfico 2.3

O que pensam os jovens da internet (sexo masculino %)

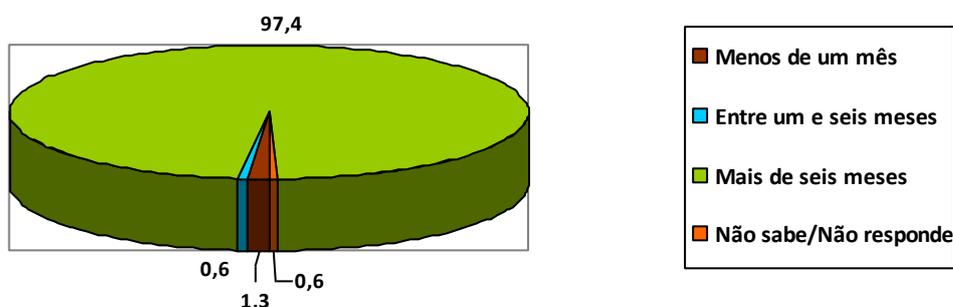


3. Utilizadores da internet

A frequência de cursos profissionais da família profissional da Informática e da Comunicação leva a que todos os alunos já tenham tido contacto com a internet. Mas há quanto tempo ocorre esse acesso?

Gráfico 2.4

Utilizei a internet pela primeira vez há... (%)



Para 97,4% dos jovens inquiridos o primeiro contacto com a internet deu-se há mais de seis meses, o que significa que não foi a frequência dos cursos profissionais que lhes permitiu poder aceder à plataforma Web. Apenas um estudante, garante só ter tido a primeira experiência na internet entre um e seis meses. Dos inquiridos há ainda dois alunos que afirma só ter acedido à net há menos de um mês.

Todas as inquiridas garantiram já utilizar a internet há mais de seis meses, assim como 95,8% dos rapazes. No entanto, dois alunos dizem apenas fazê-lo há menos de um mês e outro entre um e seis meses.

3.1. Caracterização do acesso à internet

Dos inquiridos, 66,5% garante que utiliza a internet tanto para trabalhar como para o lazer todos os dias. Destes, 57,4% afirma que a finalidade principal da sua utilização diária da internet é o lazer e apenas 37,4 refere a realização de trabalhos como o motivo mais importante para usar a Web.

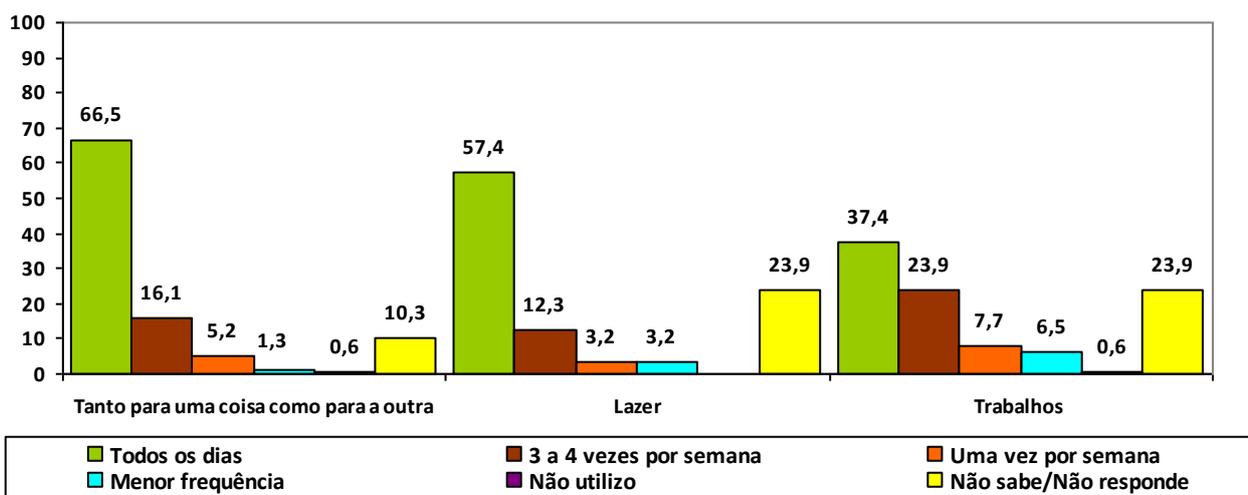
Entre três a quatro vezes por semana, 23,9% dos jovens utiliza a net para a escola; 23,3% fá-lo para lazer e 16,1% tanto para uma coisa como para outra.

Dos inquiridos 7,7% diz ainda utilizar uma vez por semana a net para trabalhos, 5,2% com a mesma frequência acede à internet ora para realizar trabalhos ora para lazer, enquanto 3,2% apenas o faz para lazer. Com menor frequência do que a utilização do meio online uma vez por semana, isto é, por apenas umas horas ou até menos, 6,5% dos jovens diz usar a plataforma Web para trabalhar, 3,3% para lazer e 1,3% tanto para uma coisa como para outra.

Apenas um aluno afirmou não utilizar a internet para trabalhos e outro disse também não o fazer tanto para trabalhos como para lazer.

Quase vinte e quatro por cento dos jovens (23,9%) prefere não responder à sua utilização para trabalhos e para lazer, porque concentraram as suas respostas na opção de fazer ambas as coisas, e 10,3% marcaram individualmente a realização de trabalhos e lazer, já que fazem uso delas com uma frequência distinta.

Gráfico 2.5
Frequência de utilização da internet para... (%)



Na distinção por género verificamos que 68,4% dos rapazes e 63,3% das raparigas utiliza a internet diariamente tanto para lazer como para realizar trabalhos escolares. Exclusivamente para lazer são os rapazes os maiores utilizadores diários (61,1%) da net, embora mais de metade das raparigas (51,7%) garanta que o faça. Os trabalhos da escola envolvem 38,3% das inquiridas e 36,8% dos rapazes que todos os dias usam a net com esta finalidade.

A utilização da internet pelo sexo feminino entre três a quatro vezes por semana é dedicada sobretudo à realização de trabalhos (21,7%), depois a ambas as actividades (lazer e trabalho – 18,3%) e por fim apenas ao lazer (15%). Os rapazes apresentam a mesma tendência, embora registem uma percentagem maior (25,3%) do que as raparigas na utilização da net para a escola. A mesma percentagem de jovens inquiridas (6,7%) afirma que utiliza a web uma vez por semana para trabalhos, enquanto as restantes dizem fazê-lo na mesma proporção tanto para os trabalhos escolares como para lazer, sendo que o entretenimento realizado apenas com esta periodicidade só é registado por 5% das jovens. Esta análise mostra também que 6,7% das raparigas mencionam que usam a net apenas algumas horas, ou menos, para trabalhar, enquanto 6,3% dos rapazes tem igual registo de utilização para este fim. Para

8,4% dos rapazes a internet é usada uma vez por semana exclusivamente para a escola e em menor percentagem para as restantes actividades.

Nenhuma das raparigas referiu não utilizar a internet com um daqueles fins, embora um rapaz o tenha feito na categoria “tanto para uma coisa como para outra” e para a realização de trabalhos.

Sobre a utilização da plataforma Web menos do que uma vez por semana apenas um rapaz e uma rapariga disse fazê-lo tanto para o lazer como para a escola e o mesmo se passou com outra rapariga que mencionou a mesma frequência de uso da net para o lazer.

Gráfico 2.6
Frequência de utilização da internet para... (sexo feminino %)

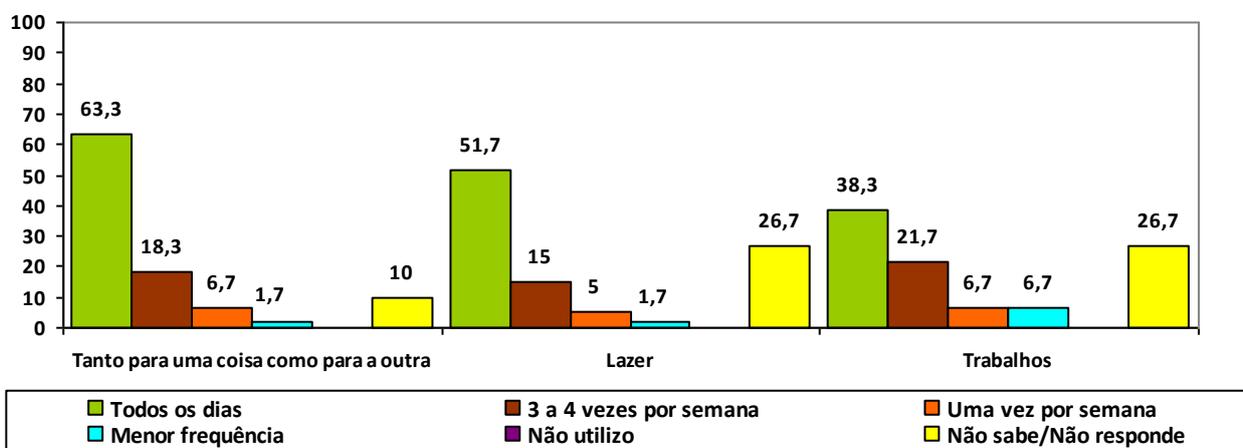
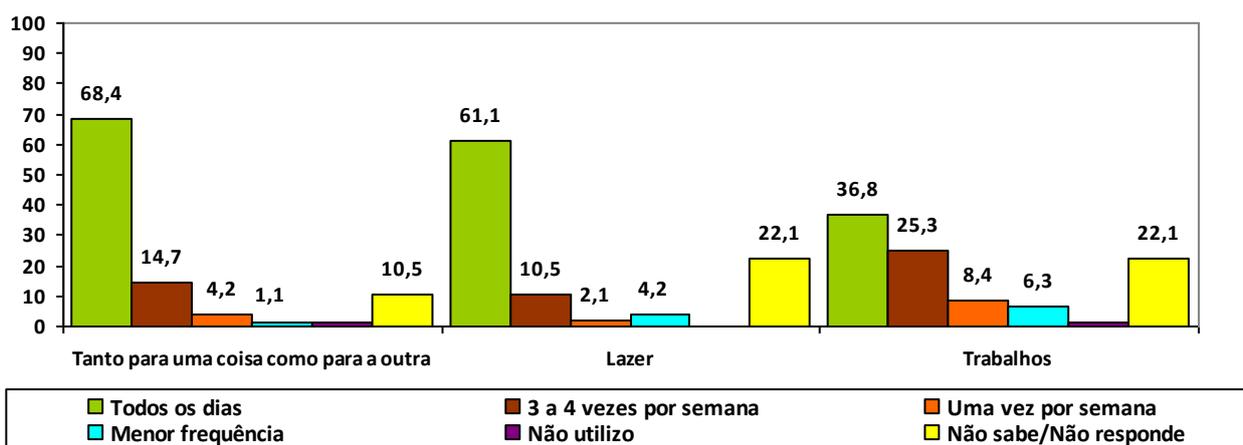


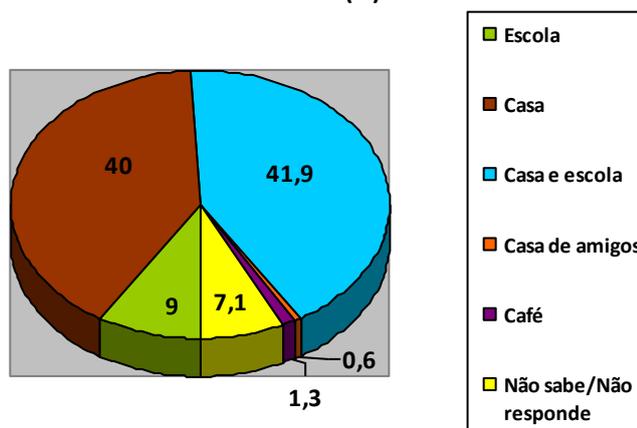
Gráfico 2.7
Frequência de utilização da internet para... (sexo masculino %)



Para 41,9% dos inquiridos os locais onde mais utilizam a internet são a casa e a escola. Para estes não é possível destacar qualquer um dos lugares como aquele onde mais acedem à Web. Os jovens que o conseguem fazer apontam o lar como o local onde mais utilizam a internet (40%) e depois a escola (9%). Dois dos jovens inquiridos referiram o café como o lugar preferencial para o uso da net e apenas diz fazê-lo essencialmente em casa de amigos.

Gráfico 2.8

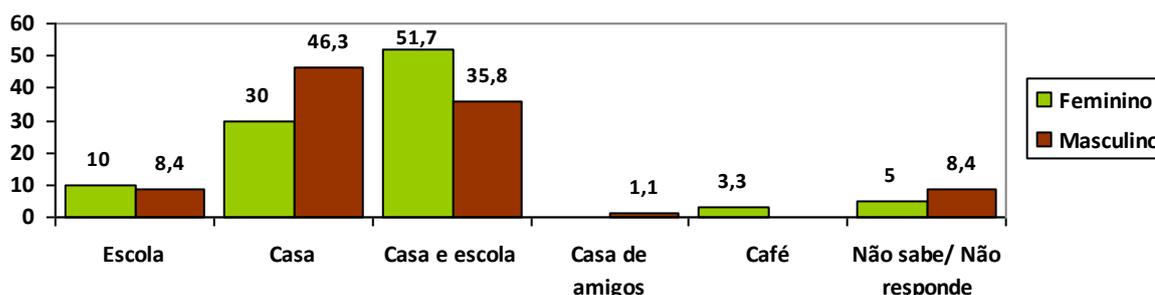
Onde utilizo mais a internet (%)



Mais de metade das raparigas (51,7%) e 35,8% dos rapazes refere a escola e a casa como os locais onde mais utilizam a internet. No entanto, 46,3% dos jovens do sexo masculino destacam apenas a casa como o lugar onde mais acedem à web. A escola é a primeira opção para 10% das raparigas e 8,4% dos rapazes. Em casa de amigos a utilização do meio online é feita por apenas um rapaz, e duas raparigas apontam o café como o sítio onde maioritariamente acedem à internet.

Gráfico 2.9

Onde utilizo mais a internet (por género %)



Os jovens passam grande parte do seu dia a navegar na internet tanto durante a semana como ao fim-de-semana, não havendo diferenças significativas no tempo gasto online nos diferentes períodos. Mais de metade dos inquiridos (50,3%) garante utilizar a internet mais de cinco horas por dia de segunda a sexta-feira. Destes, 6,5% refere que o faz oito horas diárias, 5,2%, 10 horas e 4,5% diz navegar na net cerca de doze horas.

Gráfico 2.10

Em média, quantas horas utiliza a internet por dia de 2ª a 6ª feira (%)

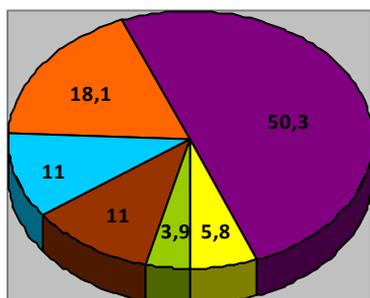
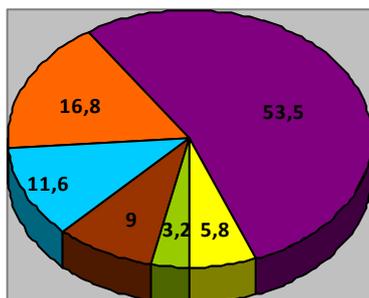


Gráfico 2.11

Em média, quantas horas utiliza a internet por dia ao fim-de-semana (%)

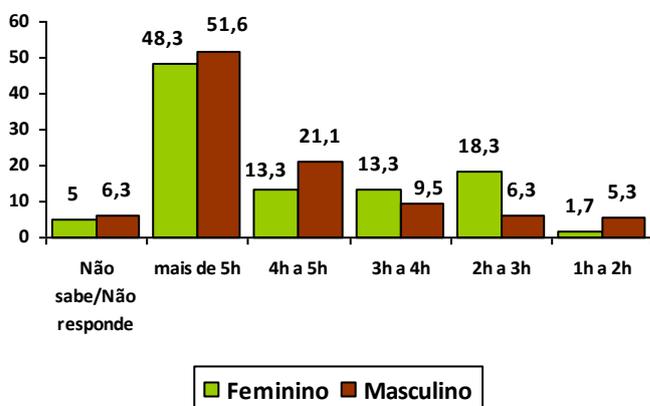


A taxa de utilização da Web é menor com a redução do tempo gasto a navegar: 18,1% diz gastar entre quatro a cinco horas do seu dia online; 11% entre três a quatro horas, a mesma percentagem que diz fazê-lo entre duas a três horas e apenas 3,9% dos inquiridos utiliza a internet entre uma e duas horas diárias.

Ao fim-de-semana 53,5% dos inquiridos utiliza a internet mais do que cinco horas por dia, o que significa que neste período há ainda mais jovens a navegar na Web do que durante a semana. O sábado e domingo são dias preferenciais para passar mais tempo a utilizar a net, pelo que a percentagem de indivíduos que refere navegar online menos do que cinco horas é menor do que durante a semana, com excepção do período entre três a quatro horas que regista ao fim-de-semana 11,6% de utilizadores. Contudo, 16,8% dos jovens utilizam a net entre quatro a cinco horas, 9% entre duas a três horas e somente 3,2% diz navegar na internet entre uma a duas horas diárias ao sábado e domingo.

Gráfico 2.12

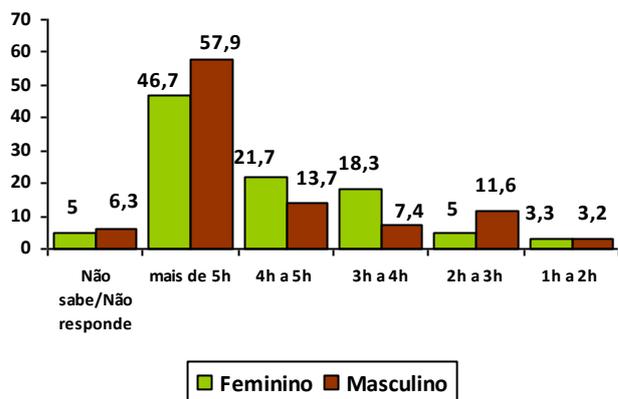
Em média, quantas horas utiliza a internet por dia de 2ª a 6ª feira (por género %)



A análise por género mostra-nos que durante a semana é o sexo feminino que regista as maiores percentagens de utilização da internet quando o tempo de uso é menor, isto é, no período entre as duas e três horas e no período entre três e as quatro horas. No entanto, a utilização da internet entre uma hora a duas é maior entre os rapazes (5,3%), do que entre as raparigas (1,7%).

Gráfico 2.13

Em média, quantas horas utiliza a internet por dia ao fim-de-semana (por género %)



Ao fim-de-semana o tempo gasto online é também maior entre os rapazes, mas menor quando o tempo de utilização da internet é inferior a quatro horas, só voltando a aumentar, quando a navegação online ocorre entre duas e três horas. Ao sábado e domingo, 12,6% dos rapazes dizem utilizar a net seis horas diárias e 9,5% garantem fazê-lo até dez horas. Há menos raparigas conectadas à internet tantas horas, mas 11,7% fá-lo seis

horas diárias.

4. Utilização pessoal da internet

A análise à utilização da internet pelos jovens mostra-nos que estes se assumem mais como consumidores do que produtores de conteúdos, uma vez que há mais inquiridos a dizer nunca ter criado páginas web ou blogues, do que o contrário, apesar da vocação profissional dos seus cursos.

A maioria dos inquiridos aponta a visita de sites e o visionamento de filmes, vídeos e ouvir música como os seus principais interesses online.

A sociabilidade da rede parece ter um forte significado para os jovens que garantem enviar e-mails frequentemente (46,3%), assim como comunicar em directo com outros utilizadores com muita regularidade: 41,9% dos inquiridos fá-lo frequentemente e 39,4% sempre. Apesar disto, os grupos de discussão não seduzem os jovens, o que revela que estes preferem uma comunicação mais particular.

A internet apresenta-se como um aliado indispensável no auxílio à realização dos trabalhos escolares, pelo que 52,3% dos inquiridos diz procurar frequentemente informações para trabalhos.

A sua área de estudos é um aliciante para o download de diferentes conteúdos disponíveis online, nomeadamente software, vídeos ou música, o que leva a uma utilização muito frequente e até mesmo diária.

A consulta dos meios de comunicação na net ainda não é um hábito entre os jovens, embora 34,8% por vezes já o faça. Já a consulta a referências e anuários, como mapas, sites de meteorologia ou horários, são visitados por vezes por 42,6% dos inquiridos e frequentemente por 17,4%.

O comércio online não tem ainda uma expressão significativa entre os jovens - 37,4% nunca comprou ou encomendou nada pela internet e 28,4% só raramente o faz – mas apesar disso 62,6% admite já alguma vez o ter feito. Como vimos anteriormente neste trabalho as compras a par da revelação de informações pessoais são as proibições mais significativas dos pais para com os seus filhos (41,4% e 38,9%, respectivamente).¹

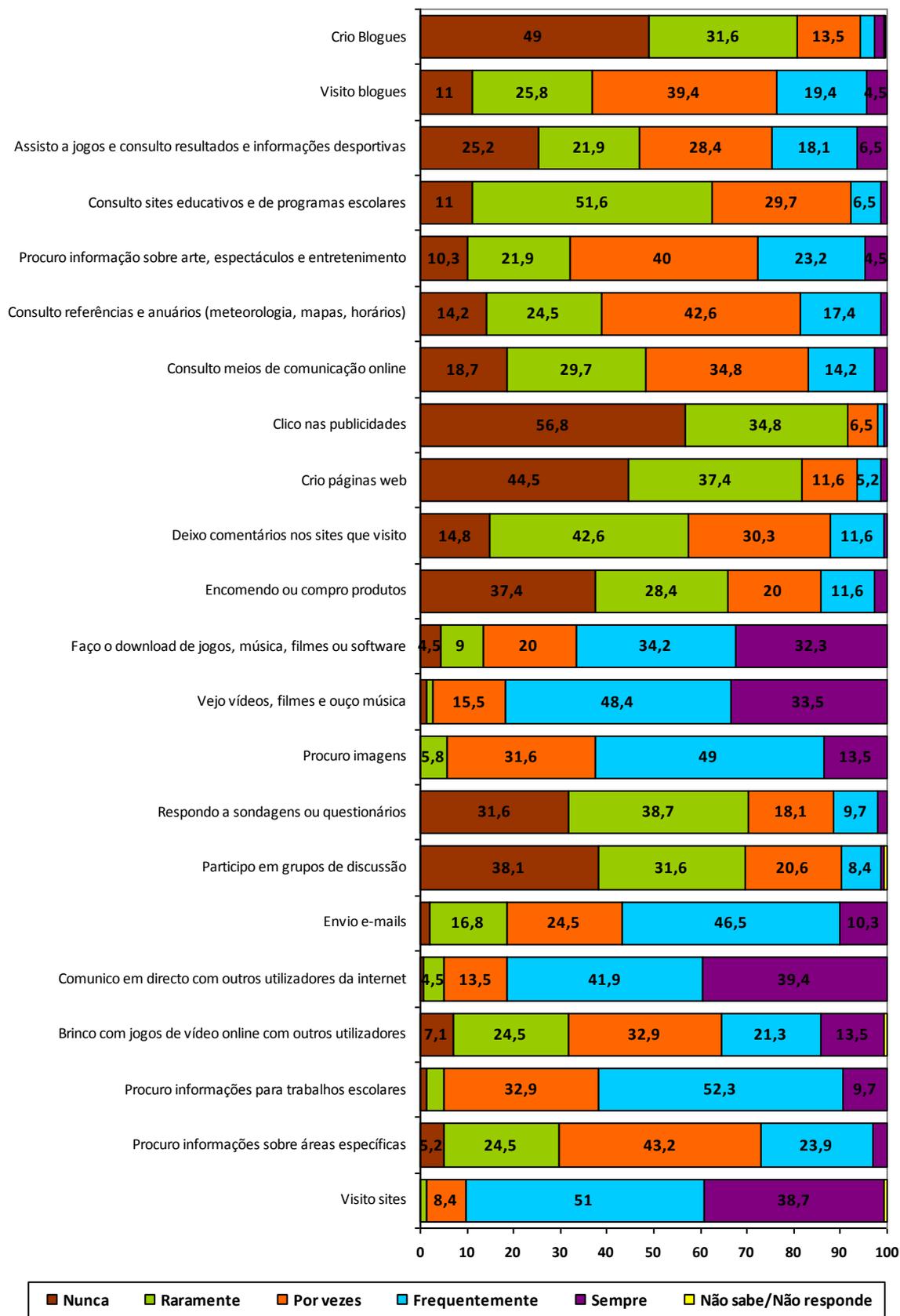
No campo do entretenimento, o visionamento de jogos e a consulta de resultados desportivas, a procura de informação sobre o assunto, e jogar jogos online com outros utilizadores são das actividades preferidas dos inquiridos na internet.

Esta análise vem uma vez mais reforçar o facto de que também a utilização que os jovens inquiridos de cursos profissionais ligados às tecnologias não é diferente daquela que é feita pelos restantes jovens, com outro percurso escolar. O estudo da OBERCOM (Cardoso, 2009:38) mostra que a maioria dos jovens visita páginas web, comunica num chat ou no Messenger ou lê o correio electrónico. Jogar online ou efectuar o descarregamento de música, software ou filmes são também práticas relevantes para uma fracção superior a 40 por cento dos jovens. Quanto aos conteúdos que procuram na rede, a música surge à cabeça, seguido dos jogos, informações desportivas e relacionadas com software e informática. Os conteúdos noticiosos, educativos, culturais e referentes a hobbies são os menos populares.

¹ Cardoso, Gustavo, Rita Espanha e Tiago Lapa (2009), *Do quarto de dormir para o Mundo: Jovens e Media em Portugal*, Lisboa: Âncora Editora, p.192

Gráfico 2.14

Em geral, quando vou para a internet...



A análise por género revela que os rapazes estão mais despertos para a produção de conteúdos online do que os raparigas.

A utilização da internet como ferramenta de comunicação tem vindo a aumentar em todas as suas vertentes e por ambos os sexos. São já 85% (43,3% frequentemente e 41,7% sempre) das raparigas e 79% dos rapazes (41,1% frequentemente e 37,9% sempre) que utilizam os serviços de mensagens instantâneas regularmente. Os grupos de discussão, embora pouco participados, são mais utilizados pelos rapazes, enquanto as raparigas preferem comunicar enviando emails.

Mais de metade dos internautas do sexo feminino (51,7%) e 28,4% dos jovens do sexo masculino nunca encomendou ou comprou nada online. O comércio electrónico é ainda uma prática pouco comum entre os jovens, mas há mais rapazes a fazer compras na web (43,2% fá-lo com alguma regularidade) do que raparigas (apenas 20,1% tem esta prática incutida).

A consulta de meios de comunicação online é mais utilizada pelos rapazes do que pelas raparigas, preferencialmente para consultar páginas desportivas.

Na área do entretenimento, são os rapazes os que mais jogam jogos online com outros utilizadores e fazem o download de filmes/séries, software, jogos e música. Apesar de todos os internautas inquiridos terem apresentado elevados índices de realização destas actividades na net, são os rapazes os que mais utilizam a web para lazer. Como refere Rieffel (2003:218) “as raparigas ouvem mais frequentemente música do que os rapazes. A cultura dos jogos de vídeo é claramente masculina, cria uma forte sociabilidade de grupo entre eles e favorece a identificação com modelos de virilidade, de força e até mesmo de violência.” A finalidade de utilização da internet, no caso, tem claramente que ver com as diferentes formas de apropriação deste meio que tem início na infância: as utilizações por parte das raparigas baseiam-se no relacionamento, enquanto nos rapazes assentam na autonomia (Rieffel, 2003:218).

Na procura de informações para trabalhos escolares, 73,4% das raparigas e 54,7% dos rapazes utiliza a internet de forma diária ou muito frequente com esta finalidade.

Gráfico 2.15
Em geral, quando vou para a internet... (sexo feminino %)

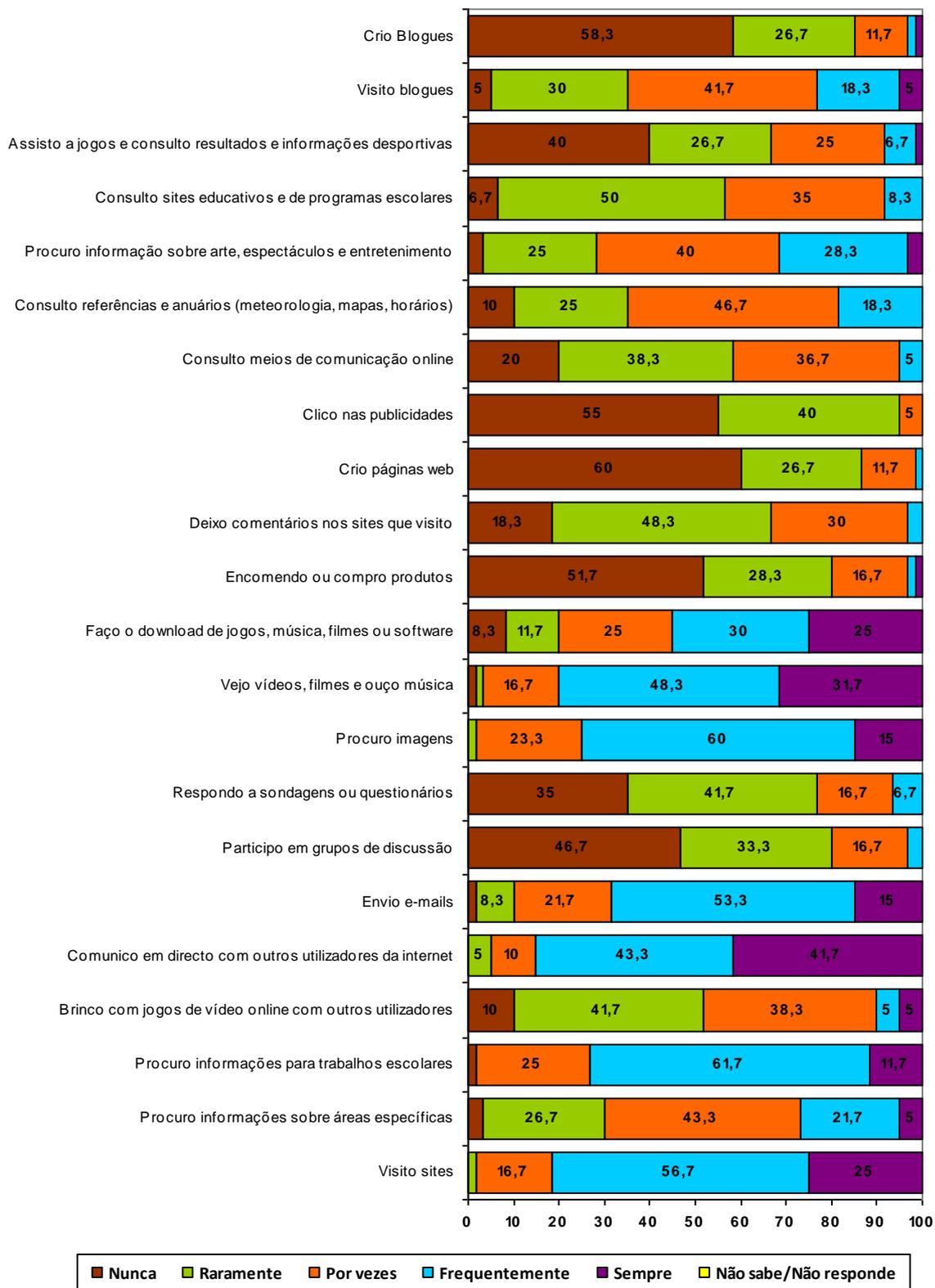
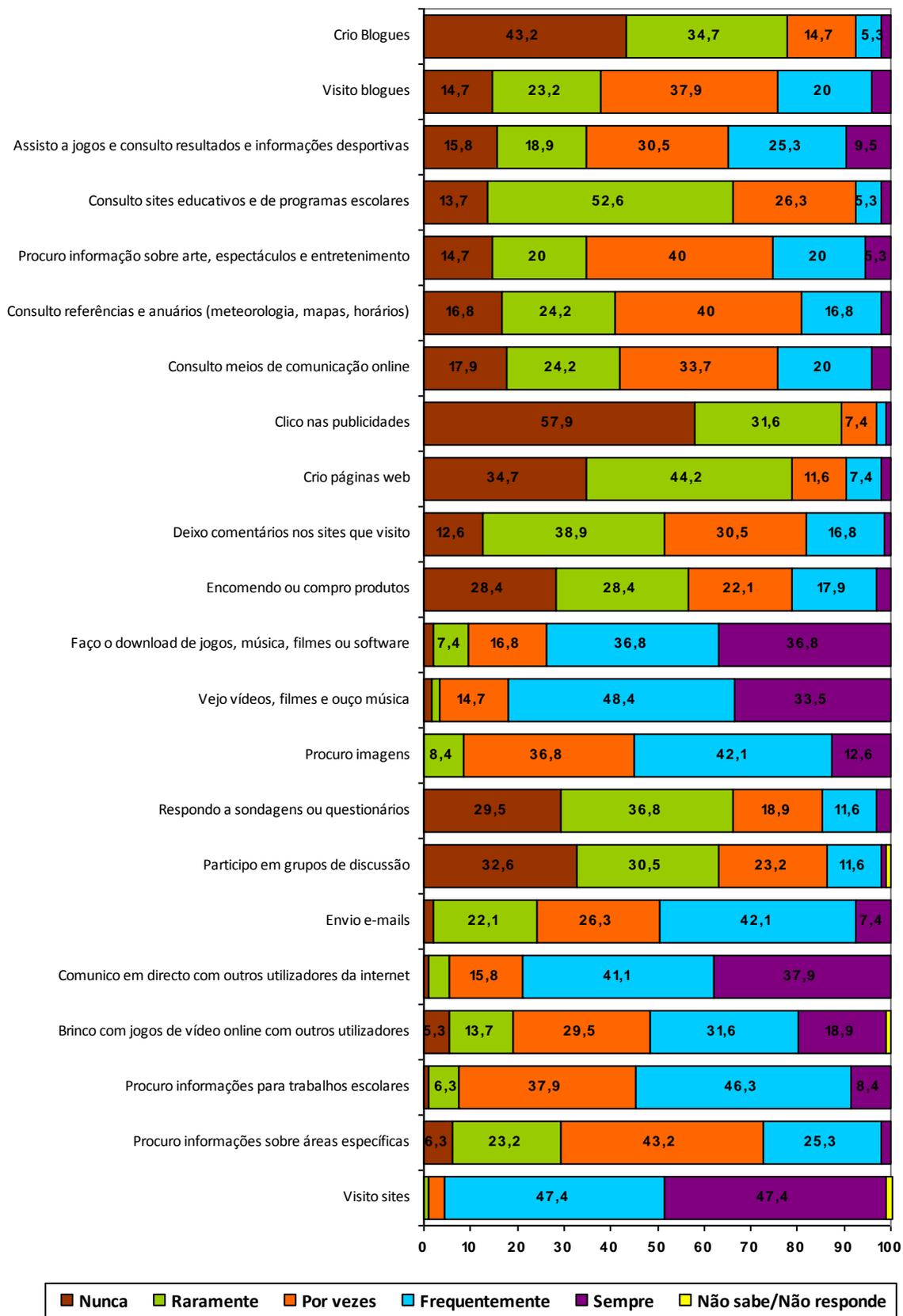


Gráfico 2.16

Em geral, quando vou para a internet... (sexo masculino %)



5. Procura de informação

5.1. Navegação na internet

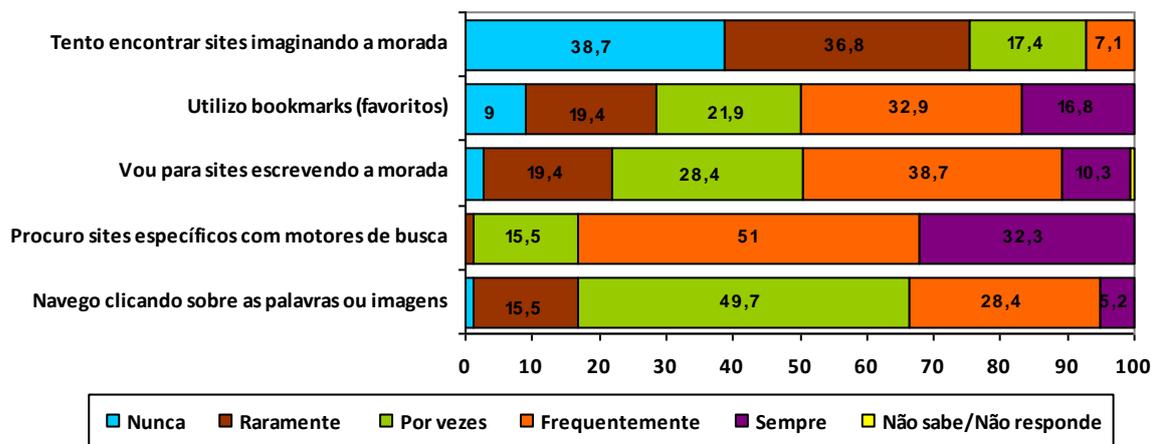
Mais de metade dos internautas (51%) utiliza frequentemente os motores de pesquisa para navegar na internet. O registo dos sites mais interessante para os jovens é adicionado frequentemente nos favoritos para um acesso mais rápido: 32,9% utiliza esta forma de navegação com frequência e 16,8% diz fazê-lo sempre.

Os inquiridos revelam saber a morada das páginas online que procuram, pelo que 38,7% dos jovens escreve frequentemente o endereço electrónico do site a que pretende aceder, e 10,3% refere que este é o modo como navega sempre na web. A navegação através de botões é utilizada com menor frequência.

Esta análise revela que os jovens têm uma percepção clara dos sítios online que pretendem consultar e que não têm dificuldade em aceder a diferentes sites, por isso, tentar encontrar sites imaginando a morada é uma forma de navegação pouco utilizada. Nenhum inquirido referiu usá-la sempre e 38,7% dizem, inclusive, nunca o fazer.

Gráfico 2.17

Habitualmente quando vou para "sites" da internet... (%)



A navegação online é feita de forma similar por ambos os sexos, embora haja mais raparigas a utilizar motores de pesquisa para procurar páginas online específicas e a escrever directamente a morada dos sites que querem consultar do que rapazes. Eles revelam preferir a navegação através de botões e o acesso aos favoritos.

Os amigos são a melhor fonte de informação sobre páginas na internet por partilharem os mesmos interesses. Para 58,1% dos jovens os amigos são quem indica mais frequentemente a morada de páginas online.

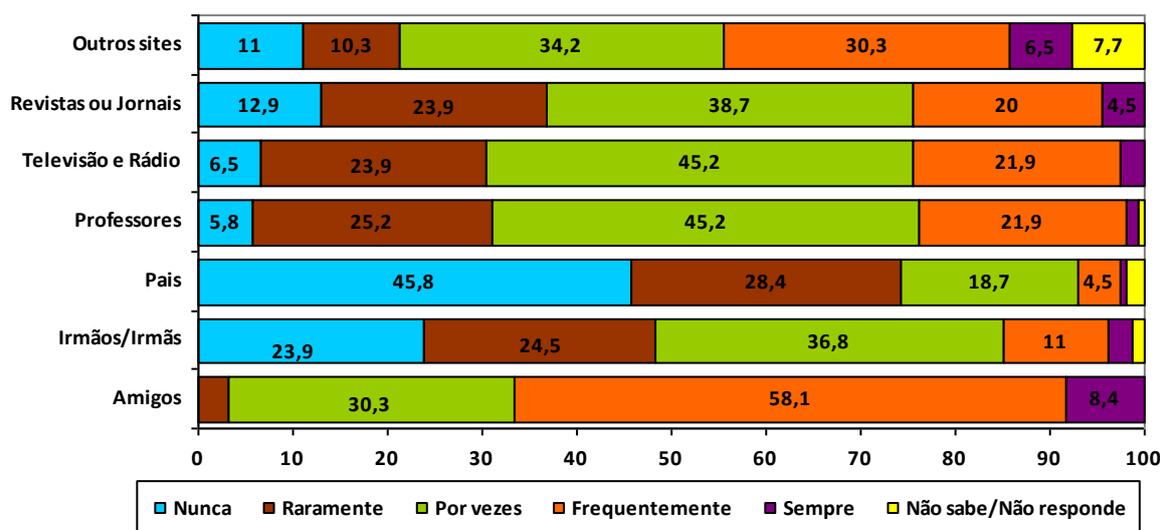
O núcleo familiar, irmãos e pais, são os menos utilizados como fonte de consulta para indicação de sites, o que mostra que há um distanciamento na partilha da utilização da internet. Como alunos de cursos profissionais de informática, comunicação, som e imagem, os professores são apontados por 21,9% como fonte de informação frequente sobre páginas web e quase metade dos inquiridos (45,2%) refere que estes por vezes têm o papel de transmissores quanto a sites a consultar.

Os meios de comunicação (revistas, jornais, televisão e rádio) são para os jovens fontes de informação sobre sites mais utilizados até do que os professores, embora a diferença não seja significativa. Quarenta e cinco por cento dos inquiridos revelam utilizar regularmente e até diariamente a comunicação social como fonte de consulta sobre outros locais online.

O recurso a diferentes sites como indicadores de outras páginas a aceder está a ganhar adeptos, uma vez que 36,8% já o faz de forma frequente ou constante, apesar de 11% garantir que nunca usa este modo para descobrir novos sites.

Gráfico 2.18

Fontes de informação sobre sites (%)



Para quase 59% das raparigas e 58% dos rapazes, os amigos são frequentemente fontes de informação sobre conteúdos online. No entanto, um maior número de rapazes do que raparigas garante recorrer sempre aos seus colegas. Por seu turno, o recurso à família para saber informação sobre sites é mais utilizado pelo sexo feminino, embora os números de consulta sejam reduzidos. Os irmãos, no seio familiar, são também mais procurados do que os pais e esta consulta é mais realizada pelas raparigas, porque como já vimos elas apropriam-se dos media num sentido mais de relacionamento e eles de autonomia (Rieffel, 2003:219).

Os professores são também mais consultados pelo sexo feminino do que pelo masculino. Os meios de comunicação social são utilizados de forma muito similar por ambos os sexos, embora os rapazes consultem mais regularmente as revistas e jornais (24,2%) como fontes de informação, enquanto as raparigas preferem a televisão e a rádio (30%).

A consulta de sites como fonte de informação sobre outros sites é predominantemente utilizada pelos rapazes.

Gráfico 2.19

Fontes de informação sobre sites (sexo feminino %)

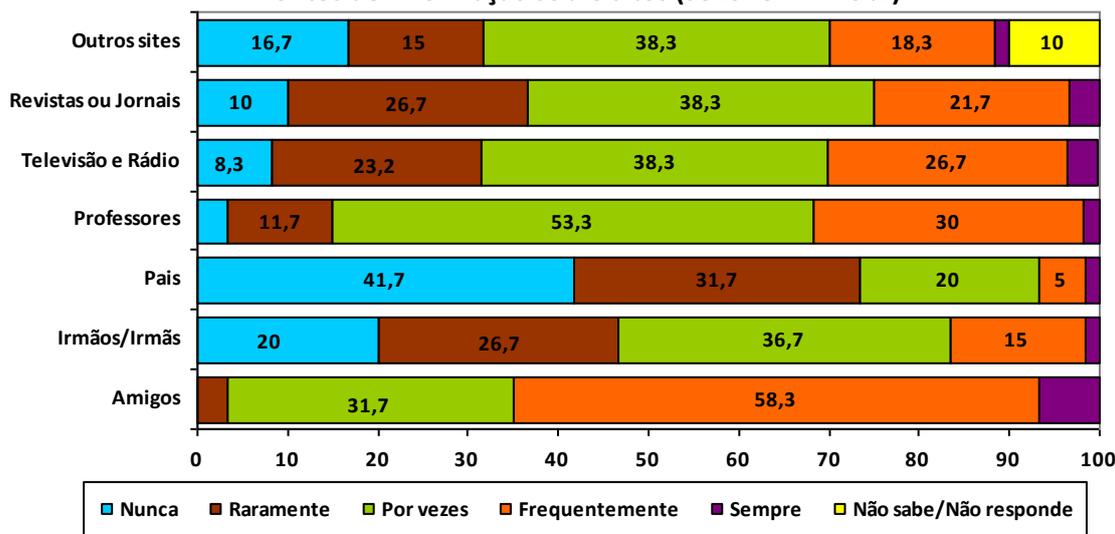
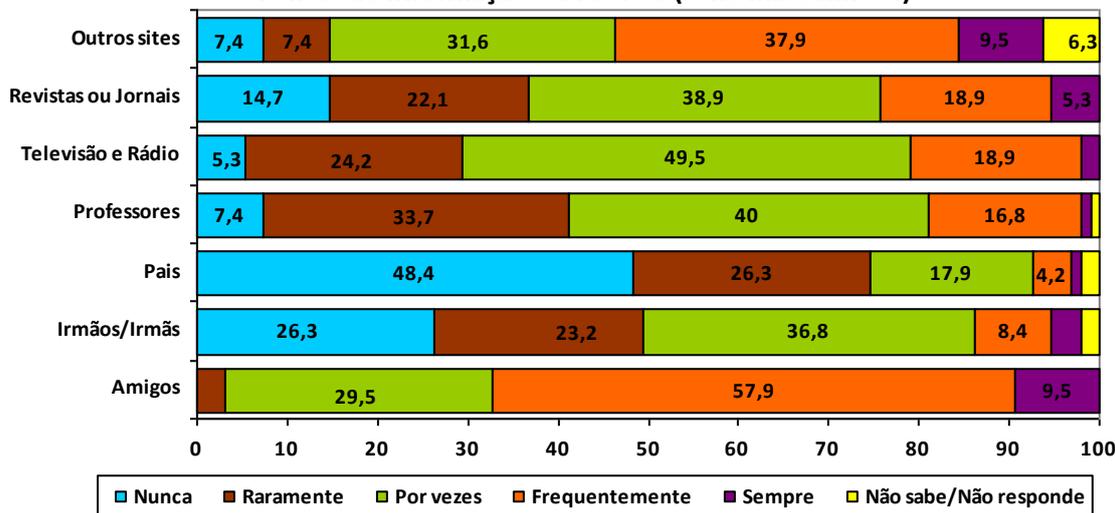


Gráfico 2.20

Fontes de informação sobre sites (sexo masculino %)



6. Sociabilidade na internet

A maioria dos internautas já fez amigos através da internet. A web funciona como uma ponte para estabelecer contactos que se tornam em laços de amizade para 81,9% dos jovens.

Dos inquiridos do sexo feminino, 78,3% já fez amigos online, assim como 84,2% dos rapazes. Apesar de a diferença não ser acentuada há mais rapazes do que raparigas a criar laços de amizade através da internet.

Gráfico 2.21

Já fiz amigos através da internet? (%)

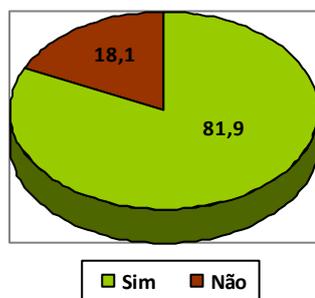
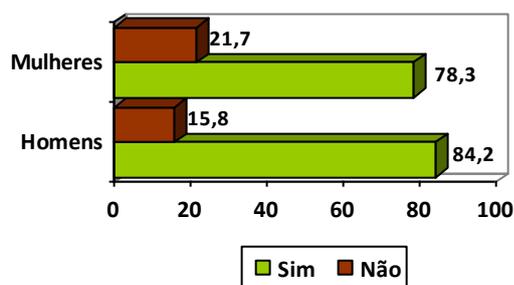


Gráfico 2.22

Já fiz amigos através da internet? (por género %)



Apesar da maioria dos jovens fazerem amigos online, a partilha do uso da internet em suas casas não é muito comum. A este propósito recordamos que quando questionados sobre o local onde mais utilizam a internet, apenas um estudante respondeu a casa de amigos. No entanto, um maior número de rapazes do que raparigas utiliza a net em casa de colegas. Como veremos adiante navegar online é para a maioria dos jovens (51%) uma actividade solitária.

Gráfico 2.23

Utilizo a internet em casa de amigos? (%)

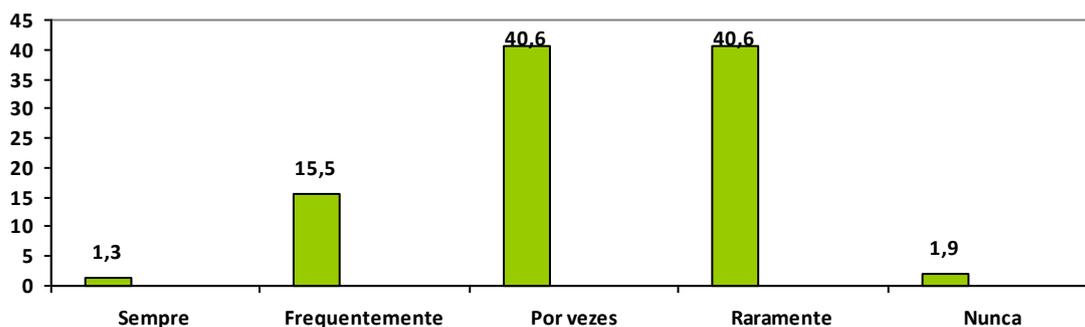
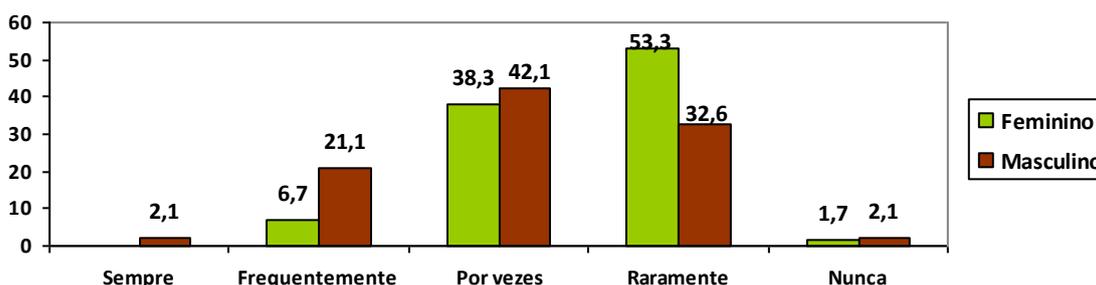


Gráfico 2.24

Utilizo a internet em casa de amigos? (por género %)



Mais de quarenta por cento (41,3%) dos inquiridos tem uma página na internet, apenas mais 0,7% dos que não têm. No entanto, 11% refere ainda não ter uma página online, mas estar a pensar criá-la.

Os blogues entusiasмам menos os jovens, já que mais de metade dos internautas não tem um blogue e apenas 26,5% já o criou. Há ainda menos jovens a querer vir a ter um do que páginas online.

Gráfico 2.25

Tenho uma página na internet (%)

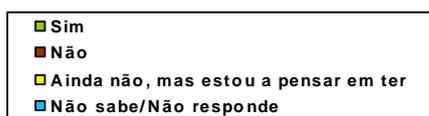
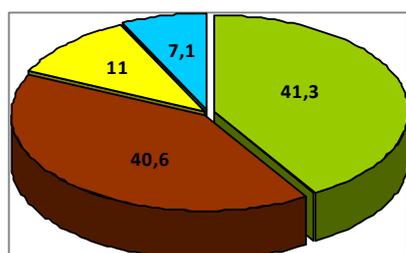
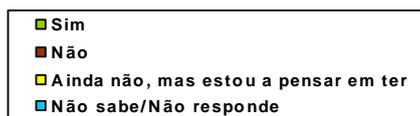
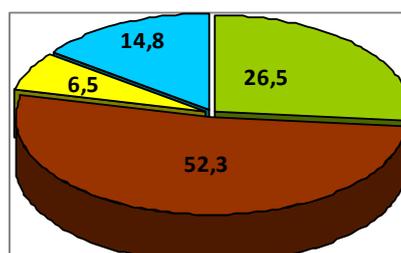


Gráfico 2.26

Tenho um blogue (%)



Há mais raparigas (51,7%) do que rapazes (34,7%) com uma página na internet, embora 15,8% deles esteja a pensar vir a criar uma página online. Apesar de haver mais rapazes a dizer ter blogue, estes números devem-se ao facto de 26,7% das inquiridas não ter respondido a esta questão, pois 57,9% dos rapazes e 43,3% das raparigas garante não ter blogue.

Gráfico 2.27

Tenho uma página na internet (por género %)

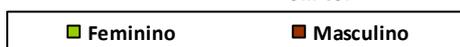
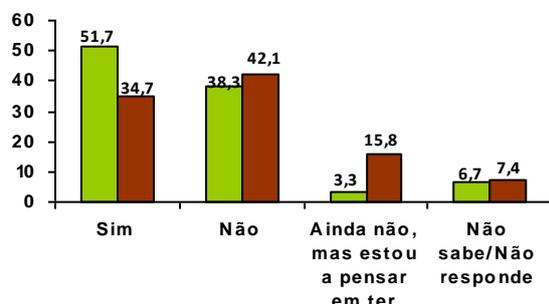
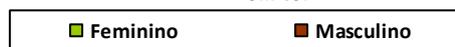
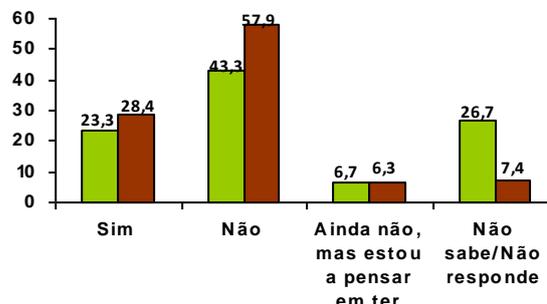


Gráfico 2.28

Tenho um blogue (por género %)



7. Internet em casa

A quase totalidade dos inquiridos (98,7%) tem internet em casa, sendo que apenas dois estudantes não possuem ligação à net nas suas residências. Destes, 76,8% tem portátil com acesso à internet, o que possibilita o seu uso em qualquer local e 22,6% tem um computador fixo em casa.

Gráfico 2.29
Tenho internet em casa (%)

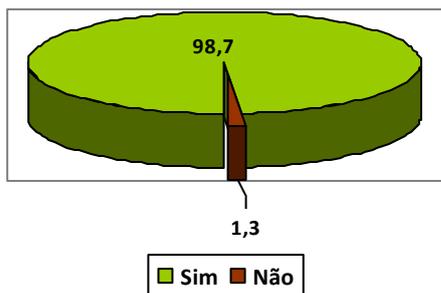
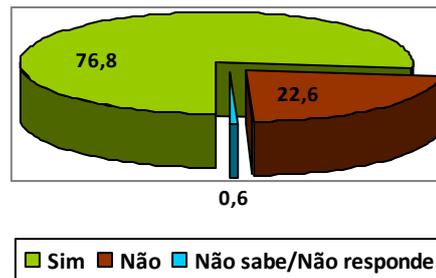
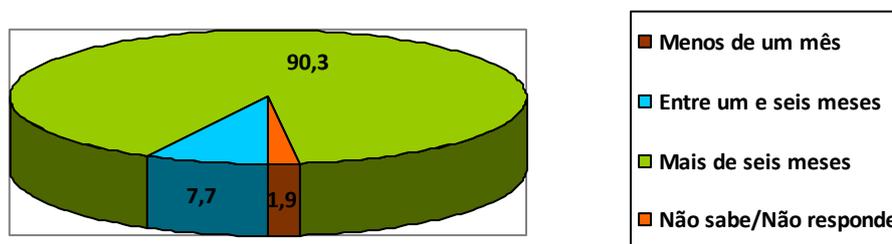


Gráfico 2.30
Tenho portátil com ligação à internet e uso onde necessito (%)



Apenas um inquirido do sexo feminino e outro do sexo masculino referiram não ter internet em casa. No entanto, 83,3% das raparigas e 72,6% dos rapazes tem portátil com ligação à plataforma internet.

Gráfico 2.31
Tenho acesso à internet em casa desde há... (%)



Para 90,3% dos internautas a ligação à internet em casa existe há mais de seis meses, enquanto para 7,7% o acesso à web no lar ocorreu apenas nos últimos seis meses. Esta análise revela-nos que para cinco jovens a internet em casa surgiu com a entrada no ensino secundário, enquanto quatro deles só passaram a ter ligação à internet na sua residência no 11º ano e três estudantes só o conseguiram no 12º ano de escolaridade. Nenhum jovem disse ter internet em casa há menos de um mês. Para 8,3% das raparigas e 7,4% dos rapazes o acesso à internet em casa ocorreu apenas nos últimos seis meses. No entanto, uma taxa muito similar mostra-nos que a ligação à web nas residências é muito equilibrada para ambos os sexos, pelo que 90,5% dos rapazes e 90% das raparigas já possui internet em casa há mais de seis meses.

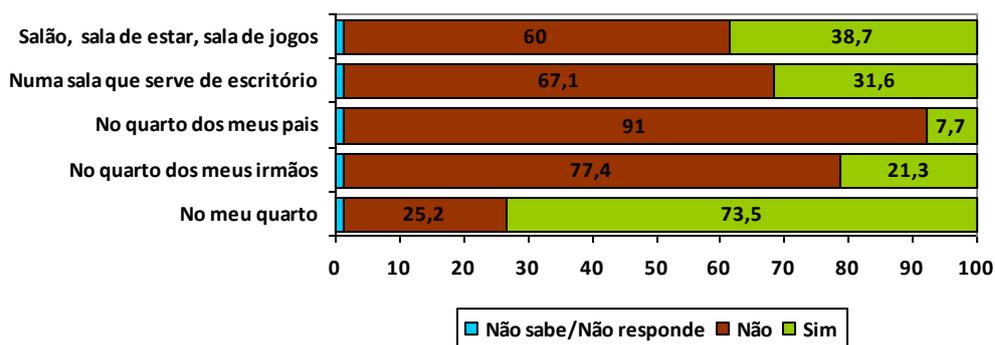
7.1. Localização do computador

Em casa dos inquiridos o computador situa-se principalmente nos seus quartos (73,5%), depois numa sala de estar, salão ou sala de jogos (38,7%) e num escritório (31,6%).

Apenas 7,7% e 21,3% dos internautas mencionaram o quarto dos pais e o quarto dos irmãos, respectivamente, como locais onde há computador. Os dois alunos que não responderam a esta questão fizeram-no por não terem internet em casa.

Gráfico 2.32

Em casa, onde se encontra o computador? (%)



Há mais rapazes (76,8%) com computador no quarto do que raparigas (68,3%). No entanto, há mais inquiridas (41,7%) a referir o salão, sala de estar ou sala de jogos como um local com computador do que rapazes (36,8%). E o mesmo acontece quanto à localização do computador no quarto dos pais, que é apontado por 8,3% das raparigas, enquanto apenas 7,4% dos rapazes o faz. Nos restantes locais da residência – sala que serve de escritório e quarto dos irmãos – são os rapazes que mais referem aí ter computadores, apesar da diferença percentual entre sexos não ser acentuada, o que revela uma distribuição similar de computadores pelas divisões das casas tanto das raparigas como dos rapazes.

Gráfico 2.33

Em casa, onde se encontra o computador? (sexo feminino %)

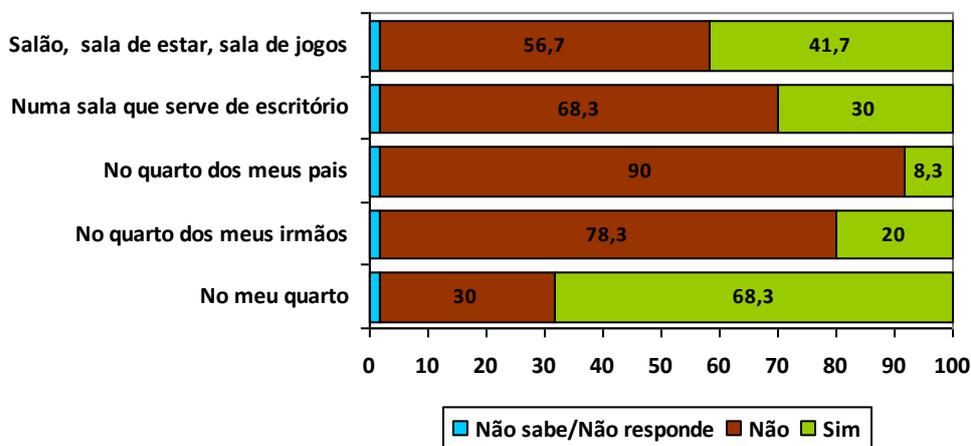
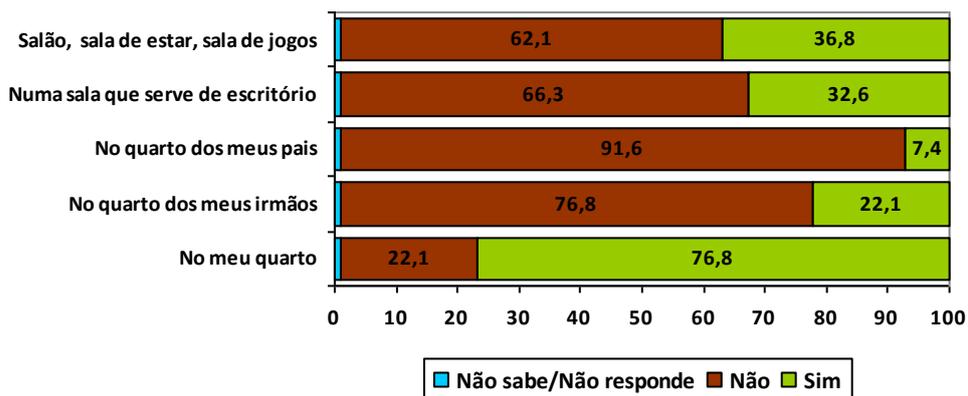


Gráfico 2.34

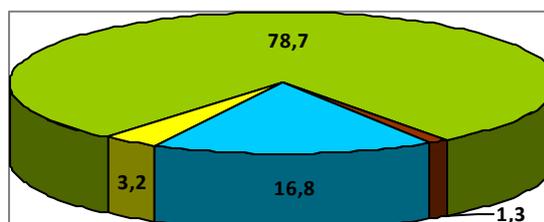
Em casa, onde se encontra o computador? (sexo masculino %)



Quase oitenta por cento dos inquiridos refere que são os filhos quem mais utiliza a internet em casa, sendo que apenas dois alunos apontam os pais como os maiores utilizadores da web. Para 16,8% não há diferença no acesso à internet em casa, pelo que este é realizado tanto pelos pais como pelos filhos.

Gráfico 2.35

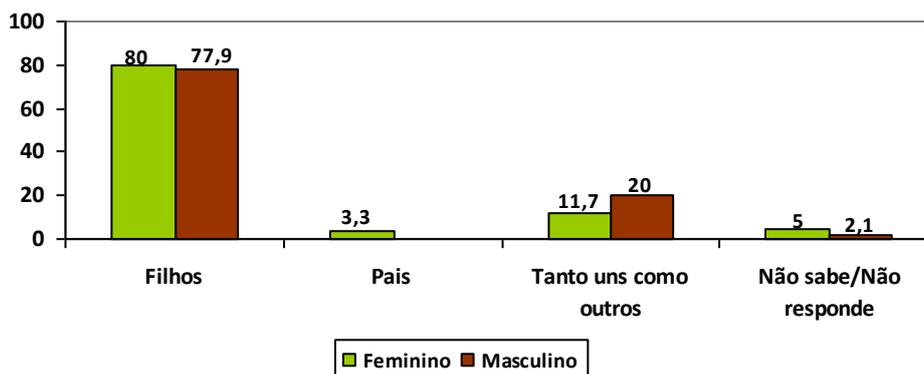
Quem utiliza mais a internet em casa (%)



A análise por sexo mostra-nos que 80% das raparigas e 77,9% dos rapazes afirma que são os filhos que mais utilizam a internet em casa. Nenhum rapaz aponta os pais com os maiores utilizadores da web, enquanto duas alunas dizem que são os progenitores quem mais acede à internet. No entanto, 20% dos rapazes e 11,7% das raparigas diz que em casa a utilização da internet é feita de igual forma tanto pelos pais como pelos filhos.

Gráfico 2.36

Quem utiliza mais a internet em casa (por género %)



Quase sessenta por cento dos inquiridos (58,7%) afirma que o pai não utiliza a internet para fins pessoais ou no emprego, enquanto 35,5% diz que o faz. Há mais rapazes (42,1%) a apontar o seu pai como utilizador da net do que raparigas (25%).

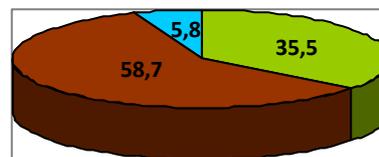
Sessenta por cento dos inquiridos afirma que a mãe não utiliza a internet com qualquer finalidade (entretenimento ou trabalho), sendo que 36,8% acede a esta plataforma.

Tanto os rapazes (36,8%) como as raparigas (36,7%) dizem que a mãe utiliza a internet para fins pessoais ou no emprego. Já 61,7% das inquiridas diz que a mãe não o faz, assim como 58,9% dos rapazes. Esta diferença deve-se ao facto de uma inquirida e quatro rapazes não ter respondido à questão.

Para a maioria dos pais, a fraca familiaridade com as novas tecnologias contribui para que não utilizem a internet. Cerca de setenta e dois por cento dos pais e 62,6% das mães frequentou a escola até ao 3º ciclo do ensino básico, em que a disciplina de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) não fazia parte da componente obrigatória do currículo escolar², o que diminui o contacto e o conhecimento desta ferramenta. O ensino secundário foi frequentado por 12,3% dos pais e 21,3% das mães, e o ensino superior por 4,5% dos progenitores. Um inquirido refere ainda que a mãe não sabe ler nem escrever.

Gráfico 2.37

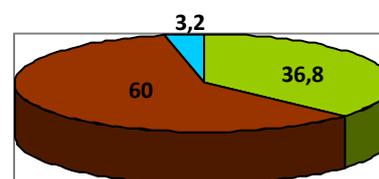
O seu pai utiliza a internet para fins pessoais ou no emprego? (%)



■ Sim ■ Não ■ Não sabe/Não responde

Gráfico 2.38

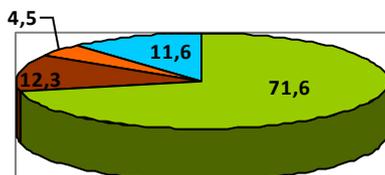
A sua mãe utiliza a internet para fins pessoais ou no emprego? (%)



■ Sim ■ Não ■ Não sabe/Não responde

Gráfico 2.39

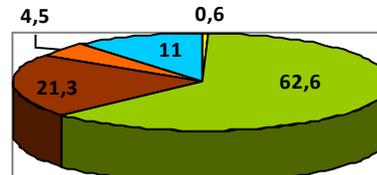
Escolaridade do pai (%)



■ Não sabe ler nem escrever ■ Ensino básico (até ao 9º ano)
 ■ Ensino secundário ■ Ensino superior
 ■ Não sabe/Não responde

Gráfico 2.40

Escolaridade da mãe (%)



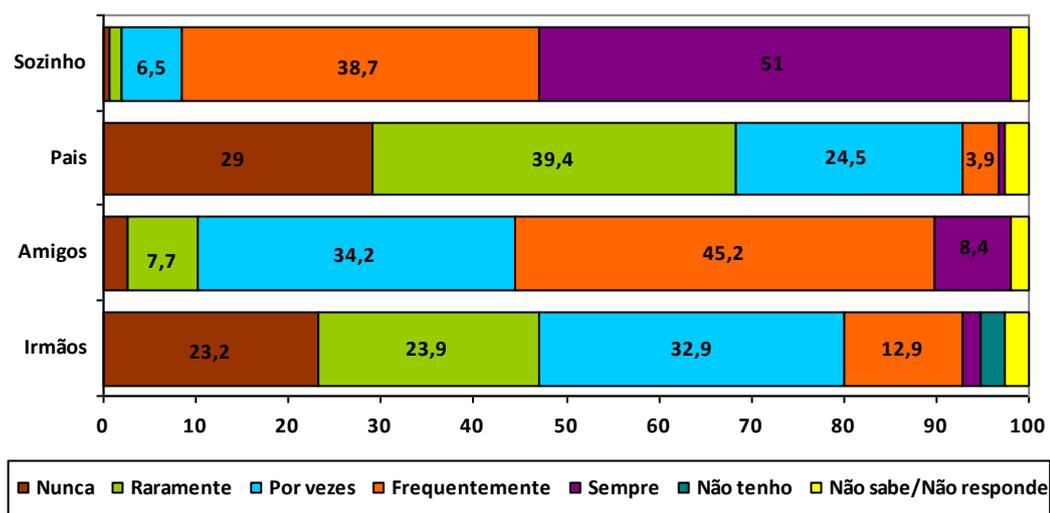
■ Não sabe ler nem escrever ■ Ensino básico (até ao 9º ano)
 ■ Ensino secundário ■ Ensino superior
 ■ Não sabe/Não responde

² As TIC, na altura designada *Introdução às Tecnologias de Informação e Comunicação*, como disciplina obrigatória do 9º ano, foram introduzidas pelo Anexo 3 do Decreto-lei n.º 209/2002 de 17 de Outubro

A utilização da internet em casa é feita predominantemente de forma solitária: 51% dos inquiridos diz navegar online sempre sozinho e 38,7% fá-lo frequentemente. O uso da web é seguidamente preferido pelos jovens na companhia dos amigos. O núcleo familiar, irmãos e pais, partilham pouco a utilização da internet em casa com os inquiridos. A partilha da net sempre com os irmãos só acontece para 1,9% dos jovens e frequentemente para 12,9%. Cerca de 24% dos jovens diz raramente usar este media com os irmãos e 23,2% nunca o faz. A falta desta partilha não se deve à diferença de idades e conseqüentemente à falta de interesses em comum, já que 47,1% dos inquiridos tem irmãos com uma idade próxima da sua. No entanto, 40% diz não ter irmãos com uma idade aproximada.

A utilização da internet com os progenitores é menos frequente do que com os restantes indivíduos analisados. Apenas um inquirido diz navegar sempre na web com os pais e 3,9%, frequentemente. Pelo contrário, 39,4% só o faz raramente e 29% nunca partilha este uso. A fraca partilha da internet com os progenitores deve-se, como vimos, mais à fraca familiaridade dos pais com as novas tecnologias, do que à idade destes, uma vez que 58,1% das mães e 52,9% dos pais situa-se ainda na faixa etária entre os 40 e os 50 anos. Entre os 30 e os 40 anos há 17,4% das mães e 9% dos pais. Dos 50 aos 60 anos encontram-se 28,4% de pais e 16,1% de mães. Apenas uma delas tem mais de 60 anos e três pais têm entre 60 e 70 anos. Há ainda um pai com 76 anos.

Gráfico 2.41
Utilizo a internet com... (%)



A análise à utilização da internet em casa por sexos, revela que mais rapazes (55,8%) do que raparigas navegam online sempre sozinhos.

A utilização partilhada da internet sempre com os colegas só acontece para 6,7% das raparigas, mas 53,3% fá-lo frequentemente, assim como 40% dos rapazes. Quatro por cento

dos rapazes afirma ainda nunca partilhar a navegação online com os amigos, mas nenhuma rapariga o refere. Apesar das baixas taxas de utilização da web dos jovens com os pais e irmãos, são mais as raparigas do que os rapazes que dizem partilhar o uso da net.

Os jovens têm os seus quartos individuais equipados com computadores e televisões que utilizam de forma solitária e isolada da restante família, o que pode explicar que o núcleo familiar partilhe tão pouco a utilização da internet, levando a que, como veremos adiante, quase 40% dos inquiridos diga, inclusive, que os progenitores não se preocupam com o que fazem na internet e cerca de 32% não saiba se estes têm este tipo de preocupação.

Gráfico 2.42

Utilizo a internet com... (sexo feminino %)

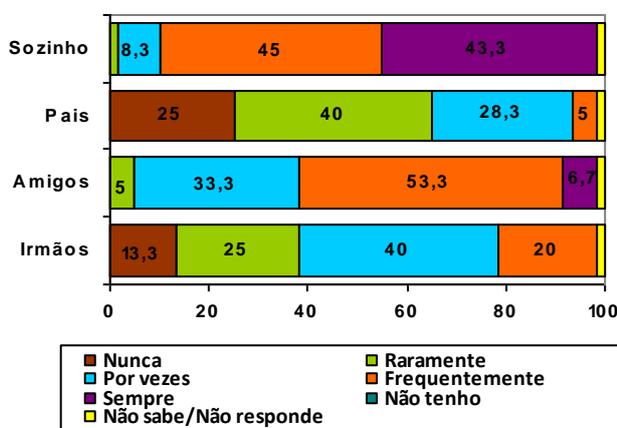


Gráfico 2.43

Utilizo a internet com... (sexo masculino %)

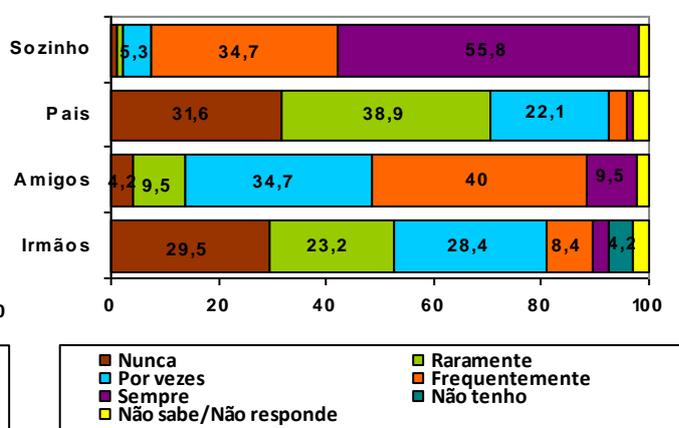
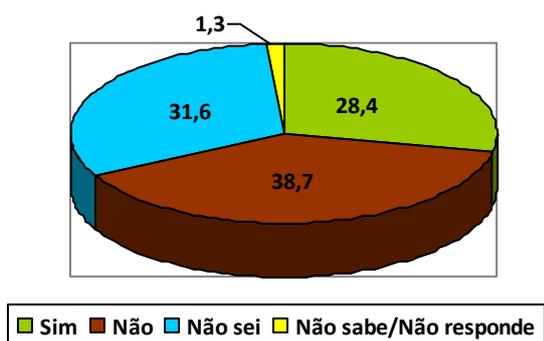


Gráfico 2.44

Os meus pais preocupam-se com o que faço na internet? (%)



A fraca utilização da internet pelos pais e consequente partilha do seu uso com os filhos faz com que 38,7% dos inquiridos afirme que os seus progenitores não se preocupam com o que fazem na internet e 31,6% não tenha ideia se os pais se preocupam com o tipo de navegação online que realizam. Destes, 28,4% acredita que os pais se preocupam com o que fazem na internet.

São os pais das jovens que mais se preocupam com o que fazem na internet: 45% das inquiridas refere que os progenitores querem saber o que fazem online, mas para apenas 17,9% dos rapazes os pais demonstram este tipo de preocupação. Assim, 48,4% do sexo masculino e 23,3% do sexo feminino afirma que os pais não se preocupam com a sua utilização da internet. Trinta por cento das inquiridas e 32,6% dos rapazes revela ainda não saber se os pais têm este tipo de preocupação.

Gráfico 2.45
Os meus pais preocupam-se com o que faço na internet? (por género %)

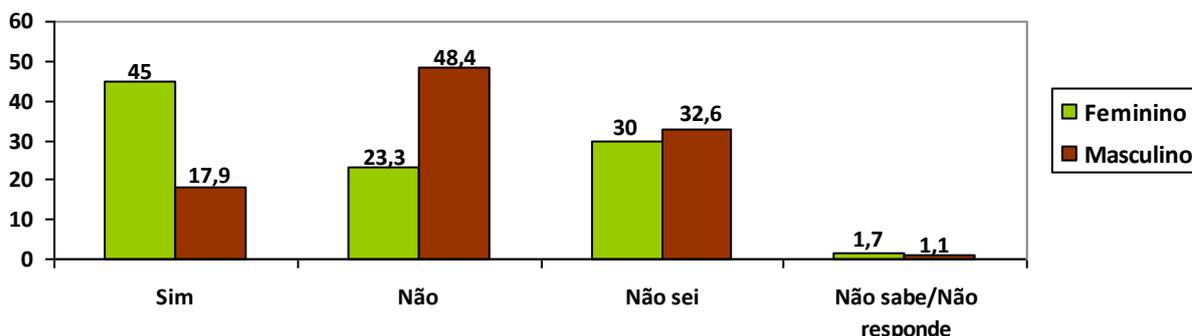
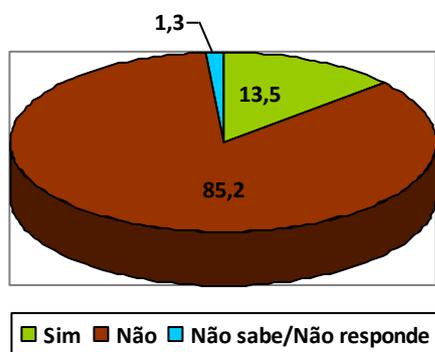


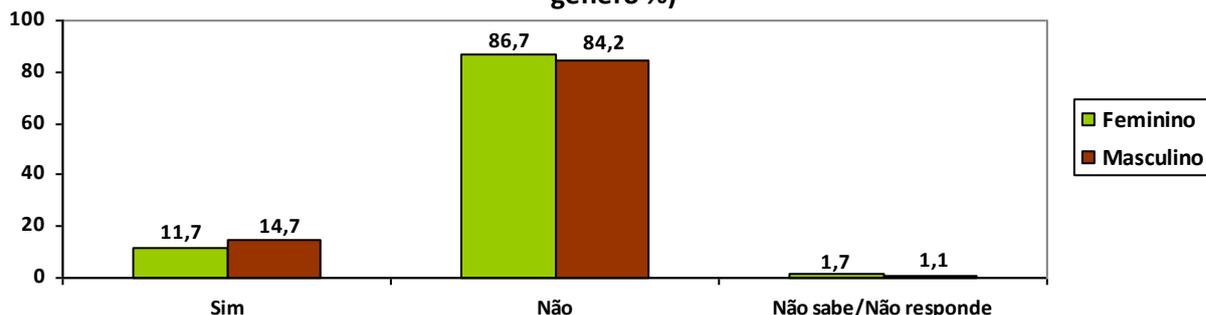
Gráfico 2.46
Os meus pais impõem-me um limite de horas para utilizar a internet? (%)



Mais de oitenta e cinco por cento (85,2%) diz que os pais não lhes impõem um limite de horas para utilizarem a internet, enquanto 13,5% refere que os progenitores controlam o tempo de navegação online. Estes jovens aproximam-se da idade adulta pelo que pode haver a expectativa dos pais de lhes dar maior autonomia e responsabilidade para organizar os seus tempos livres e de estudo.

O facto dos pais das jovens inquiridas serem mais preocupados com o que estas fazem na internet e por isso controlarem mais a sua navegação, possibilita que estas tenham maior liberdade de uso da web, sem uma limitação de horas para a sua utilização. Apesar de a diferença não ser grande entre sexos, são mais os pais dos rapazes que lhes impõem um limite de tempo para navegar na net (14,7%) do que os pais das raparigas (11,7%). Quase oitenta e sete por cento das inquiridas e 84,2% dos inquiridos referem que os pais não lhes limitam o número de horas de utilização da internet.

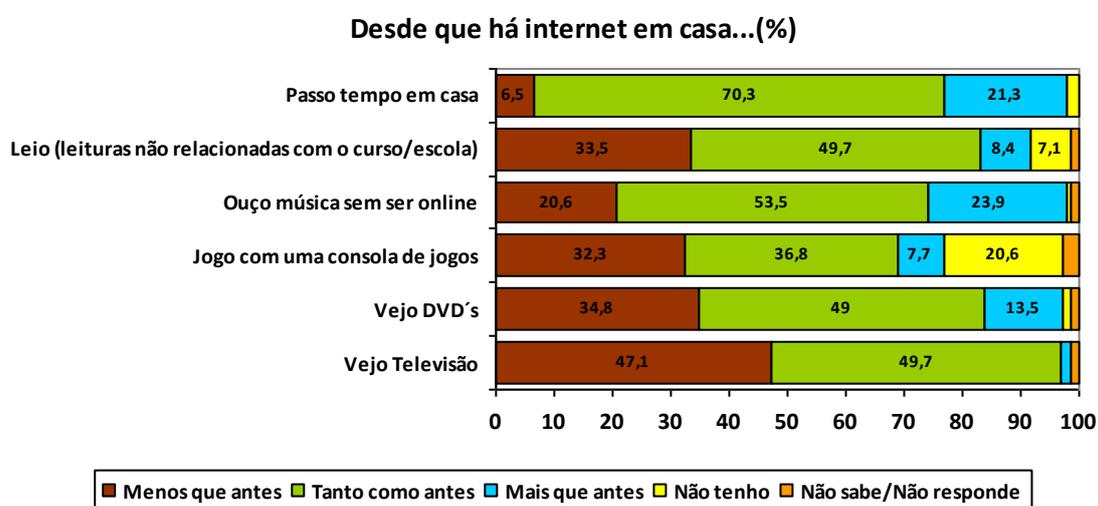
Gráfico 2.47
Os meus pais impõem-me um limite de horas para utilizar a internet? (por género %)



7.2. Usos do tempo

Os inquiridos garantem que a presença da internet em casa não retirou tempo a outras actividades, dado que em todas práticas questionadas a maioria dos jovens refere continuar a realizar ou a dedicar-se a estas com a mesma intensidade. As práticas que menos sofreram alterações nos hábitos diários dos inquiridos foram o tempo passado em casa (70,3%) e ouvir música sem ser online (53,5%), curiosamente as mesmas a que os inquiridos dizem agora dedicar mais tempo (passar tempo em casa – 21,3%; ouvir música – 23,9%). Por outro lado, a utilização da web veio desencadear a diminuição da prática de ver televisão (47,1%), e o decréscimo do visionamento de DVD's (34,8%).

Gráfico 2.48



Um maior número de raparigas do que rapazes garante que a introdução da internet em casa não afectou o tempo dedicado a outras actividades. As práticas que menos sofreram com a utilização da net, para ambos os sexos, foram o tempo passado em casa (raparigas, 75%; rapazes, 67,4%) e ouvir música (raparigas, 63,3%; rapazes, 47,4%). No entanto, a navegação online veio retirar tempo, no caso das raparigas, principalmente à televisão (38,3%) e à leitura (31,7%) e no caso dos rapazes também à prática de ver televisão (52,6%), que é inclusive o único caso em que há um maior número de inquiridos a dizer que, desde que tem internet em casa, dedicam menos tempo a esta actividade do que antes de a terem e ao visionamento de DVD's - 37,9% assistem agora menos a filmes do que antes de terem internet.

Gráfico 2.49

Desde que há internet em casa...(sexo feminino %)

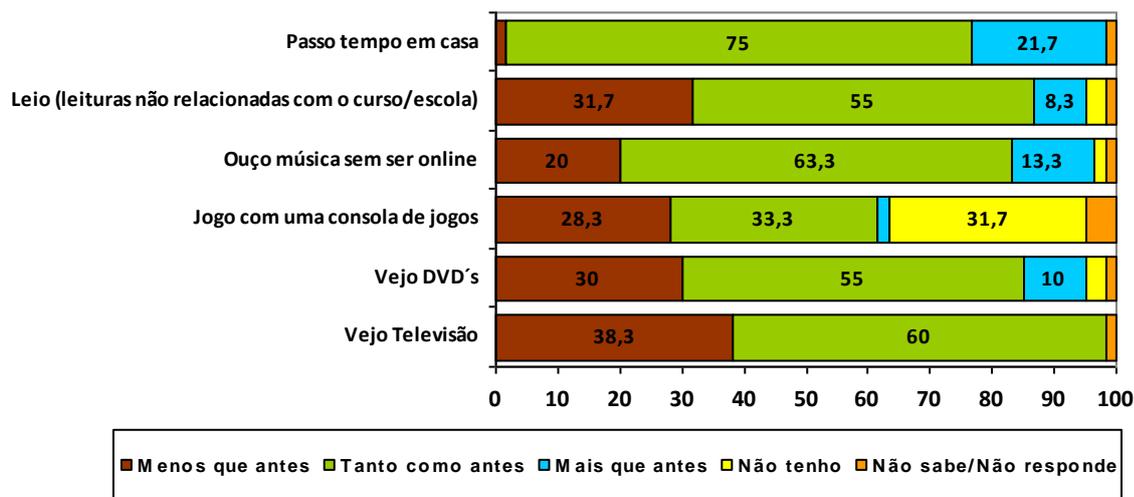
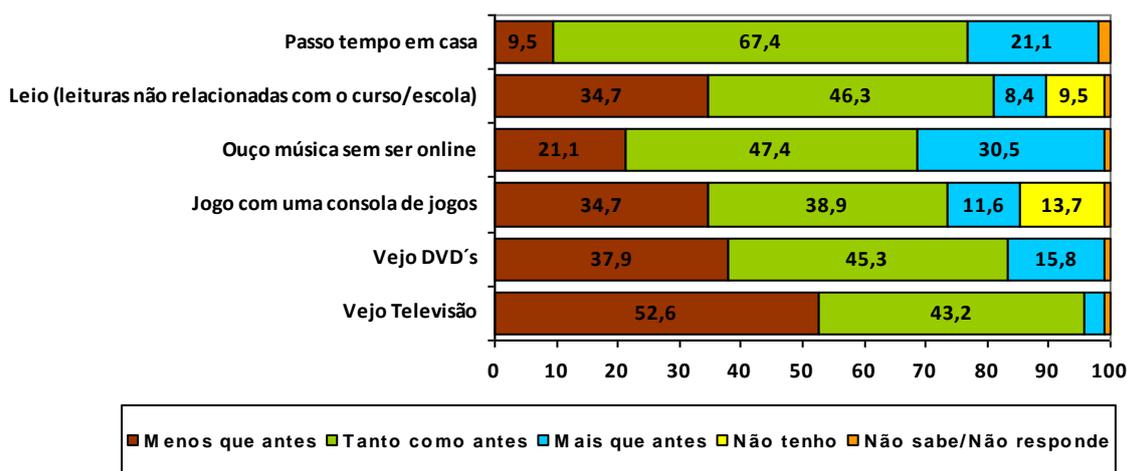


Gráfico 2.50

Desde que há internet em casa...(sexo masculino %)



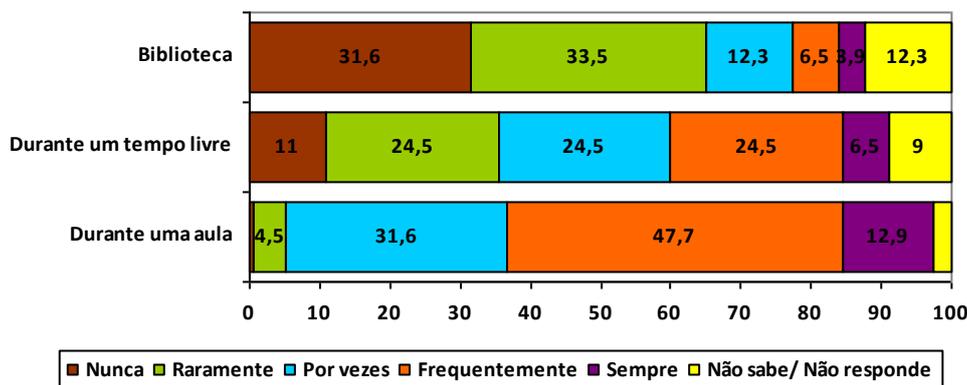
8. Internet na escola

A utilização da internet na escola decorre frequentemente durante uma aula (47,7%). Apenas 4,5% disse que a navegação online nas aulas ocorre raramente. Os tempos livres são o segundo momento de maior uso da net no estabelecimento escolar.

As bibliotecas das escolas, apesar de equipadas com computadores e acesso à internet, não são locais preferenciais para navegar online: 31,6% diz nunca utilizar a internet nestes espaços e 33,5% fá-lo raramente. A elevada percentagem de jovens que tem computador portátil permite que o acesso à internet seja efectuado em qualquer local, o que diminui a necessidade de recorrer a espaços com net dentro do estabelecimento escolar.

Gráfico 2.51

Na escola utilizo a internet... (%)



A análise da utilização da internet na escola, por género, mostra-nos que são os rapazes que mais acedem à web durante as aulas (62,1%), embora mais de metade das raparigas (58,3%) também o faça frequentemente. A elevada regularidade com que os jovens acedem à internet nas aulas, faz com que nenhum rapaz tenha dito nunca utilizar a web durante este momento e apenas uma rapariga o tenha feito.

A navegação online durante um tempo livre é menos frequente entre os rapazes do que entre as raparigas. Apenas 1,6% separa as raparigas e os rapazes que admitem aceder à web com regularidade nos tempos livres, sendo que são elas que mais o fazem. A biblioteca é um espaço mais utilizado pelos rapazes (5,3% sempre e 7,4% frequentemente) do que pelas raparigas (1,7% sempre e 5% frequentemente) para usar a internet.

Gráfico 2.52

Na escola utilizo a internet ... (sexo feminino %)

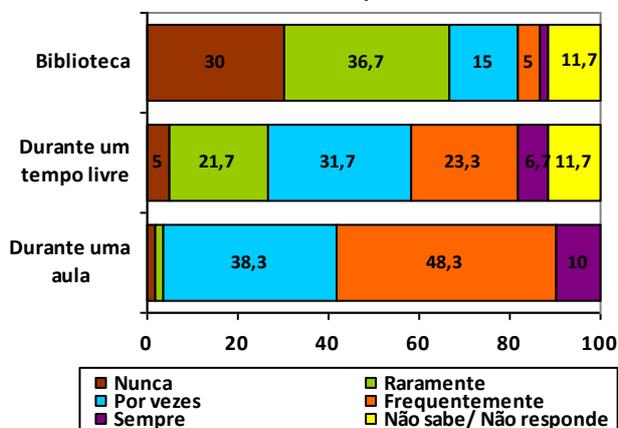
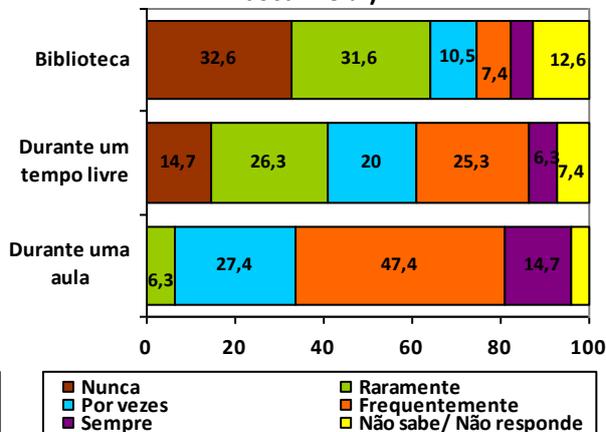


Gráfico 2.53

Na escola utilizo a internet ... (sexo masculino %)

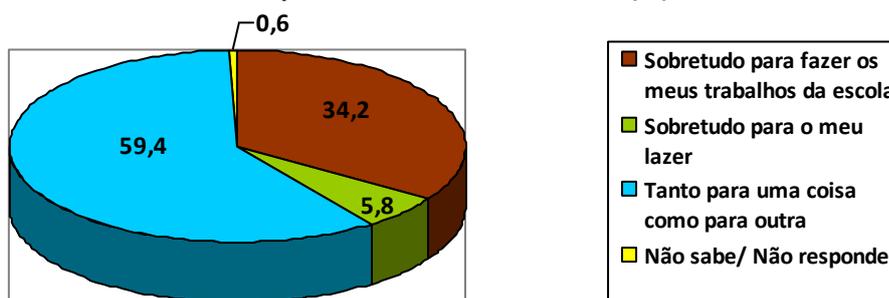


8.1. Finalidade da utilização da internet na escola

Quase sessenta por cento (59,4%) dos inquiridos afirmam que na escola utilizam a internet tanto para fazer trabalhos escolares como para lazer. Os que diferenciam as duas práticas apontam os trabalhos para a escola como a principal finalidade do uso da web (34,2%). Talvez por isso mais de metade dos jovens digam utilizar a internet na escola essencialmente durante uma aula. Apenas 5,8% refere o lazer como o principal motivo de acesso à net no estabelecimento escolar.

Gráfico 2.54

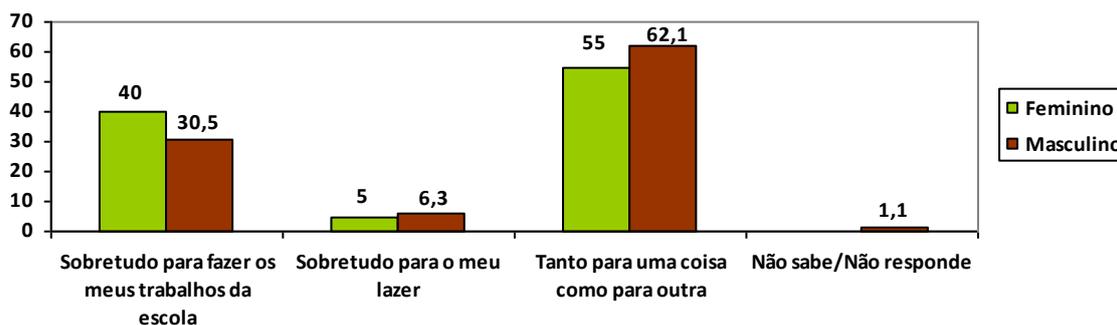
Na escola quando utilizo a internet é... (%)



Mais rapazes (62,1%) do que raparigas utiliza a internet no estabelecimento escolar tanto para realizar trabalhos da escola como para lazer. No entanto, a percentagem de raparigas (40%) que acede à web para elaborar trabalhos escolares é maior do que no caso dos rapazes (30,5%), que preferem em maior número (6,3%) usar a internet para o lazer.

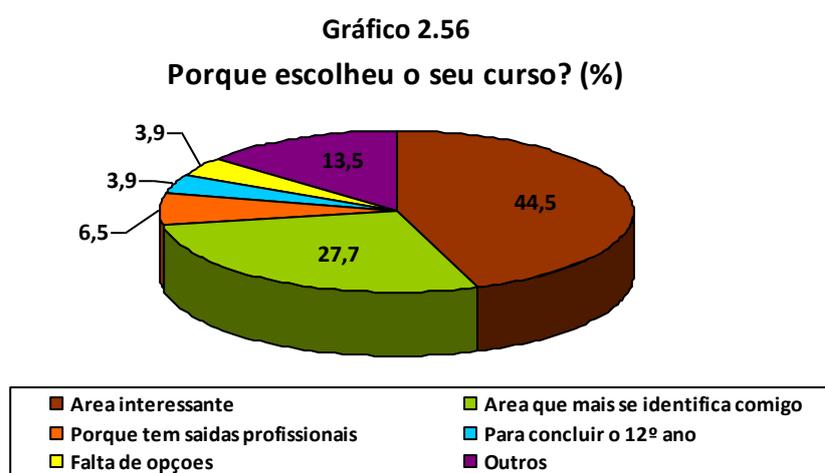
Gráfico 2.55

Na escola quando utilizo a internet é...(por género %)



Para os jovens inquiridos as principais razões de escolha dos cursos profissionais que frequentam não têm ligação com a possibilidade de utilização das novas tecnologias, nomeadamente a internet. Apenas um aluno citou este motivo. Quase 45% aponta o interesse da área que estudam como a principal causa para a escolha do curso e 27,7% lembra que a identificação com a área de estudos foi a razão que os levou a optar pelo seu curso profissional (27,7%). A conclusão do 12º ano e a oportunidade de emprego são também

factores motivadores para a sua opção de estudos no ensino secundário. No entanto, a mesma percentagem dos que apontam a conclusão deste ciclo (3,9%), diz que a falta de opções noutras áreas é que os levou a frequentar o actual curso. As razões de escolhas dos jovens são fundamentalmente motivadas por factores de identificação com a área e pela obtenção de melhores oportunidades de emprego, do que pelo contacto com as novas tecnologias (internet) que os cursos profissionais de Comunicação e Informática proporcionam, o que revela que a generalização e facilidade no seu acesso faz com que esta não constitua uma das motivações principais para optar por áreas ligadas às novas tecnologias.



Conclusão

As gerações mais novas têm crescido no meio de mudanças importantes no domínio da interactividade e da comunicação e no meio de um sistema de múltiplos produtores e distribuidores. As novas competências parecem estar a ser adquiridas intuitivamente pelos mais novos, como a forma de explorar a interligação entre as várias realidades mediáticas e a forma de operar vários expedientes mediáticos simultaneamente (Cardoso, Espanha e Lapa, 2009:9).

Para a actual geração de jovens o convívio com a internet é algo natural, nasceram e cresceram numa sociedade rodeada de media e de tecnologias da comunicação, pelo que lhes é difícil imaginar outro cenário.

O estudo desenvolvido para este trabalho teve como linhas de investigação a clarificação da imagem/representação, apropriação e utilização da internet dos jovens dos cursos profissionais de Comunicação e Informática, e que por isso têm obrigatoriamente acesso a computadores com ligação à internet.

Ao nível da representação, os jovens estudantes percebem a internet como algo revolucionário, que veio melhorar a comunicação entre as pessoas e reforçar laços de amizade

e de solidariedade. A maioria dos inquiridos considera a internet um meio fácil de utilizar e que pode, inclusive, criar oportunidades de emprego. Apesar da generalização de acesso à rede, os jovens não acreditam que a internet vá substituir outros meios ou espaços, como é o caso da televisão, da leitura e da escola. Para estes internautas, o controlo dos conteúdos online deveria ser mais apertado, pois as informações ali contidas não são totalmente fiáveis.

Apesar de entre sexos, as opiniões não serem muito diferentes, os rapazes revelam-se mais confiantes nas potencialidades e utilidade da internet do que as raparigas. Talvez, e justificando desde já, as conclusões que foram apuradas neste estudo, as modalidades de apropriação, representação e utilização, apesar de cada vez mais esbatidas entre os sexos, revelarem ainda uma maior cultura masculina relativamente à tecnologia do que feminina. As raparigas, por exemplo, demonstram menos curiosidade e entusiasmo do que os rapazes face a certos instrumentos de comunicação: as suas práticas articulam-se em geral em torno do sentimento de vínculo, em valores de cooperação e afectividade. As modalidades de apropriação dos ecrãs digitais por parte dos rapazes são muito diferentes. A cultura dos jogos de vídeo é claramente masculina, já que cria uma forte sociabilidade de grupo entre eles e favorece a identificação com modelos de virilidade, de força e até mesmo de violência. Os rapazes também utilizam mais o computador do que as raparigas, têm mais curiosidade pelas novas tecnologias, parecem ser mais habilidosos na manipulação dos equipamentos. Não há dúvida de que a iniciação precoce dos rapazes em relação à técnica é encorajada pela educação que os pais lhes dão e explica, em parte, este maior domínio de conhecimentos.

As TIC são marcas da construção de identidade sexuada: o sexo, ou o género, é uma das variáveis discriminantes e tem influência nas formas de utilização. Os indivíduos dos dois sexos recorrem a todos os instrumentos de comunicação, mas as formas de utilização organizam-se de modo distinto conforme se é homem ou mulher. Estas formas de apropriação têm início na infância: as utilizações por parte das raparigas baseiam-se no relacionamento, enquanto nos rapazes assentam na autonomia. Reencontramos esta clivagem dentro da célula familiar, também ela impregnada deste tipo de diferenças: as interacções familiares relativamente ao computador são mais centradas nas relações filho/pai e rapaz/irmão. Apesar das Tecnologias da Informação não terem sexo, não são neutras: têm uma incidência nas práticas, como o demonstra o carácter socialmente sexuada da informática. Pode concluir-se que os “instrumentos de comunicação nos informam sobre o género, género esse que é construído por práticas sociais e culturais, no seio das quais as práticas de comunicação desempenham um papel central.” (Rieffel, 2003:218-219).

Quase a totalidade dos inquiridos (97,4%) neste estudo era utilizador da internet há mais de seis meses, utilizando-a diariamente sobretudo para trabalho e lazer. Cerca de 67% dos jovens não consegue escolher apenas uma utilização principal para a internet, mas de entre os que o fazem, 57,4% diz que a internet serve essencialmente para lazer e 37,4% para fazer trabalhos.

À medida que a frequência de utilização diminui, deixando de ser diária, a realização dos trabalhos escolares ganha um peso superior à utilização da internet tanto para a escola como para lazer e superior à utilização deste meio apenas para entretenimento.

Diariamente mais raparigas do que rapazes utiliza a internet com fins escolares, enquanto eles estão à frente no seu uso para lazer e para ambas as actividades.

A casa e a escola são os locais principais onde o acesso à internet se concretiza (41,9%). No entanto, 40% aponta o lar como o lugar primordial de utilização do meio online e 9% exclusivamente a escola. O estabelecimento escolar assume neste estudo uma importância estratégica de promoção da info-literacia, mas essencialmente de complemento ao acesso realizado em casa.

Grande parte do dia dos jovens é passado a navegar na internet tanto durante a semana como ao fim-de-semana, não havendo diferenças significativas no tempo gasto online nos diferentes períodos. Mais de metade dos inquiridos (50,3%) usa a internet mais de cinco horas diárias de segunda a sexta-feira e ao fim-de-semana (53,3%). São mais os rapazes do que as raparigas que mais tempo dispõem a navegar na web (mais de cinco horas). Geralmente, elas apresentam taxas de utilização maiores quando o tempo passado online é menor.

Durante as horas de navegação na internet os jovens dedicam-se principalmente a visitar sites, a ver filmes/vídeos e a ouvir música, assim como a fazer downloads. A comunicação online é também dos usos mais realizados pelos internautas, que se concretiza essencialmente através da consulta de emails e da comunicação em directo com outros utilizadores. A procura de informações para trabalhos escolares, imagens e sobre assuntos específicos tem também algum peso na navegação dos jovens, que se assumem mais como consumidores do que produtores de conteúdos para a web (41,3% tem uma página online e 40,6% não; 26,5% tem um blogue e 52,3% não). Há um maior número de rapazes do que raparigas a produzir conteúdos, seja através da criação de páginas web, seja através da criação de blogues. São também eles os que dedicam mais tempo de navegação com o intuito de entretenimento (jogar jogos, fazer downloads, ver vídeos/filmes, ouvir música, etc.). Já o sexo feminino perde mais tempo a comunicar pela internet, tanto no envio de emails, como a comunicar em directo com outros internautas. A procura de informações para trabalhos

escolares também recolhe maior atenção por parte das jovens do sexo feminino do que dos jovens do sexo oposto.

Quanto à forma de navegação do público analisado, este navega sobretudo através do recurso a motores de busca. Os “favoritos” são também uma opção adoptada pelos jovens, assim como a redacção da morada da página à qual se pretende aceder, o que revela os conhecimentos dos jovens quanto a sítios online. Neste campo, são os amigos que funcionam maioritariamente como fonte de informação sobre sites, enquanto o núcleo familiar, pais e irmãos, são os menos utilizados para recolher informação sobre locais importantes a aceder na internet. Estes dados são explicados essencialmente porque os amigos fazem parte da mesma geração e partilham os mesmos gostos e interesses e fazem uma utilização semelhante deste meio

A internet é também um “espaço” onde a criação de laços de amizade se estabelece. Cerca de 82% dos jovens já fez amigos na internet, sendo que os rapazes são mais abertos à realização de amizades online (84,2%) do que as raparigas (78,3%), embora como podemos comprovar as taxas sejam elevadas no caso de ambos os sexos. Apesar destes laços a utilização partilhada da navegação em casa de amigos é pouco frequente. Aliás, 51% dos jovens revela que navega sempre de forma solitária e 38,7% fá-lo deste modo frequentemente.

A utilização da internet em conjunto com os pais nunca tem lugar para 29% e para 39,4% só raramente ocorre, enquanto 23% garantem também nunca partilhar o uso da web com os irmãos. Apesar disto, e da diferença entre os sexos não ser significativa, são mais as raparigas do que os rapazes que partilham a navegação online com a família.

Quase noventa e nove por cento dos jovens inquiridos (98,7%) garante ter internet em casa, sendo que destes 76,8% tem um computador portátil com ligação à internet e por isso pode aceder à web onde e quando quiser. O acesso à internet a partir dos seus lares ocorre também há mais de seis meses para 90,3%, pelo que não foi o percurso escolar, com o ingresso nos cursos profissionais ligados às novas tecnologias, que veio criar condições para a ligação à internet a partir de casa, embora para 7,7% que diz ter acesso ao meio online em casa apenas entre um e seis meses, essa possa ter sido a realidade. Não esqueçamos que o projecto do Governo “E-escolas” veio possibilitar que muitos jovens pudessem ter um computador com ligação à internet a preços mais reduzidos, ou mesmo gratuitos, para famílias carenciadas.

Em casa os computadores encontram-se para a maioria dos jovens (73,5%) nos seus quartos, sendo a sala o segundo lugar de localização dos PC's (38,7%) e depois o escritório

(31,6%). Cerca de vinte e dois por cento aponta o quarto dos irmãos, enquanto o dos pais apenas é referido por 7,7%.

Há mais rapazes (76,8%) do que raparigas (68,3%) com computador ligado à internet nos seus quartos, sendo que é em casa das jovens do sexo feminino (41,7%), do que dos jovens do sexo masculino (36,8%), que há mais computadores na sala.

Sem surpresa, para 78,7% dos internautas são os filhos quem mais usam a internet, enquanto 16,8% aponta tanto os filhos como os pais, ao passo que apenas 1,3%, o que equivale a dois inquiridos, referiu os progenitores como os maiores utilizadores da web. Por isso, 58,7% e 60%, respectivamente, dizem que o pai e a mãe não usam a internet nem para fins pessoais, nem no emprego. Acreditamos que um dos factos que explica estes dados tenha que ver com a baixa escolaridade dos pais, uma vez que a maioria (71,6% pai e 62,6% mãe) dos jovens refere que os progenitores apenas frequentaram a escola até ao 9º ano de ensino. Estes pais fazem ainda parte da primeira geração informacional correspondente aos indivíduos nascidos entre a segunda metade dos anos 60 e o final dos anos 70, que apenas conheceram os primeiros computadores pessoais e que não conviveram na infância e adolescência com a internet, que dava os primeiros passos.

Talvez esta falta de familiaridade com as novas tecnologias leve a que quase quarenta por centos dos jovens (38,7%) diga que os pais não se preocupam com o que fazem online, 31,6% não saiba sequer se os pais se preocupam e apenas 28,4% admita que a sua navegação seja alvo de preocupação por parte dos progenitores. Os pais das raparigas são também mais preocupados do que os pais dos rapazes, mas por outro lado, e embora a diferença percentual não seja significativa, são os jovens do sexo masculino que mais referem ter um limite de horas para navegar na internet (14,7%), enquanto o mesmo só se passa para 11,7% das jovens do sexo feminino. No entanto, 85,2% dos internautas não tem limite de horário para utilizar a internet.

A presença deste meio em casa não desvalorizou ou retirou tempo a outras actividades. Os inquiridos garantem continuar a ter as mesmas práticas que antes da existência da internet em casa. No entanto, apontam o tempo de visionamento da televisão e de DVD's como as actividades que mais sofreram com a inclusão da internet nos lares.

Um maior número de jovens do sexo feminino do que do sexo masculino garante que a internet em casa não afectou o tempo dedicado a outras actividades. O tempo passado em casa e a audição de música sem ser online foram as práticas que menos sofreram com a introdução da web, para todos os inquiridos. As raparigas, contudo, admitem que a navegação online possa retirar algum tempo à televisão e à leitura, enquanto os rapazes referem

igualmente a televisão, que é inclusive o único caso em que há um maior número de inquiridos a dizer que, desde que tem internet em casa, dedicam menos tempo a esta actividade do que antes de a terem, e ao visionamento de DVD's.

Na escola a utilização da internet decorre essencialmente durante as aulas e só depois durante os tempos livres. Apesar de equipadas com computadores com ligação à internet, as bibliotecas não são espaços onde o acesso à internet costume ocorrer. Talvez porque como vimos, sejam já muitos os jovens que têm portátil com ligação à internet e por isso possam aceder a este meio em qualquer espaço, sem se sujeitarem às condicionantes das bibliotecas que requerem silêncio e onde as conversas com colegas são mais refreadas.

São os rapazes que mais acedem à internet durante as aulas e nas bibliotecas, ao passo que durante os tempos livres são elas as maiores utilizadoras.

O acesso à internet que ocorre no interior do estabelecimento escolar tem como objectivo, para quase sessenta por cento dos jovens, a realização de trabalhos escolares e o entretenimento. Os que diferenciam estes fins apontam a elaboração dos trabalhos da escola como o principal objectivo para o uso da web e só depois o lazer. Mais rapazes do que raparigas aponta a realização de trabalhos e o entretenimento como a finalidade da utilização da internet, embora, isoladamente, a realização dos trabalhos seja o fim mais apontado pelas jovens do sexo feminino do que pelos jovens do sexo masculino, que usam mais do que elas a internet para lazer.

Mais importante do que a disponibilidade de acesso à internet e ao computador, que como vimos começa já a ser frequente nos estabelecimentos escolares, é a literacia dos media nas escolas logo nos primeiros anos, embora, obviamente, adaptada às idades e interesses das crianças ou jovens. Indo além das suas características técnicas, pode proporcionar ambientes de conversação e de produção de mensagens que contribuam para um conhecimento mais informado e crítico sobre os conteúdos e os seus processos de selecção e de construção, não esquecendo as dimensões lúdicas, estéticas, sociais e éticas. (Rebelo, 2008:293)

Os inquiridos revelaram que a escolha dos seus cursos profissionais não teve ligação com a possibilidade de utilização das novas tecnologias, nomeadamente o acesso à internet. Os principais motivos estão relacionados com o interesse na área e a identificação com esta, assim como a conclusão do ensino secundário ou as oportunidades de emprego de que podem auferir por frequentarem aqueles cursos. Estes motivos mostram que a generalização e o acesso à internet de que os jovens, principalmente que se encontram ainda a estudar, auferem, faz com que esta não constitua uma das motivações de opção por uma área de estudos ligada às novas tecnologias.

Este estudo revela que a imagem, apropriação e utilização da internet pelos jovens, independentemente do seu percurso escolar e da sua maior familiaridade e/ou possibilidade de contacto com a internet é similar à de todos os jovens que têm acesso à internet, sem grandes clivagens entre sexos, já que não há disparidades acentuadas ou significativas com os estudos nacionais que foram sendo abordados no decorrer deste trabalho.

Claro, que há ainda hoje jovens, no que respeita à familiarização e utilização de computadores e internet com um menor capital, ou seja, com menos competências e conhecimentos nesta área. No entanto, actualmente quase 70% dos jovens são já utilizadores da internet, apesar destes pouco mais de metade ter acesso à internet em casa (Cardoso, Espanha e Lapa, 2009:33). Parece-nos que é aqui que a escola tem o seu principal papel ao permitir o desenvolvimento e promoção da info-literacia de sectores da população juvenil que não têm acesso à internet em casa e de complementar neste espaço o acesso e conhecimentos daqueles que têm.

Uma das limitações sobre a qual devemos reflectir tem que ver com o objecto de estudo. A utilização de 155 alunos de um concelho, com características económicas, demográficas e sociais específicas pode constituir um entrave à generalização destas conclusões a todo o país. Cremos, por isso, que seria pertinente num futuro, quiçá próximo, poder realizar-se um estudo semelhante com grupos de jovens dos cursos profissionais de Comunicação e Informática, como foi este o caso, de diferentes distritos do país.

A falta de estudos sobre a relação dos jovens dos cursos profissionais, em geral, com a internet pensamos constituir também uma base fundamental de estudo, principalmente numa altura em que há cada vez mais jovens a ingressar neste tipo de cursos, que têm nos últimos anos crescido exponencialmente, não só em escolas vocacionadas para tal, como nas escolas públicas de ensino regular. Será diferente a imagem, utilização e apropriação dos jovens que optam por percursos escolares mais práticos, virados para o “saber fazer”?; terão as novas tecnologias, e mais especificamente, a internet, um papel nestas escolhas? São algumas das questões que estudos futuros podem vir a dar resposta. Os dados neste estudo apresentados são essencialmente indicativos de uma realidade, devendo constituir um ponto de partida para futuras investigações, no sentido de averiguar também a existência de fenómenos de replicação noutros contextos.

Muito tem sido escrito sobre este tema, mas a sua capacidade de mutação, crescimento e desenvolvimento parecem não esgotar as potencialidades de abordagem do assunto, tanto mais, que o jovem de hoje, nunca será igual ao de “amanhã”.

Bibliografia

• Livros

Cardoso, Gustavo (1998), *Para uma Sociologia do Ciberespaço: Comunidades Virtuais em Português*, Oeiras, Celta Editora.

Cardoso, Gustavo, *et al.* (2005), *A Sociedade em Rede em Portugal*, Porto, Campo das Letras

Cardoso, Gustavo, Rita Espanha e Tiago Lapa (2009), *Do quarto de dormir para o Mundo: Jovens e Media em Portugal*, Lisboa, Âncora Editora

Castells, Manuel (2002), *La galaxie Internet*, Paris, Fayard

Castells, Manuel, *et al.* (2005), *A Sociedade em Rede em Portugal*, Campo das Ciências, Lisboa

Cruz, M. (1995), *Teorias Sociológicas - Os Fundadores e os Clássicos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Holtzman, J. (1997), *Digital Mosaics – The Aesthetics of CYBERSPACE*. New York, SIMON & SCHUSTER Inc.

Livingstone, Sonia (2002), *Young People and New Media: Childhood and the Changing Media Environment*, Londres, Sage

Nora, D. (1997), *Les conquérants du cybermonde*. Saint-Amand (França): Éditions Gallimard.

Oliveira, José Manuel Paquete, Gustavo Cardoso e José Jorge Barreiros (2004), *Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação*, Lisboa, Quimera

Papert, Seymour. (1997), *A Família em Rede*, Lisboa, Relógio de Água.

Quivy, Raymond e Luc Van CANPENHOUDT (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, trad. João Minhoto Marques, Maria Amália Mendes e Maria Carvalho, 2ª Ed. (1ª ed.1995), Lisboa, Gradiva.

Rebelo, José (2003a), *A Comunicação: Temas e Argumentos*, Coimbra, MinervaCoimbra

Rebelo, José (coord.) (2003b), *Novas Formas de Mobilização Popular*, Porto, Campo das Letras

Rebelo, José (2008), *Estudo de Recepção dos Meios de Comunicação Social*, Lisboa, Entidade Reguladora para a Comunicação Social

Rheingold, Howard (1996), *A Comunidade Virtual*, Lisboa, Gradiva.

Rieffel, Rémy (2003), *Sociologia dos Media*, Porto, Porto Editora

Rivoltella, Pier Cesare (2006), *Screen Generation: Gli adolescenti e le prospettive dell'educazione nell'età dei media digitali*, Milão, V&P Università

Santos, Rogério (1998), *Os Novos Media e o Espaço Público*. Lisboa: Gradiva – Publicações, Lda.

Tapscott, Don. (1998), *Growing Up Digital: The Rise of the Net Generation*. United States of America: The McGraw-Hill Companies, Inc.

Thompson, John. (1998). *Los media y la modernidad – una teoria de los médios de comunicación*. Barcelona, Ediciones Paidós Ibérica, S.A.

Wall, Karin, *et al.* (2007), *Famílias e Género em Portugal e na Europa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais

- **Dissertação de mestrado**

Ramos, P. (1998). *Do espaço público de Habermas ao novo espaço público na era da revolução informativa*, dissertação de mestrado em Ciências da Comunicação, Covilhã

- **Textos em colectâneas e Artigos**

Cardoso, Gustavo, Rita Espanha e Tiago Lapa (2008), “Dinâmica familiar e interação em torno dos media: autonomia dos jovens, autoridade e controlo parental sobre os media em Portugal”, em *Comunicação e Sociedade*, nº 13, CECS, Universidade do Minho

Espanha, Rita, Gustavo Cardoso, e Luís Soares (2005), “Do Multimédia à Comunicação Wireless: as dietas de media portuguesas”, em Gustavo Cardoso e Manuel Castells (orgs.), *A Sociedade em Rede. Do Conhecimento à Acção Política*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda

Flusser, V. (1998). “Agrupamento ou Interconexão?” em C. Giannetti (Ed.), *ARS Telemática - Telecomunicação, Internet e Ciberespaço*. Lisboa, Relógio D’Água Editores, pp. 21-28.

Mesch, G (2006). “Family characteristics and intergenerational conflicts over the internet”, em *Information, Communication & Society*, 9(4): 473-495

Tubella, Imma (2005), “Televisão e Internet na Construção da Identidade”, em Gustavo Cardoso e Manuel Castells (orgs.), *A Sociedade em Rede. Do Conhecimento à Acção Política*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda

Viseu, Sofia (2003), “Os alunos, a internet e a escola: Contextos organizacionais, estratégias de utilização”, em *Colecção Práticas Pedagógicas*, 17, Lisboa: Ministério da Educação

- **Pesquisa Multimédia**

Abrantes, José Carlos (2002) “Os Jovens e a Internet. Representação, utilização, apropriação”, Biblioteca Online de Ciências Sociais. Consultado em 23 de Abril de 2009 através de <http://www.bocc.uff.br/pag/texto.php?html2=abrantes-jose-carlos-jovens-internet.html>

Baltazar, Neusa, (s.a.), “Crescer com a Internet: Desafios e Riscos”, Biblioteca Online de Ciências Sociais, Universidade do Algarve. Consultado em 23 de Abril de 2009 através de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/baltazar-neusa-crescer-internet-desafios-riscos.pdf>

Cardoso, Gustavo *et al.* (2007), “Portugal Móvel. Utilização do Telemóvel e Transformação da Vida Social”, OBERCOM – Observatório da Comunicação. Consultado em 20 de Novembro de 2009 através de <http://www.obercom.pt/client/?newsId=29&fileName=rr4.pdf>

Cardoso, Gustavo *et al.* (2007), “Portugal Móvel – Utilização do Telemóvel e Transformação da Vida Social”, Lisboa: CIES-ISCTE. Consultado em 25 de Março de 2010 através de <http://www.obercom.pt/client/?newsId=29&fileName=rr4.pdf>

Cardoso, Gustavo *et al.* (2008), “E-Generation: Os Usos de Media pelas Crianças e Jovens em Portugal”, Lisboa, CIES-ISCTE. Consultado em 25 de Março de 2010 através de <http://www.obercom.pt/client/?newsId=29&fileName=rr8.pdf>

Cardoso, Gustavo *et al.* (2009), “A Internet em Portugal 2009”, Lisboa: CIES-ISCTE. Consultado em 25 de Março de 2010 através de http://www.obercom.pt/client/?newsId=428&fileName=rel_internet_portugal_2009.pdf

Cardoso, Gustavo *et al.* (s.a.), “A Internet em Portugal 2003-2007”, Lisboa, CIES-ISCTE. Consultado em 25 de Março de 2010 através de http://www.obercom.pt/client/?newsId=428&fileName=relatorio_internet_novo.pdf

Hamman, R. (1999). “Computer Networks Linking Network Communities: A Study of the Effects of Computer Network Use Upon Pre-existing Communities”. Consultado em 24 de Novembro de 2009 através de <http://cybersoc.blogs.com/mphil.html>

Justiça, Maria Paula (s.a.), “A Internet no Contexto Escolar”, Biblioteca Online de Ciências Sociais. Consultado em 22 de Março de 2010 através de <http://www.bocc.uff.br/pag/justica-paula-internet-contexto-escolar.pdf>

Lee, Christina e Denise Conroy (2003), “The Internet: A Consumer Socialization Agent For Teenagers”. Consultado em 25 de Março de 2010 através de <http://docs.google.com>

Lyon, D. (1995). “Cyberspace Sociality and Virtual Selves: Change and Critique”. Consultado em 30 de Agosto de 2002 através de <http://www.tees.ac.uk/tcs/socandvirt.html>

Marcelo, Ana Sofia, (2001), “Internet e Novas Formas de Sociabilidade”, Biblioteca Online de Ciências Sociais, Universidade da Beira Interior. Consultado em 25 de Março de 2010 através de <http://www.bocc.uff.br/pag/marcelo-ana-sofia-internet-sociabilidade.pdf>

Sala, Xavier Bringué e Cristina Sánchez Blanco (2005), “Los niños y sus pantallas ¿quién será capaz de mediar?”. Consultado em 5 de Maio de 2009 através de http://generacionesi.net/recursosdoc/cicom_bringue_sanchez.pdf

Serra, Paulo (s.a.), “A Internet como recurso educativo”, Biblioteca Online de Ciências Sociais. Consultado em 22 de Março de 2010 através de <http://www.bocc.uff.br/pag/serra-paulo-internet-recurso-educativo.pdf>

Tadeia, Patrícia, (14 de Novembro de 2007), “A internet divide as famílias?”, Jornal Metro. Consultado em 12 de Maio de 2009 através de www.readmetro.com

- **Outras fontes**

Livro Verde para a Sociedade de Informação em Portugal. Consultado a 15 de Janeiro de 2010 através de <http://www.aceso.umic.pt/docs/lverde.htm>

Microsoft Portugal. Dia Europeu da Internet Segura 2010. Consultado a 20 de Março de 2010 através de <http://www.microsoft.com/portugal/presspass/imprensavirtual/netsegura2010.msp>

ANEXO A

Questionário

“A relação dos estudantes dos cursos profissionais de Comunicação e Informática do concelho de Caldas da Rainha com a Internet”

Este questionário insere-se no âmbito da realização de uma dissertação de mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE-IUL) que tem como objectivo estudar a relação dos estudantes dos cursos profissionais existentes no concelho de Caldas da Rainha da família profissional de Comunicação, Som e Imagem e Informática com a Internet.

A dissertação pretende analisar três questões centrais.

- 1 - A representação que os jovens têm da Internet (avaliar a imagem da Internet entre os jovens)
- 2 - A utilização efectiva que os jovens fazem da Internet (condições concretas de utilização)
- 3 - A apropriação da Internet pelos jovens. Avaliar o grau de integração nos hábitos de vida deste público.

As respostas às perguntas contidas neste questionário permanecerão estritamente confidenciais e serão utilizadas apenas para um fim científico.

Os dados serão sempre analisados de forma agrupada e não individualmente.

Sem a sua participação, através da resposta a este questionário, a dissertação de mestrado não se poderá realizar

Opinião sobre a Internet

1- Seguem-se várias frases que exprimem determinadas opiniões sobre a Internet

Para cada frase assinale a opção que corresponde à SUA OPINIÃO.

Mesmo que nunca tenha utilizado a Internet dê a SUA OPINIÃO

		Discorda totalmente	Discorda	Não concorda nem discorda	Concorda	Concorda totalmente	Não tem opinião
		1	2	3	4	5	6
a	A internet é revolucionária						
b	A internet substitui a leitura						
c	A internet substitui a Televisão						
d	Quando se tem internet em casa passa-se menos tempo a ver TV						
e	A internet é uma perda de tempo						
f	A internet permite melhorar a comunicação entre as pessoas						
g	A internet afecta a relação directa entre as pessoas						
h	Quando temos Internet em casa falamos menos uns com os outros						
i	A internet reforça laços de amizade e de solidariedade						
j	Aprende-se muito facilmente a utilizar a internet						
k	Uma vez que se tenha começado a utilizar a internet não se pode passar sem ela						
l	Muitas vezes é difícil encontrar o que se procura na internet						
m	A internet é antes de mais uma forma de entretenimento						
n	Deveria controlar-se os conteúdos da internet						
o	A internet é uma ameaça para a língua portuguesa						
p	Para fazer uma pesquisa os livros são mais eficazes que a internet						
q	Para utilizar a internet é preciso dominar bem a Informática						
r	Para utilizar a internet é preciso dominar bem o Inglês						
s	No futuro, as pessoas vão passar a comprar quase tudo através da internet						
t	A internet oferece novas oportunidades de emprego						
u	A internet provoca desemprego						
v	Habitualmente podemos confiar nas informações que encontramos na internet						
w	A internet vai substituir a escola						

UTILIZAÇÃO DA INTERNET

2- Utilizo a Internet com que finalidade/frequência?

		a	Lazer	b	Trabalhos	c	Tanto para uma coisa como para outra
1	Todos os dias						
2	3 a 4 vezes por semana						
3	Uma vez por semana						
4	Menor frequência						
5	Não utilizo						

3- Utilizei a Internet pela primeira vez há....

1	Menos de um mês	
2	Entre um e seis meses	
3	Mais de seis meses	

4- Já fiz amigos através da Internet

1	Sim	
2	Não	

5- Utilizo a Internet em casa de amigos...

1	Sempre	
2	Frequentemente	
3	Por vezes	
4	Raramente	
5	Nunca	

6- Tenho uma página na Internet? E um blog?

		a	Página	b	Blogue
1	Sim				
2	Não				
3	Ainda não, mas estou a pensar em ter				

7- A seguir estão mencionadas várias actividades que se podem fazer na Internet.

Para cada actividade assinale a opção que melhor descreve a sua utilização pessoal da Internet

Em geral, quando vou para a Internet...

		Nunca	Raramente	Por vezes	Frequentemente	Sempre
		1	2	3	4	5
a	Visito "sites" (páginas Web)					
b	Procuo informações sobre áreas específicas; ciências humanas)					
c	Procuo informações para trabalhos escolares					
d	Brinco com jogos de vídeo online com outros utilizadores da Internet					
e	Comunico em directo com outros utilizadores da Internet					
f	Envio mensagens por correio electrónico (e-mail)					
g	Participo em grupos de discussão					
h	Respondo a sondagens ou a questionários					
i	Procuo imagens					
j	Vejo excertos de vídeos, ouço música, filmes					
k	Faço o "download" de jogos, música, filmes/séries ou software					
l	Encomendo ou compro produtos					
m	Deixo comentários nos "sites" que visito					
n	Eu próprio(a) crio páginas Web					
o	Clico nas publicidades					
p	Consulto meios de comunicação online					
q	Consulto referências e anuários (meteorologia, mapas, páginas amarelas, horários)					
r	Procuo informação sobre arte, espectáculos e entretenimento					
s	Consulto sites educativos e de programas escolares					
t	Assisto a jogos e consulto resultados e informações desportivas					
u	Visito blogues					
v	Crio blogues					

8- Habitualmente quando vou para "sites" da Internet ... (Navegação na Internet)

		Nunca	Raramente	Por vezes	Frequentemente	Sempre
		1	2	3	4	5
a	Navego clicando sobre palavras "botões" ou imagens					
b	Procuro "sites" específicos com os motores de pesquisa					
c	Vou para "sites" escrevendo a morada (exemplo: http://www...)					
d	Utilizo "bookmarks" (favoritos)					
e	Tento encontrar "sites" imaginando a morada					

9- Fontes de informação sobre sites... (quem lhe indica diferentes sites)

		Nunca	Raramente	Por vezes	Frequentemente	Sempre
		1	2	3	4	5
a	Amigos					
b	Irmãos e irmãs					
c	Pais					
d	Professores					
e	Televisão e Rádio					
f	Revistas ou jornais					
g	Outros sites					

10- Assinale a opção com que mais se identifica

		a	Tenho Internet em casa	b	Tenho portátil com ligação à Internet e uso onde necessito
1	Sim				
2	Não				

11- Tenho acesso à Internet em casa desde há ...

1	Menos de um mês	
2	Entre um e seis meses	
3	Mais de seis meses	

12- Onde utilizo mais a Internet?

13- Em média, quantas horas utiliza a Internet por dia de 2ª a 6ª feira? E ao fim-de-semana?

a	2ª a 6ª feira	b	Fim-de-semana

14- Os meus pais preocupam-se com o que faço na Internet?

1	Sim	
2	Não	
3	Não sei	

15- Os meus pais impõem-me um limite de horas para utilizar a Internet?

1	Sim	
2	Não	

16- Utilizo a Internet...

		Nunca	Raramente	Por vezes	Frequentemente	Sempre	Não tenho
		1	2	3	4	5	6
a	Com os meus irmãos						
b	Com amigos						
c	Com os meus pais						
d	Sozinho						

Responda se tiver Internet em casa, caso contrário passe para a secção "Internet na escola"

17- Quem utiliza mais a Internet em casa?

1	Filhos	
2	Pais	
3	Tanto uns como outros	

18- Desde que há Internet em casa...

		Menos que antes	Tanto como antes	Mais que antes	Não tenho
		1	2	3	4
a	Vejo televisão				
b	Vejo DVD´s				
c	Jogo com uma consola de jogos				
d	Ouço música sem ser online				
e	Leio (leituras não relacionadas com o curso/escola)				
f	Passo tempo em casa				

19- Em casa, onde se encontra o computador? (Se houver mais do que um computador em casa podes assinalar mais de uma opção)

1	Salão, sala de estar, sala de jogos	
2	Numa sala que serve de escritório	
3	No quarto dos meus pais	
4	No quarto dos meus irmãos	
5	No meu quarto	

Internet NA ESCOLA

20- Na escola, quando utilizo a Internet é ...

	a	Durante uma aula	b	Durante um tempo livre	c	Biblioteca
1	Nunca					
2	Raramente					
3	Por vezes					
4	Frequentemente					
5	Sempre					

21- Na escola, quando utilizo a Internet é ...

a	sobretudo para fazer os meus trabalhos da escola	
b	sobretudo para o meu lazer (exemplos: jogos, MSN, e-mail, etc.)	
c	tanto para uma coisa como para outra	

Reafirmando a confidencialidade da sua resposta a este questionário necessito que me forneça alguns dados pessoais

Caracterização dos Inquiridos

22- Idade

23- Sexo:

Feminino		Masculino	
1		2	

24- Ano de escolaridade:

1	10º ano	
2	11º ano	
3	12º ano	

25- Curso:

1	Curso Técnico de Multimédia	
2	Curso Técnico de Comunicação - Marketing, Relações Públicas e Publicidade	
3	Curso Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos	
4	Curso Técnico de Informática de Gestão	
5	Curso Técnico de Desenho Digital 3D	

26- Quantos irmãos tens?

Número de Irmãos

27- Idade dos irmãos

28- Idade dos pais

1	Pai	2	Mãe

29- Quantos anos de escolaridade concluíram os seus pais. Se não souber, diga o grau de escolaridade.

1	Pai	2	Mãe

30- Os seus pais utilizam habitualmente a Internet para fins pessoais ou no emprego?

	a	Pai	b	Mãe
Sim	1		1	
Não	2		2	

31- Porque é que escolheu o seu curso?

Obrigada pela sua participação